

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Wellington Migliari

**Filosofia e tragédia: o processo de reificação em
*Quincas Borba***

Versão Corrigida

**São Paulo
2011**

WELLINGTON MIGLIARI

**Filosofia e tragédia: o processo de reificação em
*Quincas Borba***

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre.

Orientadora de acordo: Profa. Dra. Cilaine Alves Cunha

**São Paulo
2011**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

MIGLIARI, Wellington.

Filosofia e tragédia: o processo de reificação em *Quincas Borba*. / Wellington Migliari; orientadora Cilaine Alves Cunha. – São Paulo, 2011.

173 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas) -- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Machado de Assis (1839-1908). 2. Literatura Brasileira – Crítica e interpretação. 3. Literatura do século XIX. 4. Romance (literatura). I. Título. II. Cunha, Cilaine Alves.

MIGLIARI, W. **Filosofia e tragédia: o processo de reificação em *Quincas Borba***.
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade
de São Paulo, São Paulo, 2011.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Literatura Brasileira,
Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo, para a obtenção do título de mestre.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Abstract

MIGLIARI, W. **Filosofia e tragédia: o processo de reificação em *Quincas Borba***. Dissertation (Master of Arts) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

In the narrative of Machado de Assis, form and content are still under intense debate among critics and readers. Amid the socioeconomic changes at the very end of the nineteenth century, there has been also in the sphere of culture the dialectics between the man and the historical determinism from that period. As one of numerous traits seen in *Quincas Borba*, the regime of self-preservation struggle exposes the main character to opportunists and, ultimately, submits him to the financial expropriation after inheriting his fortune. After having his wealth squandered and has gone mad, Rubião returns to Barbacena, place of origin in the county, to understand the tragic form of “to the winners, the potatoes” narrative, which can be considered a wild synthetic formula at work in the Brazilian imperial court of the hoaxers. Thus, the main objective of this dissertation has been devoted to discuss the process of reification of the individual, emphasizing the traditional presence of the high social *status* and the ascension of bourgeois habits acting simultaneously.

Keywords: Machado de Assis, *Quincas Borba*, Humanitismo, marxism and reification.

Resumo

MIGLIARI, W. **Filosofia e tragédia: o processo de reificação em *Quincas Borba***. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Na narrativa de Machado de Assis, forma e conteúdo ainda suscitam intenso debate entre críticos e leitores. Em meio às transformações socioeconômicas do final do século XIX, houve também, na esfera da cultura, a dialética entre o homem e o determinismo histórico da época. Como um dos traços de *Quincas Borba*, o regime da luta pela autoconservação expõe o principal personagem, também herdeiro de grande pecúnia, a oportunistas e, por fim, à expropriação financeira. Depois de ter sua riqueza dilapidada e já enlouquecido, Rubião retorna à Barbacena, lugar de origem na província, para compreender de forma trágica o apólogo de “Ao vencedor, as batatas”, fórmula sintética e selvagem operante na corte imperial brasileira dos arrivistas. Dessa maneira, o principal objetivo do presente trabalho é discutir o processo de reificação do indivíduo, sem dispensar a análise dos costumes do mundo tradicional e dos hábitos burgueses em relação ao dinheiro e à presença do estamento.

Palavras-chave: Machado de Assis, *Quincas Borba*, Humanitismo, marxismo e reificação.

*Aos que vierem depois de nós*¹ por Bertolt Brecht

I

Realmente, vivemos tempos sombrios!

A inocência é loucura. Uma fronte sem rugas

denota insensibilidade. Aquele que ri

ainda não recebeu a terrível notícia

que está para chegar.

Que tempos são estes, em que

é quase um delito

falar de coisas inocentes.

Pois implica silenciar tantos horrores!

Esse que cruza tranqüilamente a rua

não poderá jamais ser encontrado

pelos amigos que precisam de ajuda?

É certo: ganho o meu pão ainda,

Mas acreditai-me: é pura casualidade.

Nada do que faço justifica

que eu possa comer até fartar-me.

Por enquanto as coisas me correm bem

(se a sorte me abandonar, estou perdido).

¹ Publicado no programa de O círculo de giz caucasiano do TNC do Rio de Janeiro, 1963. Ver: BRECHT, Bertolt. *O círculo de giz caucasiano*. Tradução Manuel Bandeira. São Paulo: Cosac & Naif, 2002. p. 193-96

E dizem-me: "Bebe, come! Alegra-te, pois tens o quê!"

Mas como posso comer e beber,

se ao faminto arrebatado o que como,

se o copo de água falta ao sedento?

E todavia continuo comendo e bebendo.

Também gostaria de ser um sábio.

Os livros antigos nos falam da sabedoria:

é quedar-se afastado das lutas do mundo

e, sem temores,

deixar correr o breve tempo. Mas

evitar a violência,

retribuir o mal com o bem,

não satisfazer os desejos, antes esquecê-los

é o que chamam sabedoria.

E eu não posso fazê-lo. Realmente,

vivemos tempos sombrios.

II

Para as cidades vim em tempos de desordem,

quando reinava a fome.

Misturei-me aos homens em tempos turbulentos

e indignei-me com eles.

Assim passou o tempo

que me foi concedido na terra.

Comi o meu pão em meio às batalhas.

Deitei-me para dormir entre os assassinos.

Do amor me ocupei descuidadamente

e não tive paciência com a Natureza.

Assim passou o tempo

que me foi concedido na terra.

No meu tempo, as ruas conduziam aos atoleiros.

A palavra traiu-me ante o verdugo.

Era muito pouco o que eu podia. Mas os governantes

se sentiam, sem mim, mais seguros — espero.

Assim passou o tempo

que me foi concedido na terra.

As forças eram escassas. E a meta

achava-se muito distante.

Pude divisá-la claramente,

ainda quando parecia, para mim, inatingível.

Assim passou o tempo

que me foi concedido na terra.

III

Vós, que surgireis da maré

em que perecemos,

lembrai-vos também,
quando falardes das nossas fraquezas,
lembrai-vos dos tempos sombrios
de que pudestes escapar.

Íamos, com efeito,
mudando mais freqüentemente de país
do que de sapatos,
através das lutas de classes,
desesperados,
quando havia só injustiça e nenhuma indignação.

E, contudo, sabemos
que também o ódio contra a baixaza
endurece as feições;
que também a cólera contra a injustiça
enrouquece a voz. Ah! os que quisemos
preparar o terreno para a bondade
não pudemos ser bons.

Vós, porém, quando chegar o momento
em que o homem seja bom para o homem,
lembrai-vos de nós
com indulgência!

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, professora doutora Cilaine Alves Cunha, que, entre o centro e a periferia das “coisas fora do lugar”, procurou contribuir para o meu conhecimento e aprendizado, ressaltando a importância da leitura e da escrita do trabalho acadêmico, da objetividade e da discussão fundamentada. A toda sua atenção e empenho, meus agradecimentos. Aproveito também para mencionar o professor doutor José Antônio Pasta Jr., outra pessoa que, mesmo sem saber muito sobre mim e de minhas inquietudes, passou-me com humorada eloquência a resposta breve e simples de que “vivemos tempos sombrios”. Sem dúvida, “o trabalho de Brecht” continua, mesmo que aos poucos, em cada um de nós, todos os dias em que nos levantamos e olhamos pela janela.

Ao professor Livre-Docente Elias Thomé Saliba, meus agradecimentos, pela atenção e comentários, por esclarecer problemas levantados e pela generosidade nos julgamentos tanto durante as aulas, quanto no exame de qualificação. Às pessoas que trabalham na Biblioteca Central Florestan Fernandes, aos funcionários do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e à Fundação de Amparo à Pesquisa – FAPESP do Estado de São Paulo pela bolsa de mestrado, sob o processo 08/52217-5, deixo também meu reconhecimento. Aos colegas que ouviram minhas ideias, ou as suportaram de forma virtuosa, meus sinceros agradecimentos. Aos organizadores de eventos e congressos que aceitaram com muita atenção e cuidado meus trabalhos, “mis ponencias sobre el autor brasileño del siglo XIX”, e aos meus interlocutores.

Às pessoas da minha família, gostaria de agradecer por elas me suportarem. Ao meu pai, *in memoriam*, meu reconhecimento por ter sido quem foi, com certeza, o maior sátiro popular que conheci. Agradeço à minha mãe pelo seu incentivo, cuidado e interesse extremo por minhas

decisões. Confesso que uma das primeiras poesias aprendidas por mim quando criança foi o seu nome, Marinalva. Às minhas irmãs Tatiane e Christina, também às minhas sobrinhas Sara e Ana Beatriz, todo meu apoio pela longa jornada que elas ainda terão pela frente. Além desta pequena família, outra bem grande no Sul, aos meus irmãos distantes e queridos. Aos amigos Rosemberg e Cíntia, Marcelo, Misael e Carol que, de forma bem inesperada, são pessoas de bem que cruzaram meus caminhos.

Gostaria de dedicar o presente trabalho ao meu amor, Giselle. Lembrar que sua paciência e humor têm me feito entender que os “tempos sombrios” podem ser suportados. A ela, minha pequena Teresa, toda poesia do mundo não é o bastante e toda atenção para suas conversas seria insuficiente. A ela, minha cervantista e filósofa, também minha paixão e meu afeto, meu desejo em tê-la sempre perto de mim. Teremos ainda mil e uma noites viajando pelo mundo afora, conhecendo o que nunca vimos e seguindo a vereda, não importa se caminho difícil diante de nós.

W.M.

Índice

Capítulo I

Parte I - Da luta à filosofia do Humanitismo.....	13
Parte II - A filosofia do Humanitismo como paródia da história.....	30

Capítulo II

Parte I - <i>Tragicomædia</i> : estética filosófica e destruição.....	45
Parte II - Paixão e luta: a dominação trágica da história.....	62
Parte III - Da visão trágica de mundo ao processo de reificação.....	78

Capítulo III

Parte I - Da província à corte: o nascimento da norma.....	97
Parte II - A convivialidade e a dissimulação da norma.....	109

Capítulo IV

Filosofia e tragédia: norma social e lei de Humanitas.....	143
--	-----

Breves considerações finais.....	171
----------------------------------	-----

Referências bibliográficas.....	175
---------------------------------	-----

Capítulo I

Da luta à filosofia do Humanitismo

I

Em *A mascarada sublime*, Teresa Pires Vara realiza um estudo sobre o romance *Quincas Borba*, valorizando o conceito de obra como organismo. Ao enfatizar o texto literário como detentor de uma estrutura própria, a autora estabelece íntimas relações com algumas teorias da narrativa. Entre elas, cita as contribuições do formalismo russo, além de estruturalistas tais como Gérard Genette e Umberto Eco. Por meio do materialismo histórico, procura aprofundar suas observações, analisando a filosofia do Humanitismo como um fenômeno que dialoga com a realidade social do Segundo Reinado. A autora destaca as possíveis filiações entre o modelo de Humanitas e sua constituição como uma matriz reiterada no enredo. Segundo a estudiosa, o apólogo de “Ao vencedor, as batatas!” e a máxima axiológica de que “Humanitas precisa comer” constituem a lógica selvagem da autoconservação que predomina nas relações de amizade entre as personagens oportunistas e Rubião.²

Compreender o Humanitismo inserido no universo das relações sociais da obra significa, segundo a autora, um entendimento mais profundo da narrativa.³ As ações das personagens e o tipo de *mimesis* partilham da mesma lógica teórica humanitista. A exemplo disso, estão os jantares, as personagens nos bailes e os jogos de sedução. Eles retomam e traduzem pouco a pouco “as relações internas entre a obra e o seu duplo, isto é, entre o romance (*Quincas Borba*),

² O estudo da autora encontra-se grandemente sustentado por concepções sobre estrutura narrativa e sociedade nos seguintes autores: TODOROV, Tzvetan. A análise estrutural da narrativa. In: *As estruturas narrativas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 79-90, GENETTE, Gérard. Structuralisme et critique littéraire. In: *Figures*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.; LUKÁCS, György. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

³ VARA, Teresa Pires. *A Mascarada Sublime: Estudo de Quincas Borba*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

como totalidade orgânica, e a matriz (Humanitas), como [sua] forma reduzida”.⁴ A filosofia do Humanitismo, inventada por um homem considerado insano, apresenta como pressuposto teórico a concepção de que a vida e as relações humanas são regidas por uma luta feroz.

Conforme Teresa Pires Vara, a dissimulação se revela como algo constante entre as personagens. Sofia, por exemplo, manda bilhetes com frases do tipo “mando-lhes estas frutinhas” e “por ordem do Cristiano [Palha], fica intimado”, assinando no final “Sua verdadeira amiga”. Ela seduz e encanta Rubião com sua exuberância física e seu falso carisma. A linguagem utilizada por ela e seu marido Palha é resultado de cálculo e interesse. Assim, o sentido latente à filosofia do Humanitismo pode ser desvelado com a disputa pelo bem material e pelos conflitos de interesse entre as personagens. Ao ser explicado por Quincas Borba, criador do Humanitismo, o sistema resume a história de duas tribos em confronto. Elas disputam uma plantação de tubérculos e somente uma sairá vencedora. Teresa Pires Vara salienta que a linguagem “amistosa” entre os arrivistas e Rubião disfarça as relações de interesse, assim como é pouco evidente o regime da luta selvagem entre os indivíduos pela autoconservação. O enredo se torna mais denso quando se vê a teoria bem-humorada de Quincas Borba aproximando-se da prática exploratória dos arrivistas. Sofia e Palha escondem a todo momento seus objetivos destinados a extrair vantagens e a dilapidar o legado do recém-enriquecido Rubião. A autora destaca que o herdeiro, ao se tornar discípulo do suposto lunático Quincas Borba, não compreende a teoria humanitista, nem a linguagem dissimulada das personagens. De acordo com Teresa Pires Vara, há uma estrutura ficcional subterrânea pronunciada na mininarrativa de Humanitas.

Em *Literatura e sociedade*, Antonio Candido afirma que o apreço estético da obra deve existir antes de qualquer elemento, mas a forma literária não deve prescindir de sua dimensão

⁴ VARA, Teresa Pires. *A Mascarada Sublime: Estudo de Quincas Borba*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p. 19

histórico-ideológica.⁵ Assim, a escrita machadiana, no caso de *Quincas Borba*, oferece elementos para que a expropriação dissimulada do capital de Rubião tenha seu ponto de partida no enredo. Aliás, o processo de expropriação da herança, que o crítico já havia ressaltado pela transformação do homem em coisa no romance, apontava para a reificação da consciência de Rubião. A situação do herdeiro transcende a sátira, ou seu elemento mais cômico, para se tornar, sobretudo, a tragédia “do homem [o arrivista] como um ser devorador em cuja dinâmica a sobrevivência do mais forte é um episódio e um caso particular”.⁶ Algo latente nas ações e nos objetos, disfarçados pela metáfora de duas tribos famintas, antecipa em linhas gerais a lógica organizadora do enredo. O romance conta a história de Rubião tomando posse do capital legado por Quincas Borba, sendo em seguida expropriado por outros amigos. Contudo, no início da narrativa, a dilapidação monetária da personagem não parece estar filiada ao conteúdo selvagem da luta entre as duas tribos presentes no Humanitismo. O discurso das personagens não deixa pistas ao leitor. As intenções de Palha, Sofia e Camacho são fruto de interesses subjacentes à “simpática ou envolvente” conversa. A mininarrativa de Humanitas pode ser, aponta Teresa Vara mais uma vez, uma “via de acesso válida para o conhecimento do social”, de um período histórico. A obra, assim, estabelece um todo orgânico. A sua forma, em certa medida, permite o influxo das condições históricas do país na tensão colocada pelo enredo.

Tomando como ponto de partida o estudo intrínseco da obra literária, entendida como um todo orgânico, como um sistema de relações entre estrutura e história, procurando verificar em que sentido o modo de formar a realidade está condicionado historicamente; na verdade, pretendemos focalizar o romance não

⁵ CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: *Literatura e sociedade*. 10.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008. p.13-16

⁶ Id. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 4.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 28-29

só à luz de suas leis estruturais específicas, mas também a sua relação com a história [...] ⁷

A importância da relação entre a obra ficcional e a história reside no modo como arte e vida material se encontram imbricadas. Teresa Pires Vara sublinha que, no romance em questão, narrativa e realidade apresentam uma estrutura-código “predatória”. Palha, Sofia e Camacho não possuem qualquer intenção de sociabilidade, tendo como fim único extrair proveito da fortuna do herdeiro.

Em um estudo sobre o entendimento e a linguagem de Rubião no romance, Luiz Costa Lima destaca a dificuldade de o herdeiro decifrar o código linguístico que o rodeia. Segundo o crítico, Rubião não compreende os interesses implícitos no discurso de seus “amigos”. Torna-se preso das palavras ilusórias de um falso amor e de frases políticas empoladas, representadas, no caso, por Sofia e Camacho. Rubião encontra-se emaranhado na retórica do político e diretor do jornal *Atalaia*. ⁸ A dificuldade de Rubião para compreender a lógica do interesse segundo a linguagem de seu amigo lembra a mesma metáfora da luta entre duas tribos explicada por Quincas Borba. Além dos arrivistas de primeiro plano na obra, existem aqueles que se chegam à mesa de Rubião. Em torno do homem da província, todos, aos poucos, aparecem em seus jantares ao mesmo tempo que se aproximam dele por interesse. Já instalado na corte, então, o herdeiro passa a ser objeto da lógica dissimulada dos oportunistas e não percebe que aos poucos se torna parte usada nas relações sociais estabelecidas. As amigadas de Rubião, criadas pelas vantagens pecuniárias que aos oportunistas ofereciam, obedecem uma lógica de expropriação. Rubião não domina, inicialmente, o princípio da luta pela escalada econômica que enforma a dimensão social constituidora do enredo. José Garbuglio afirma que o herdeiro não havia incorporado, antes de se

⁷ VARA, Teresa Pires. *Op. cit.*, p.14-15

⁸ LIMA, Luiz Costa. Sob a face de um bruxo. In: *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: F. Alves, p. 78-80

mudar para o Rio de Janeiro, em seu aprendizado social, a consciência de um capitalista que o neutralizaria em uma luta contra os arrivistas. O crítico destaca a percepção exploratória dos oportunistas como a estratégia necessária para a dilapidação da herança. Assim, a eficácia da dissimulação de Palha, Sofia e Camacho reside no modo como eles seduzem e imobilizam a consciência de Rubião por meio de uma falsa convivialidade.⁹ Terry Eagleton recapitula que uma das formas de uma minoria concretizar ideologicamente a sujeição da maioria é por meio do domínio do discurso e da naturalização das formas econômicas desiguais. Em outras palavras, a condição de uma classe tem poder sobre as outras na vida social.¹⁰ No enredo de *Quincas Borba*, veremos mais adiante, a empresa capitalista de Palha e o discurso político de Camacho induzem Rubião à ruína financeira e psicológica. Os arrivistas podem ser vistos não apenas como oportunistas de um sistema econômico selvagem, mas personagens conscientes dos meios “naturais” e legais de expropriação aceitos pela sociedade burguesa.

A amizade de Palha e de sua mulher com Rubião, as palavras de Camacho em seu jornal *Atalaia*, bem como os bilhetes de Sofia, ou a percepção crítica do Major ao processo de exclusão social que lhe acontece configuram algumas das muitas situações ambíguas existentes no romance. Contudo, da oscilação entre conteúdo manifesto e latente, a dissimulação no estabelecimento das amizades se dá de forma brutal entre as personagens. Ela, a princípio, estrutura-se entre a intenção invísiel da exploração e a aparente preocupação sincera e amistosa das personagens quanto a Rubião. É importante sublinhar que a decodificação completa do modelo de Humanitas somente se torna possível ao leitor no final do enredo. Teresa Pires Vara acrescenta que as personagens nunca explicitam o uso feito de Rubião. Por isso, segundo a autora, a dilapidação da herança é o elemento menos evidente e mais concreto da narrativa.

⁹ GARBUGLIO, José. A composição e a decomposição. In: *Quincas Borba*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1981. p. 05-09

¹⁰ EAGLETON, Terry. Literatura e História. In: *Marxismo e crítica literária*. Porto: Afrontamento, 1978. p.13-29

Em relação ao momento histórico da ascensão do capital financeiro e a especulação monetária, muito embora ocorressem mais intensamente nos últimos do Império, Teresa Pires Vara afirma que essas formas mais avançadas das economias de mercado são trazidas no tempo do romance. Elas também podem ser vistas como a parte metonímica, ou histórica, do enredo. Metáfora e metonímia, ou a luta de duas tribos e a disputa por capital na história do Império brasileiro revelam-se, assim, consonantes.¹¹ No capítulo VI, Quincas Borba explica ao seu futuro herdeiro que Humanitas é um “princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível” latente em todas as pessoas e coisas. Assim, homem e capitalismo no enredo se juntam para “vencer a outra tribo”, expropriar o legado de Rubião, mas, sobretudo, para se imporem enquanto princípio ordenador da sociedade carioca do final do século XIX. Portanto, “esse princípio indestrutível é que é Humanitas” e Quincas Borba, ao expor sua teoria a Rubião, assim o denomina porque Humanitas “resume o universo, e o universo é o homem”.

Ainda no capítulo VI, Quincas Borba acrescenta que, em sua filosofia, há “uma verdade que nas cousas anda” e “que mora no visível e invisível”. Mais adiante no romance, a lógica do aparente e do latente pode ser vista nas intenções de Sofia e Palha. No capítulo XXXII, o casal escreve um bilhete a fim de receber o herdeiro para um jantar. Junto com a mensagem, está uma cestinha de morangos.

Rubião não conhecia a letra; era a primeira vez que ela lhe escrevia. Que podia ser? Via-se-lhe a comoção no rosto e nos dedos. Enquanto ele abria a carta, Freitas familiarmente descobria a cestinha: eram morangos. Rubião leu trêmulo estas linhas:

¹¹ VARA, Teresa Pires. *Op. cit.*, p. 49

“Mando-lhe estas frutinhas para o almoço, se chegarem a tempo; e, por ordem do Cristiano, fica intimado a vir jantar conosco, hoje, sem falta. Sua verdadeira amiga [...]”¹²

As frases “Enquanto ele abria a carta” e “Freitas familiarmente descobria a cestinha: eram morangos”, metáforas que, segundo Teresa Pires Vara, funcionam como “isca” para Sofia fisgar sensualmente o coração do herdeiro já arrebatado por sua beleza. No entanto, podem operar também semelhantes à lógica brutal de Humanitas, a verdade que anda nas coisas “visíveis e invisíveis”. Ele se ilude com uma suposta mensagem codificada, conforme Teresa Pires Vara argumenta, e entende a frase “Verdadeira amiga” imediatamente uma metáfora para amante. Contudo, pode-se acrescentar que a mensagem metafórica latente na “cestinha de morangos” é, de acordo com o trecho, revelada por Freitas, oportunista secundário que “descobre” o plano de expropriação que Palha e Sofia tramavam. Já o bilhete escrito pelo casal é “aberto” e cumpre sua função de enganar o herdeiro.

Rubião viu-os ir, entrou, meteu-se na sala, e ainda uma vez leu o bilhete de Sofia. Cada palavra dessa página inesperada era um mistério; a assinatura uma capitulação. *Sofia* apenas; nenhum outro nome da família ou do casal. *Verdadeira amiga* era evidentemente uma metáfora. Quanto às primeiras palavras: *Mando-lhe estas frutinhas para o almoço* respiravam a candidez de uma alma boa e generosa. Rubião viu, sentiu, palpou tudo pela única força do instinto e deu por si beijando o papel, — digo mal, beijando o nome, o nome dado na pia de batismo, repetido pela mãe, entregue ao marido como parte da escritura moral do casamento, e agora roubado a todas essas origens e posses para lhe ser mandado a ele, no fim duma folha de papel... Sofia! Sofia! Sofia!¹³

¹² ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 665-666

¹³ *Ibidem*, p. 667

Rubião também é atraído pelo discurso grandiloquente do político Camacho. As palavras do político o levam a se sentir parte dos conflitos políticos e partidários do período. Enquanto eles almoçam no Hotel da la Bourse, a convite de Camacho, o “amigo” informa ao herdeiro que ele havia fundado uma folha para fazer oposição ao conflito partidário. Com o único intuito de continuar com a guerra a fim de assegurar a paz entre os opositores. Tratava-se da luta entre liberais e conservadores na qual Camacho dizia preferir a neutralidade. Para tanto, o político resolve fundar um jornal para veicular suas opiniões, mas, ao mesmo tempo, procura envolver Rubião em suas ideias.

No dia seguinte, almoçaram no *Hotel de la Bourse*, a convite de Camacho. Este referiu ao outro que fundara, meses antes, uma folha com o único programa de continuar a guerra a todo transe... Andava muito acesa a dissensão entre liberais; pareceu-lhe que o melhor modo de servir ao próprio partido era dar-lhe um terreno neutro e nacional.

— E isto agora serve-nos, concluiu ele, porque o governo inclina-se à paz. Já amanhã sai um artigo meu, furibundo.¹⁴

Enquanto Camacho atrai Rubião com sua retórica política, prestigiando-o falsamente com confissões sobre a política do Império, toma emprestado quantias vultosas das mãos do herdeiro. Em meio ao calor das promessas, Camacho declara que indicará Rubião a um cargo político nas Minas Gerais, quando, em realidade, tinha maior interesse no capital do “amigo”.

Rubião ouvia tudo, quase sem tirar os olhos do outro, comendo rapidamente, nos intervalos em que o próprio Camacho inclinava a cabeça ao prato. Folgava de verse confidente político; e, para dizer tudo, a idéia de entrar em luta para colher

¹⁴ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 691

alguma coisa depois, um lugar na Câmara, por exemplo, espanejou as asas de ouro no cérebro do nosso amigo.¹⁵

De acordo com Luiz Costa Lima, a irrealização do amor e a não participação de Rubião na política desencadeiam ironicamente a tragédia da loucura.¹⁶ Segundo o crítico, a ironia se verifica no momento em que o suposto discípulo do mestre da filosofia do Humanitismo torna-se o próprio objeto da doutrina que lhe foi ensinada. Entende ele que a figura de Humanitas se manifesta em dois pólos. O primeiro é determinado quando a personagem devoradora do apólogo da luta entre duas tribos se confunde com a figura do homem. A pessoa do cocheiro e a besta do Humanitismo, ambos governados pela fome, passam por cima de qualquer obstáculo. Com isso, o condutor atropela e mata a avó de Quincas Borba, exemplo de objeto submetido à lei humanitista. O outro pólo obtém-se pela paixão de Humanitas em “devorar”, contida em seu princípio “Humanitas precisa comer”. A relação entre a filosofia do Humanitismo e a morte como resultado da luta antecipa de forma indireta a vulnerabilidade de Rubião ao princípio humanitista.

Embora o estudo de Teresa Pires Vara tenha apontado as possíveis filiações entre a metáfora do Humanitismo e a dimensão histórica dos anos finais do Segundo Reinado, talvez seja relevante observar a natureza da luta e o modo como questões morais são suprimidas na disputa pelo dinheiro de Rubião. No capítulo LIV do romance, Palha e Camacho se dirigem à casa do herdeiro. Sem avisar, o capitalista procura Rubião no momento em que o político já se encontrava com o herdeiro. O conviva recém-chegado se desculpa, mas Rubião pede ao sócio capitalista que espere. Rubião acomoda as visitas e, praticamente, não há conversa entre eles, mas somente palavras mornas, de vez em quando trocadas entre um e outro. O narrador aponta que Palha e

¹⁵ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 692

¹⁶ LIMA, Luiz Costa. *Op. cit.*, p. 81-82 O capítulo terceiro do presente trabalho, *A alienação enclausurada pela medicina higienista burguesa*, levantará as questões do sentimento de grandeza, amor e posse de Rubião como o impulso trágico que leva o herdeiro à loucura.

Camacho se encontram “em cadeira defronte um do outro”. Em oposição, os dois homens se entreolham e desconfiam um do outro. O político “conservara a bengala na mão” de modo impaciente. Camacho, “batendo no nariz e olhando para o teto”, estava pronto para sair ou se defender da figura adversária de Palha. Em meio a esse silêncio, surgem “algumas vozes”, “rumor de carros” e o “tropel de cavalos” vindo do lado de fora da casa. O barulho de pessoas, carroças e cavalos é intenso. À medida que os rumores se avolumam, do lado de fora, incia-se uma tensão também no interior da casa. A confusão de ruídos proveniente da rua prenuncia um conflito de ordem moral no espírito de Palha. O tormento do capitalista se dá por dois motivos. O primeiro deles é o comentário “Creio que já lhe falei dele [Palha]” que Rubião diz a Camacho, seguido pela frase de Camacho “Lá vem o luar entrando!”. Palha se irrita imediatamente com a sentença, pois se recorda da noite de Santa Teresa. Nesse dia, Rubião havia se declarado a Sofia. Tenta pegá-la fortemente pelo braço e, por pouco, não a envolve com um beijo. No capítulo XXXIX, dia em que “a lua era magnífica”, Rubião nomeou, com voz baixa e trêmula, os olhos de Sofia de “estrelas da terra”, e as estrelas de “olhos do céu”. Na fala de Camacho, a lua, palavra com sentido alusivo ao dia de Santa Teresa para Palha, desconcerta o recém-chegado. No contexto da visita, Palha entende que a referência se trata de uma provocação dirigida a ele. O conflito moral atordoia a consciência do capitalista

A lua, - outra vez a lua, - e esta frase: *Creio que já lhe falei dele*, atordoaram de tal jeito o recém-chegado [Palha], que não lhe foi possível proferir uma palavra durante algum tempo. Bom é acrescentar que o dono da casa também não sabia que dissesse. Estavam os três sentados, Rubião no canapé, Palha e Camacho em cadeiras defronte um do outro. Camacho que conservara a bengala na mão, pô-la verticalmente nos joelhos, batendo no nariz e olhando para o teto.¹⁷

¹⁷ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 688

No capítulo L, quando Sofia conta ao marido a declaração que recebera de Rubião, Palha fica indignado. O marido se exalta e segura firme a mão de mulher. Ele duvida e suspeita da história, insinuando que talvez ela fosse a culpada de tal acontecimento. Contudo, mesmo sabendo do desejo de Rubião em segurá-la pela mão e se apossar dela, a perturbação moral é suprimida pelo interesse material. A dívida contraída com Rubião já estava alta, por isso ele reprime seus ciúmes e toma mais dinheiro emprestado do herdeiro. Mas, ao fim, impõe a razão de seus interesses a seu conflito. O capitalista conclui: “Mas, meu amor [Palha dizendo a Sofia], eu devolhe muito dinheiro”. A frase mostra que Palha luta e supera seu juízo moral ligado à honra masculina. Assim, a natureza do interesse na passagem é estritamente monetária. A disputa pelo dinheiro de Rubião é complexa. Ela passa ainda pelo modo como os oportunistas agem clinicamente no estabelecimento das relações sociais. O capitalista e o político convivem de modo cortês na cena, embora entrem em um conflito pelo mesmo objeto que é Rubião. É importante assinalar que, diante dos conflitos morais, a divergência de ideias também se sujeita ao regime do capital.

A insistência dos amigos em manter Rubião na corte depende de um acordo não combinado, mas percebido pelos interesses comuns. Palha representa o capitalismo financeiro e as transformações ocorridas na economia brasileira na segunda metade do século XIX. O “zangão da praça” se insere em uma classe de arrivistas. A personagem parece expressar, em suas preocupações, o processo de mudança que o Brasil estava sofrendo no período. Ao encontrar Rubião pela primeira vez no capítulo XXI, o capitalista debate questões da política do Império, da câmara e da Guerra do Paraguai. Por conta de sua percepção para os negócios, ele não somente é o representante do capitalismo dinâmico e competitivo, mas adivinhador das ruínas financeiras dos

bancos. No capítulo XXXV, o narrador realiza um breve histórico da conduta profissional da personagem.

[...] Cristiano de Almeida Palha, zangão da praça, que então contava com vinte cinco. O marido ganhava dinheiro, era jeitoso, ativo, e tinha o faro dos negócios e das situações. Em 1864, apesar de recente no ofício, adivinhou, – não se pode empregar outro termo, – adivinhou as falências bancárias.
– Nós temos coisa, mais dia menos dia; isto anda por arames. O menor brado de alarma leva tudo.¹⁸

Já Camacho, político eclético portador de concepções liberais e conservadoras, usa a sua retórica ambígua a fim de enganar Rubião, mas, sobretudo, percebendo com Palha a necessidade de manter Rubião por perto. Quanto à qualificação profissional do político, ele não havia sido cultivado na literatura, ciências naturais ou história. Não buscou sua compreensão de mundo nem na filosofia, artes ou direito. Camacho era um advogado que aprendera somente a prática forense, uma ou outra legislação. Possuía um discurso bacharelesco de frases e ideias empoladas, metáforas que revelam sua volubilidade mediante os interesses monetários.

Não lhe faltava o que comer. A família era pequena; mulher, uma filha de dezoito anos, um afilhado de nove, e para isso dava a advocacia. Mas trazia a política no sangue; não lia, não cuidava em outra coisa. De literatura, ciências naturais, história, filosofia, artes, não se preocupava absolutamente em nada. Também não conhecia grandes coisas de Direito; guardava algum do que lhe dera a academia, mais a legislação posterior e práticas forenses. Com isso ia arrazoando e ganhando.¹⁹

¹⁸ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 668-669

¹⁹ *Ibidem*, p. 691

A relação partidária existente na época do Império era, entre liberais e conservadores, conhecida como “política da conciliação”, na qual Camacho aparece envolvendo Rubião ao longo do romance.²⁰ A suposta participação do herdeiro, nas discussões sobre a política, é o meio que encontra para se aproximar do herdeiro. Funda um jornal, por nome de *Atalaia*, com o aparente intuito de criticar os conservadores no poder. Aos poucos, leva de Rubião uma boa fortuna. O histórico político de Camacho, revelado pelo narrador nas linhas anteriores, filia-se a uma conduta vulnerável a seus interesses. Não que desconhecesse a situação dos partidos e do Império. Ele no fundo utiliza a política como instrumento para realizar seu interesse material. Combina e junta pensamentos sem se identificar com qualquer ideal. Em meio à crise partidária, Camacho observou bem “a dissensão entre liberais; pareceu-lhe que o melhor modo de servir ao próprio partido era dar-lhe um terreno neutro e nacional”. Embora a personagem pareça pertencer a alguma legenda, no final, segue “sem partido definido, mas com muitas ideias colhidas aqui e ali”. O capítulo LVII, evidencia, além do tipo de formação acadêmica de Camacho, ainda mais sua volubilidade de opinião. Em um determinado trecho, o político é apresentado pelo narrador como crítico do governo escolhido. Ataca ferozmente a situação adjetivando-os de “esbanjadores”, “nefastos”, “vergonhosos” e “perversos”. No momento em que a situação é tirada do poder, Camacho se reconcilia com os ex-administradores, nomeando-os de “enérgicos”, “ilustrados”, “justiceiros”, “fiéis aos princípios”, “verdadeira glória de administração”.

²⁰ Em 1852, iniciou-se a política da conciliação. Liberais e conservadores tinham o codinome partidário somente por etiqueta. Além disso, no Brasil, revezavam-se no poder, ora criticando, ora atendendo os pedidos uns dos outros. A questão religiosa, ou o escravismo, era um dos temas que mais causava acirramento de ânimos entre os políticos “Durante os 49 anos do reinado de Pedro II houve 39 gabinetes. Os dissidentes de um partido no poder freqüentemente apoiavam a oposição e acabavam por contribuir para a derrubada de seu próprio partido do governo. De outro modo, quando as elites estavam de acordo a respeito de alguma questão política importante, o revezamento dos partidos políticos não fazia diferença fundamental”. Ver: COSTA, Emília Viotti. Liberalismo: teoria e prática. In: *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 7.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 159 e, sobretudo, HOLANDA, Sérgio Buarque de. A nação e os partidos. In: *Capítulos da história do Império*. Org. Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 39-69

Na província natal, essa ordem de idéias teve de cerder a outras; e o mesmo se pode dizer do estilo. Fundou ali um jornal; mas, sendo a política local menos abstrata [menor discussão de ideias filosóficas], Camacho aparou as asas e desceu às nomeações de delegados, às obras provinciais, às gratificações, à luta com a folha adversa, e aos nomes próprios e impróprios. A adjetivação exigiu grande apuro. Nefasto, esbanjador, vergonhoso, perverso, foram os termos obrigados, enquanto atacou o governo; mas, logo que, por uma mudança de presidente, passou a defendê-lo, as qualificações mudaram também: enérgico, ilustrado justiceiro, fiel aos princípios, verdadeira glória da administração, etc, etc.²¹

Camacho sempre demonstra seu apreço oscilante e interesseiro pelo partido da situação. Conforme o capítulo LVII, ele carrega em seu programa político apenas a intenção de obter um lugar na câmara, ou alguma aliança política que o beneficiasse “a idéia de entrar em luta para colher alguma coisa depois, um lugar na Câmara”. Assim, de maneira dissimulada, Camacho sobrevive por meio da maleabilidade que a política imperial permite é que lhe garante a sua autoconservação. Fundar um jornal, para Camacho, segundo o narrador, significa financiar o seu “trabalho hercúleo”. A crítica ao governo é um meio de continuar a empresa comercial do político. No capítulo LXI, Rubião é convencido pelo “amigo” a lhe emprestar uma soma razoável, momento que o político revela ao herdeiro que desejava criar um jornal opositor. No entanto, o conteúdo a ser trabalhado no periódico é evasivo, pois a rigor o importante não é a contestação política, mas sim o dinheiro nas mãos do político. Camacho usa sua retórica bacharelesca e apela aos sentimentos do herdeiro. Cita que tinha intenção de convidá-lo para fazer parte de suas publicações, porque estava convicto da fidelidade e do amor aos negócios públicos de Rubião.

²¹ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 690

Camacho agradeceu-lho em nome das idéias. Tinha intenção de convidá-lo para entrar com eles; era um direito adquirido pela convicção, pela fidelidade, pelo amor aos negócios públicos do seu recente amigo [Rubião]. Uma vez que espontaneamente se alistou, pedia-lhe que o desculpasse. Mostrou-lhe a lista dos outros; Camacho era o primeiro; entrava com a folha, o material existente, as assinaturas, e o trabalho hercúleo ... Ia a emendar-se, mas repetiu corajosamente: trabalho hercúleo. Podia dizer que o era, sem deslustre, nem mentira; esganou cobras, em criança. Já agora era um vício; gostava da luta, morria nela, envolvido na bandeira.²²

Assim, a eloquência do orador culmina na concepção de luta, decorrente da filosofia do Humanitismo. Camacho “orou, escreveu, lutou constantemente” e, conforme Teresa Pires Vara, reitera e pratica o princípio de que “Humanitas precisa comer”. O político “sem partido definido” foi deputado que atuou pela conciliação dos partidos, durante o gabinete conservador do Marquês de Paraná. Camacho parece encobrir o que pensa segundo uma conduta política de palavras mentirosas ou falsas. Conforme se lê no capítulo LVII, ele nunca dava aos outros a segurança de afirmar ou não suas concepções. Camacho podia desmentir qualquer conclusão ou assertiva vinda de alguém. O político, com seu caráter oscilante, utiliza a máscara social do discurso da justiça, da luta pelos princípios da governabilidade transparente e de uma conduta aparentemente inconformada.²³ Contudo, a práxis política de Camacho, segundo explicita o narrador, firma-se na ambiguidade de suas posições partidárias, por haver em seu discurso uma forma aparente e outra menos visível.

Deputado da conciliação dos partidos, viu governar o Marquês de Paraná, e instou por algumas nomeações, em que foi atendido; mas, se é certo que o

²² ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 695

²³ PASSOS, José Luiz dos. Segunda parte. In: *Machado de Assis, o romance com pessoas*. São Paulo: Nankin, 2007. p. 21-53

marquês lhe pedia conselhos, e usava confiar-lhes os planos que trazia, ninguém podia afirmá-lo, porque ele, em se tratando da própria consideração, mentia sem dificuldade.²⁴

O político está sempre agradecendo em nome dos ideias: “Camacho agradeceu-lho em nome das idéias”. Em *A pirâmide e o trapézio*, Raymundo Faoro assinala que os lugares do discurso do político, passagens bíblicas e comparações rebuscadas, tais como “Jordão constitucional” e “esmagar a serpente na capital”, entorpecem os ouvidos de Rubião. Em Machado de Assis, continua Raymundo Faoro, os políticos ocupam a tribuna com falas que possuem rumos muito diferentes dos da prática política. Eles se importam mais com uma opinião filosofante das experiências partidárias do que com ações efetivas durante uma crise. Raymundo Faoro entende tal jogo negativo de ideias e de poder como a forma de se fazer política no Império. Os acontecimentos políticos dessa época revelam uma prática diletante de não se discutir as crises sociais, políticas e econômicas do período. As disputas partidárias entre liberais e conservadores, embora em constante conflito no plano do discurso, mantém o sistema político-econômico da época. Debatiam ideias e não tomavam decisões duradouras que não fossem a dos fins ligados à prática da monocultura de mão-de-obra escrava. Segundo Raymundo Faoro, a fala dos políticos não significa a rigor nem filosofia, nem política de mudanças.²⁵ A retórica bacharelesca, metaforizada nos termos de Teresa Pires Vara, é mobilizada em *Quinca Borba* refletindo as tensões da história político-econômica da sociedade imperial brasileira.

Essa primeira seção tentou postular que a concepção de luta é tida, segundo Teresa Pires Vara, como elemento organizador na obra. Entretanto, gostaria de sublinhar ainda que o conflito de interesse em Palha e Camacho menospreza o desconcerto moral e o mal-estar ético. Ainda no

²⁴ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 690

²⁵ FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976. p. 56-178

que diz respeito à relação de Humanitas com a organicidade da obra, tudo funcionando e desvelando a metáfora das duas tribos famintas, interessa ao presente trabalho mapear as ideias que compõem essa filosofia e, em um momento posterior, apreender de que modo se ligam à herança, à alienação mental e social.

A filosofia do Humanitismo como paródia da história

II

Em *Um mestre na periferia do capitalismo*, Roberto Schwarz destaca a prosa de Machado de Assis como a arte de apontamentos críticos da sociedade brasileira. De acordo com ele, o capitalismo periférico devastou as relações sociais e trouxe uma modernização drástica ao país. Os limiares da vida burguesa, tanto do ponto de vista social quanto do aspecto psicológico das personagens, interessaram ao escritor. Conforme Roberto Schwarz, Machado de Assis dialogou criticamente com o programa de seus predecessores românticos. Tal interação, segundo o estudioso, levou o romancista a aprofundar os efeitos negativos do pitoresco na constituição das personagens e do narrador. Os participantes do enredo não estão em um passado distante e idealizado apreciando a natureza exótica, tal como as figuras e lugares do romance histórico de José de Alencar.²⁶

As personagens são contraditoriamente construídas. Elas admitem uma forma de mentalidade muito característica da sociedade colonial. São burguesas, porém, não se identificam com o utilitarismo ou o racionalismo do trabalho manual. Possuem diplomas, como Brás Cubas, mas isso não muda muito a postura social tradicionalista da personagem. Além disso, o crítico entende que no modo de agir de Brás Cubas, por exemplo, estão latentes pensamentos correspondentes aos interesses de seu estrato social. Na vida intelectual e política, a conduta do defunto-autor apenas se modifica nas aparências. Ele quer ser o criador de um emplastro universal, uma suposta ação altruísta diante da humanidade, mas, no fundo, ambiciona a glória e o

²⁶ “N’*O Guarani* o selvagem é um ideal, que o escritor intenta poetizar, despindo-o da crosta grosseira de que o envolveram os cronistas, e arrancando-o ao ridículo que sobre ele projetam os restos embrutecidos da quase extinta raça”. Ver: ALENCAR, José. *Como e porque sou romancista*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005. p. 61

prestígio social. Por outro lado, acrescenta Roberto Schwarz que o narrador de *Memórias Póstumas* dispõe ainda de um verniz burguês, ao mesmo tempo que ranços tradicionais, no modo como digere a cultura e a política de seu tempo. Conforme o crítico destaca, Brás Cubas utiliza passagens da literatura europeia, citações filosóficas ou referências da cultura política de seu século, mas não porque estivesse se preocupando com o bem comum. Apenas instrumentaliza os discursos de acordo com as conveniências, distorcendo quando interessa, ou apresentando de forma cínica o que é justo ou legítimo, para fazer valer seus caprichos. Com isso, o crítico assinala que o romancista talvez estivesse criando negativamente uma espécie de “pitoresco moral”, ou o tipo de “cor local” mais aclimatado à dimensão histórico-social da nação. Personagens da elite dominante brotam da denominada fase madura de escritor como meio de evidenciar tensões entre as formas de vida burguesa e o pensamento colonial brasileiro. Roberto Schwarz, ao exemplificar os assuntos que norteiam a vida do defunto-autor, sublinha que Brás Cubas não traz grandes feitos em seu enredo. Seus conflitos correspondem às preocupações de um estrato social elitista, escravista e negligente com os problemas sociais. Brás Cubas é um observador que manipula e relativiza a real intenção de suas vontades, como o emplastro que, a princípio, serviria para salvar a humanidade do mal do século. Sem também deixar de fazer gozação ao tédio romântico, no fim das contas, procura mais que tudo marcar o seu próprio nome na história. Ele incorpora, em sua consciência maleável, mudanças de ponto de vista, como na política, baseando-se na contingência de seus interesses.²⁷ O defunto-autor demonstra, em vários momentos, opiniões volúveis e condizentes com as suas necessidades. Assim, de acordo com Roberto Schwarz, a estrutura narrativa da obra refletiria, entre outros elementos, decisões que se parecem muito com as incertezas histórico-políticas. A volubilidade das ideias de Brás Cubas, ou

²⁷ SCHWARZ, R. A viravolta machadiana. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 69, p.15-34, jul. 2004.

a dissimulação das personagens machadianas, apresenta dilemas, visões e concepções que ora são mais conservadoras, ou liberais, filosóficas ou moralistas, ora cientificistas ou evolucionistas. Ideias alheias que se misturam com as próprias a serviço do próprio interesse do estrato social a qual pertence cada indivíduo.²⁸

No romance *Quincas Borba*, a personagem criadora do Humanitismo fundamenta seu postulado teórico misturando suas experiências ao discurso de outros pensadores. Ele embaralha e corrige, a seu modo, fontes literárias e temas universais. Imita e discute diversos conteúdos, descreve e exalta referências do conhecimento humano, aludindo às excelências do mundo e imagens de toda sorte. Incorpora narrativas idílicas e épicas de modo singular.

E, afastando com o gesto a pessoa de Rubião, a fim de poder encará-la sem esforço, empreendeu uma brilhante descrição do mundo e suas excelências. Misturou idéias próprias e alheias, imagens de toda sorte, idílicas, épicas, a tal ponto que Rubião perguntava a si mesmo como é que um homem, que ia morrer dali a dias, podia tratar tão galantemente aqueles negócios.²⁹

Em *Um mestre na periferia do capitalismo*, Roberto Schwarz destaca que as ideias de Quincas Borba podem ser lidas como paródia do cientificismo e do positivismo comtiano.³⁰ A

²⁸ SCHWARZ, Roberto. Questões de forma. In: *Um mestre na periferia do capitalismo*. 2.ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991. p. 208-211

²⁹ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 649

³⁰ SCHWARZ, Roberto, *op. cit.*, p. 164 A forma paródica, explicitada no estudo de Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo*, é apontada, porém, não explicitada. Em *Raízes do riso*, Elias Thomé Saliba sublinha que a “paródia da expressão escrita será uma destas formas peculiares e se constituiu afinal num dos gêneros mais amplamente utilizados no patrimônio cômico brasileiro”. Contudo, traduzindo tal consideração segundo a filosofia humanista, para “além dos seus reconhecidos sentidos originais de alusão cômica, canto paralelo, imitação irônica – ou seja, de prática textual referente a uma outra prática textual –, a paródia foi, talvez, a forma privilegiada para representar a vida brasileira”. Sobretudo, continua Elias Thomé Saliba, “um mecanismo ou uma técnica de representação da própria realidade brasileira”. De certo modo, “dialética da ordem e da desordem”, exprimindo a vasta acomodação geral que dissolvia os extremos ou, pelo menos, ajudava a diluir o significado da lei e da ordem numa sociedade extremamente hierarquizada”. Ver: SALIBA, Elias Thomé. Artífices da graça nacional: humoristas no Rio de Janeiro. In: *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 96-7

relevância das observações do crítico reside no modo como ele aponta questões inerentes à forma do romance e, mais propriamente, o sistema humanista. Em *Quincas Borba*, a paródia agrega, além de explorar movimentos, regras e apreciações orientadas pela prática da vida brasileira. Reflexão sobre a forma que, na maturidade da obra machadiana, o crítico atribui ao largo desdobramento do pensar feito pelo escritor sobre a condição da nação brasileira no século XIX.

Su composición fija y explora reglas, movimientos y apreciaciones, obligados por la práctica de la vida brasileña. Reglas que no son ni universales ni contingentes, sino necesidades de la situación nacional, tales como sólo una larga reflexión las hubiera podido captar.³¹

Muito embora a forma paródica e a densa narrativa nortearam a leitura que o crítico realiza do romance, talvez fosse interessante retomar a filosofia do Humanitismo do princípio para que a relação entre paródia e tragicomédia pudesse se tornar mais evidente. Antes de ser apresentada no romance *Quincas Borba*, ela é tema da conversa entre Brás Cubas e seu amigo filósofo em um jantar. Segundo o conteúdo da conversa entre os dois, o sistema borbista nutre como argumento orgânico a diminuição, ou supressão, de qualquer conteúdo sócio-histórico ou filosófico de todas as formas do pensamento humano, mas, sem deixar de submeter, por meio de uma racionalidade absurda, o homem à condição de objeto.

Em *Memórias Póstumas*, certo dia, Brás Cubas entra em contato com o sistema borbista por intermédio de uma carta. Na mensagem, Quincas Borba explicita sua miséria a fim de recriar um sentido para ela. O suposto filósofo se refere ao dia que encontrou Brás Cubas no Passeio Público e, depois de conversarem, recebe do amigo um dinheiro. Ao se despedir, Quincas Borba

³¹ SCHWARZ, Roberto. ¿Quién me dice que este personaje no sea el Brasil? In: *Quincas Borba*. Traducción: Juan García Gayo. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979. p. 09-31

furta o relógio de bolso de Brás Cubas. A figura do amigo “larápio” retorna à cena, muito tempo depois, quando já se encontrava na condição de herdeiro rico. Quincas Borba, ao escrever uma mensagem a Brás Cubas, ironiza sua pregressa vida miserável e desmerece a importância do roubo, tratando o episódio do abraço furtivo com certa leviandade diante da luta mais vital que era, na ocasião, a de matar sua fome.

Meu caro Brás Cubas

Há tempos, no Passeio Público, tomei-lhe de empréstimo um relógio. Tenho a satisfação de restituir-lho com esta carta. A diferença é que não é o mesmo, porém outro, não digo superior, mas igual ao primeiro. *Que voulez-vous, monseigneur?* – como dizia Fígaro – , *c’est la misère*. Muitas coisas se deram depois do nosso encontro; irei contá-las pelo miúdo, se me não fechar a porta. Saiba que não trago aquelas botas caducas, nem envergo uma famosa sobrecasaca cujas abas se perdiam na noite dos tempos. Cedi o meu degrau da escada de São Francisco; finalmente almoço [...] Chamo-lhe Humanitismo, de Humanitas, princípio das coisas. Minha primeira idéia revelava uma grande ênfase; era chamar-lhe borbismo, de borba; denominação vaidosa, além de rude e molesta. E com certeza exprimia menos. Verá, meu caro Brás Cubas, verá que é de veras um monumento; e, se alguma coisa há que possa fazer-me esquecer as amarguras da vida, é o gosto de haver enfim apanhado a verdade e a felicidade. Ei-las na minha mão, essas duas esquivas; após tantos séculos de lutas, pesquisas, descobertas, sistemas e quedas, ei-las nas mãos do homem. Até breve, meu caro Brás Cubas.³²

Brás Cubas lê desconfiado a carta do amigo e, logo entende, que a mensagem de Quincas Borba não servia somente para lhe devolver o relógio, mas também vinha como para restabelecer o contato e pretexto de apresentação da filosofia humanista. Para Brás Cubas, “a restituição do

³² ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 599

relógio excluía toda a idéia de burla”. Afinal, era um evento “extraordinário” ter o relógio de volta, ainda que não fosse o mesmo e que viesse ao lado de uma teoria um tanto “jactanciosa”. O defunto-autor afirma de maneira irônica, ao ler as breves palavras de Quincas Borba, que “a lucidez” e “a serenidade” pareciam excluir a possibilidade de insensatez. Brás Cubas admite que há coisas que não se pode reaver integralmente, porém, a regeneração do amigo não era algo impossível. Brás Cubas, em seus pensamentos, digere de forma rancorosa a situação, mas sobrepõe ao episódio do abraço a alegria de reaver, de certo modo, o objeto roubado.

Assim, com a intenção de se retratar e encontrar uma razão plausível para seu crime, Quincas Borba se vale do cânone operístico, *A flauta mágica* de Mozart, para justificar seu furto. Ao se apropriar da frase “Que voulez-vous, monseigneur? C’est la misère”, sentença contemporânea à visão trágica iluminista representada por Fígaro, o criador do Humanitismo procura convencer o amigo Brás Cubas da necessidade vital sentida por ele em levar o relógio consigo. No entanto, a sentença parodiada por Quincas Borba procura ainda reduzir o peso moral envolvido no roubo do objeto de Brás Cubas. O amigo “ladrão” afirma em sua carta que não havia escolha e teve que agir do modo como a sua condição de mendigo lhe permitiu. O trecho da carta redigida a Brás Cubas não elimina de todo “a idéia de burla”, mas, sobretudo, carrega uma concepção trágica de vida. O defunto-autor, não deixa por menos ao ler a narração do amigo, reconhecendo que até mesmo os ricos roubam e que, ainda após um delito, os empobrecidos podem restabelecer a “primitiva dignidade”.

Brás Cubas, finalmente, recebe o velho amigo em sua casa. A afirmação de Quincas Borba, na mensagem, de que “finalmente almoço”, contribuiu para a composição do edifício de seu sistema humanista. É durante um jantar que Quincas Borba exhibe a teoria do Humanitismo. Assim, a concepção da luta pela autoconservação manifesta-se estruturada segundo o princípio

universal das leis impostas pela natureza, guerra e fome. Condições de existência pelas quais o próprio Quincas Borba passava na época que havia roubado o relógio de Brás Cubas.

– Para entender bem o meu sistema [de Quincas Borba] – concluiu ele – , importa não esquecer nunca o princípio universal, repartido e resumido em cada homem. Olha: a guerra que parece uma calamidade, é uma operação convenientemente, como disséssemos o estalar dos dedos de Humanitas; a fome (e ele chupava filosoficamente a asa de um frango), a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria víscera.³³

O relato de Quincas Borba sobre sua concepção de luta possui uma carga trágica e ao mesmo tempo cômica, uma vez que se filia ao absurdo quase ininteligível de “que Humanitas submete a própria víscera”, capaz de consumir a si mesma. Então, a teoria borbista admite a máxima de que, entre o aparecimento e a aniquilação dos seres, a guerra não é uma calamidade, mas, sobretudo, o estalar de dedos da figura bestial humanitista. A fome, continua Quincas Borba, é o momento que o ser vivo oferece a si mesmo como o alimento das guerras. Em outras palavras, os homens são, conforme o princípio teórico humanitista, a encarnação do conflito, da selvageria e da barbárie, mas, sobretudo, da vida determinando a morte do outro para conservar a si mesma. O filósofo utiliza-se da asa de um frango para aprofundar sua exposição e provar, assim, a suposta sublimidade de seu sistema:

Mas eu não quero outro documento da sublimidade de meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a

³³ ASSIS, Machado. Memórias póstumas de Brás Cubas. *Op. cit.*; p.616

cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executados com o único fim de dar mate ao meu apetite.³⁴

A fome, que tudo devora concatena, uma lógica de destruição entre os homens que o criador do Humanitismo denomina como sublime. No entanto, a pretensa sublimidade do sistema de Quincas Borba se revela como falsa ao reduzir de modo grotesco a lógica histórico-racional da guerra à chupada da asa de um frango. Segundo o raciocínio do criador do Humanitismo, a ave teria sido nutrida com o milho plantado por um negro que, por conseguinte, havia sido trazido de Angola. O africano nasceu e, depois de ser vendido como mercadoria, veio para o Brasil. A embarcação que transportou o homem responsável pela alimentação do frango também tem sua lógica de trabalho explicada. Ela é fruto do esforço físico de dez ou doze homens, com velas tecidas por outros indivíduos, e, por fim, um conjunto de forças voltadas à produção tendo seu processo final a devoração. Assim, “é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executados com o único fim de dar mate ao meu apetite” que parece dar movimento à lógica do Humanitismo. A luta entre dominador e dominado, entre o mais fraco e o mais forte, é o fio que move a argumentação de Quincas Borba. Ele destroça uma asa de frango ao mesmo tempo em que, indiretamente, desossa a força de trabalho que sujeita os dominados.

Ainda no jantar de Quincas Borba e Brás Cubas, a paródia está posta para além do conteúdo do pensamento filosófico positivista, ou científico darwinista, do século XIX. Ela culmina em uma equação racional absurda e irônica em que a sujeição do homem serve para matar a fome de dominação cega de sua própria espécie. Atrelada a essa visão trágica, há o elemento cômico que auxilia na lógica violenta da existência posta por Quincas Borba. Segundo o

³⁴ ASSIS, Machado. Memórias póstumas de Brás Cubas. *Op. cit.*; p.616

mentor do Humanitismo, a luta entre dominantes e dominados é o ato da guerra como o simples “estalar de dedos de Humanitas”. Além disso, os esforços numerosos, presentes na sujeição do homem pelo seu semelhante, objetivam-se de forma mais trágica que cômica no discurso do filósofo. Ele resume na asa de frango uma totalidade de esforços, lutas de dominação e sujeição entre os indivíduos, para traduzir a instrumentalização da vida humana como natural, supostamente necessária à lógica da autoconservação. A filosofia humanitista assim potencializa e justifica a dominação violenta e a transformação do outro em “coisa” a ser devorada.

Brás Cubas sente-se inspirado pela filosofia borbista e pretende tirar proveito das ideias do amigo. No capítulo CXLVI, comenta Brás Cubas sobre a necessidade de organizar a derrubada do ministério por meio de um jornal. Ele pretende pôr em prática um programa político contra os conservadores na política do Império. Contudo, o substrato do programa de Brás Cubas se constitui segundo a condição econômica, social e política do país.

Urgia fundar um jornal. Redigi o programa, que era uma aplicação política do Humanitismo; somente, como o Quincas Borba não houvesse ainda publicado o livro (que aperfeiçoava de ano em ano), assentamos de lhe não fazer nenhuma referência. Quincas Borba exigiu apenas uma declaração, autógrafa e reservada, de que alguns princípios novos aplicados à política eram tirados do livro dele, ainda inédito. Era a fina flor dos programas; prometia curar a sociedade, destruir os abusos, defender os sãos princípios de liberdade e conservação; fazia um apelo ao comércio e à lavoura; citava Guizot e Ledru-Rollin, e acabava com esta ameaça, que o Quincas Borba achou mesquinha e local: “A nova doutrina que professamos há de inevitavelmente derrubar o atual ministério”.³⁵

³⁵ ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 631

Ao citar François Guizot e Alexandre Auguste Ledru-Rollin, Brás Cubas agrega à sua retórica argumentos antagônicos. O primeiro nome representa os direitos constitucionais e jurídicos da França revolucionária, formas esclarecidas do poder europeu diferentes da monarquia absolutista. O segundo é político social-democrata e defensor do sufrágio universal, pensamento adepto às formas mais representativas de governo. Duas referências opostas, uma vez que a primeira é fruto da visão individualista liberal burguesa e a outra partidária das garantias necessárias à proteção do bem comum assim como dos direitos políticos. Contudo, Brás Cubas adapta ao cenário político e social do Império as ideias advindas do contexto revolucionário francês do final do século XVIII. Conforme se encontra explícito no texto, há um apelo ao comércio e à lavoura feito pelo defunto-autor, práticas de caráter burguês e cultura de *plantations*, respectivamente.

O protagonista de *Memórias Póstumas* pretende tirar proveito das ideias do amigo com o seu programa político. Ele se fixa nas vantagens que a teoria borbista possivelmente poderia lhe trazer, mas, curiosamente, baseia-se na lógica humanista da sujeição do outro para, de forma rigorosa, defender suas ideias. A questão da luta, em qualquer dos sistemas dos quais Brás Cubas trata, requer exploração e dominação, uma vez que o mais importante é a efetivação de seus caprichos.

Segundo Brás Cubas, a constituição de seu programa político é proveniente “do mais puro Humanitismo”. Brás Cubas deseja conquistar um lugar na política e, para tanto, dispõe das concepções teóricas humanistas. Assim, o protagonista de *Memórias Póstumas* retoma a luta pelo capital, no comércio e na lavoura, resumindo as atividades como necessárias aos seus interesses. De forma indireta, o defunto-autor instrumentaliza a filosofia paródica de Quincas Borba para ocupar um cargo político.

Ao conversar sobre o seu programa, a ironia reaparece no discurso de Brás Cubas quando ele argumenta que tanto as guerras napoleônicas, quanto uma briga de cabras, segundo “a nossa doutrina”, carregavam a mesma “sublimidade”. Com uma diferença, “os soldados de Napoleão sabiam que morriam, coisa que aparentemente não acontece às cabras”. O efeito irônico de sua fala reside no fato de ele equiparar o mundo humano ao reino animal de forma grotesca. Ele, ao final, já refletia sobre a concepção filosófica criada por Quincas Borba como se fosse sua também. Imputa aos outros ações pouco virtuosas dizendo “Ora, eu não fazia mais do que aplicar às circunstâncias [comércio, lavoura, ideais filosóficos e políticos concorrentes] a nossa fórmula filosófica: Humanitas queria substituir Humanitas para a consolidação de Humanitas”.

No capítulo CXLI, o amigo filósofo motiva Brás Cubas a desmanchar “toda esta igreja”. Refere-se à tensão entre liberais e conservadores. Afirma ao amigo que “vida é luta” e complementa: “Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal”. Em *Memórias Póstumas*, o interesse de classe parece também submeter o sistema de Humanitas. Brás Cubas, como representante das elites do Império, mobiliza os fundamentos do sistema criado pelo amigo para a realização de seus caprichos, desejos e deleites pessoais. Finge querer promover a justiça e a equidade social, quer curar a sociedade, destruir os abusos e defender a conservação dos princípios de liberdade. No entanto, o conteúdo de sua mensagem não se destina à concepção do bem comum. A personagem apenas utiliza a ideia de justiça social e uma seriedade política com o intuito de galgar posições na arena política. O exercício de Brás Cubas obedece à lógica de seus próprios interesses e caprichos dentro do sistema político-econômico escravista. Em *Um defunto estrambótico*, Valentim Facioli acrescenta que o narrador Brás Cubas mente e se apropria dos discursos alheios a seu bel-prazer. Ele quer ser visto como a origem e não plágio do que está

dizendo.³⁶ O defunto-autor praticava, com extrema habilidade, o costume de se apropriar do alheio e transformar em objeto tudo que serve como meio para os fins desejados. Conduta também vista em *Quincas Borba* na formulação do Humanitismo.

A paródia da lógica darwinista acompanhada pela naturalização humanitista da existência como algo trágico da existência pode ser também apreendida em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Vida é luta na teoria do Humanitas. Essa é a máxima que alguns críticos extraem do sistema do Humanitismo como uma forma de apontar a parcela de sociedade colonial e a história escravista na obra machadiana. Em *Machado de Assis, historiador*, Sidney Chalhoub observa que, no sistema filosófico de Quincas Borba, estão impregnadas ideias de seleção natural e sobrevivência do mais apto. Formas interpretativas da crítica que associam a ciência do século XIX de Charles Darwin, proveniente de *On the origins of the species and the natural selection*, à pequena narrativa de Humanitas. O crítico sublinha que o apólogo do Humanitismo pode ser visto também como uma apropriação “livre” do pensamento positivista da época. O elemento filosófico-histórico, presente na exposição do Humanitismo, parodia metodicamente os três domínios do positivismo de Auguste Comte. A esfera teológica, metafísica e científica são incorporadas por Quincas Borba e traduzidas como a fase “estática”, a “expansiva” e a “dispersiva”. O filósofo Quincas Borba ousa complementar as três anteriores com uma suposta quarta fase, a “contrativa”.³⁷

Conta três fases Humanitas: a *estática*, anterior a toda criação; a *expansiva*, começo das coisas; a *dispersiva*, aparecimento do homem; e contará mais uma, a *contrativa*, absorção do homem e das coisas. A expansão, iniciando o universo,

³⁶ FACIOLI, Valentim. O narrador. In: *Um defunto estrambótico*. 2.ed. São Paulo: Nankin/Edusp, 2008. p. 99-133

³⁷ CHALHOUB, Sidney. Ciência e ideologia em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. In: *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 118-25

sugeriu a Humanitas o desejo de o gozar, e daí a dispersão, que não é mais do que a multiplicação personificada da substância original.³⁸

A teoria darwinista concorria com as ideias comtianas no período. Ao ser propagada na segunda metade do século XIX, espantou a comunidade científica da época com o princípio de que, em um passado remoto da escala evolutiva, houve um ser que deu origem a outras espécies. Entre as concepções científicas estão as que se aproveitam do darwinismo a fim de explicar as doutrinas raciais do século XIX. Teorias de evolução e aprimoramento das raças como fonte de saber aplicáveis ao conhecimento social.³⁹

Na sequência lógico-argumentativa de *Quincas Borba*, a disputa pela autoconservação não se apresenta apenas filiada a uma espécie de darwinismo social. Duas tribos, trazidas no capítulo VI do romance *Quincas Borba*, sintetizam a concepção de luta biológica entre os mais e menos aptos conforme sublinhou o crítico. No entanto, em *Quincas Borba*, o princípio darwinista do suposto processo natural de seleção é aplicado em referência à luta pela auto conservação. O suposto filósofo usa e submete as concepções teórico-metodológicas de *A origem das espécies e a seleção natural* à guerra e à autoconservação a qualquer custo por melhor posição social e econômica. O absurdo de suas convicções, além do belicismo e da fome, busca usar a morte pelo ponto de vista do “equilíbrio” e “sobrevivência”, assim, em rigor, “não há morte, há vida”.

– Não há morte [explica *Quincas Borba*]. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da

³⁸ ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 614-15

³⁹ SCHWARCS, Lilia Moritz. Uma história de ‘diferenças e desigualdades’: as doutrinas raciais do século XIX. In: *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 43-66

sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegaria a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível e vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.⁴⁰

A suposição de um campo de batatas é objeto secundário na luta pela vida, pois, os tubérculos, esquecidos por um momento, transformam-se na recompensa dos mais fortes. As batatas representam a vida, a existência de todos os homens a morte. Há, no trecho do apólogo, uma inversão paródica e ao mesmo tempo instrumental operada pelo pensamento de Quincas Borba. Assim, na pequena narrativa das duas tribos famintas, há a estilização humorada dos pressupostos darwinistas aplicada à valorização da experiência negativa e servil a qual foram submetidos os homens na história da dominação. A paródia se apresenta ao leitor por meio da distorção do conceito de existência, ou mesmo sua redução à condição natural e irreversível da luta pela autoconservação a qualquer custo. Quincas Borba instrumentaliza ainda a tensão entre duas tribos a fim de exemplificar seu sistema, tornando a violência e a destruição as razões indispensáveis da vida humana que parecem justificar a selvageria, bem como a barbárie. As deformações, criadas pela lógica paródica do Humanitismo, submetem a percepção darwinista à

⁴⁰ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 648-49

lei de “Ao vencedor, as batatas”, instrumentalizando e tornando, assim, a negativa da luta entre duas tribos famintas o postulado operante da história humana.⁴¹ Quincas Borba, com sua filosofia humanista, objetiva a disputa entre os tidos como fracos e os supostamente mais fortes. Define as relações entre os homens segundo a máxima do inevitável conflito e confere à existência de cada ser um aspecto mais trágico que cômico.

⁴¹ Em relação à forma paródica, truncamento e distorção de outros textos da tradição filosófica ou literária, ver o estudo seminal, principalmente, no capítulo “Quincas Borba e a re-escritura trágica do cômico” em REGO, Enylton de Sá. *O calundu e a panacéia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

Capítulo II

Tragicomédia: estética filosófica e destruição

I

Na forma tragicômica há uma mundividência entre o universo dionisíaco e o apolíneo, o cômico e o sério, gêneros que convergiriam em um suposto equilíbrio. Segundo Ronaldo de Melo e Sousa, tal harmonização das formas seria própria do enredo tragicômico. Para o crítico impera na narrativa tragicômica o duplo domínio da vida e da morte, “do movente conúbio do superno celestial e do inferno terrestre”, “do ser paradoxal”, sendo, assim: “A representação do drama mesclado de alegria e dor da tragicomédia constitui a única forma artística que se compatibiliza com a reversa harmonia da arte dionisíaca”.⁴² O estatuto da tragicomédia herdado do *Satyricon* percorreu, mesmo antes da cisão aristotélica dos gêneros, seu caminho e alcançou o teatro moderno shakespeariano. Assim, continua o crítico, a representação do drama, respeitando o sincrismo dos contrários alegria e dor, “remonta ao *Satyricon*, que não se perdeu no passado imemorial, mas se conserva como princípio de construção de várias obras da literatura ocidental”. Mais adiante, entre os alemães, Ronaldo de Melo e Sousa ressalta que o drama tragicômico foi entendido como forma suprema da arte.⁴³

⁴² SOUSA, Ronaldo de Melo, *op. cit.*, p. 57-59

⁴³ *Ibidem*, p. 62-63 “O reconhecimento do drama tragicômico como forma suprema da arte constitui uma das glórias de pensadores e poetas alemães no alvorecer da modernidade. Schelling sustenta a tese de que a interação do cômico e do trágico constitui o princípio articulador da estrutura do drama moderno [...] Hoffman exalta o efeito portentoso que a unidade tragicômica da obra de arte provoca no ânimo do espectador ou do leitor [...] Nas preleções vienenses de 1808, August Wilhelm Schlegel concebe o gênero mesclado da tragicomédia como expressão da natureza contraditória do homem da modernidade. De acordo com Guthke, o autor que colige e interpreta copiosa documentação relativa à moderna teoria tragicômica, as preleções de A. Schlegel se credenciam como sùmulas poéticas, que alcançam notoriedade internacional através do livro *De L'Allemagne*, de Mme Stäel [...] Friedrich Schlegel aponta o extraordinário alcance especulativo do drama shakespeariano como exemplo consumado do interesse moderno em conciliar o comedimento do espírito e a desmesura da natureza [...]”.

No entanto, em diálogo com as observações do crítico, acrescentaríamos que a concepção de unicidade entre os gêneros, no que diz respeito à oposição equilibrada do funesto e do risível, encontra-se não apenas entre os principais artistas alemães, mas, sobretudo, no pensamento hegeliano como um terceiro gênero. Em sua *Estética*, G. W. F. Hegel entende a tragicomédia como o ponto médio e a harmonização da forma trágica e cômica. Sem que exista uma completa oposição dos gêneros, ou um isolamento absoluto do funesto e risível, o sério e o derrisório se reúnem e formam um todo concreto.

Un tercer género de poesía dramática ocupa el punto medio entre la tragedia y la comedia. Es, no obstante, de una importancia menos sorprendente, aun cuando en él la diferencia de lo trágico y de lo cómico tienda a borrarse y a conciliarse, o bien que los dos aspectos, al menos, sin aislarse y presentar una completa oposición, se reúnan y formen un todo concreto [...] A este género se refiere, por ejemplo, entre los antiguos, la *comedia satírica*, en la cual la principal acción, aun cuando todavía no trágica, sino do género serio, es tratada cómicamente. La *tragicomedia* también se deja colocar en esta clase.⁴⁴

Ao tratar sobre a forma cômica, G. W. F. Hegel afirma, diferentemente de Aristóteles em sua *Poética*, que o risível não reside nos vícios, nem na sátira, menos ainda “La tontería, la extravagancia, la ineptitud, consideradas en sí, no pueden ser cómicas, aun cuando a veces causen risa”.⁴⁵ O elemento cômico, portanto “en general se apoya en contrastes *contradictorios*, ya entre fines opuestos entre sí, ya entre un fin sustancial y los personajes, ya, finalmente, entre circunstancias exteriores”. Além disso, o filósofo alemão acresce em suas reflexões estéticas que a comédia não deve representar nem o verdadeiro, nem a razão absoluta, mas também não deve se

⁴⁴ HEGEL, G. W. F. *Estética*. Tomo II. Buenos Aires: Losada, 2008. p. 551

⁴⁵ *Ibidem*, p. 547

apoiar no completamente falso. Para G. W. F. Hegel os indivíduos mais cômicos são aqueles que tratam de ações elevadas de forma muito banal, ou enxergam uma situação irrelevante com o maior dos semblantes graves.⁴⁶ Ao contrário da tragédia, em que os personagens se veem diante da ruína por conta de sua vontade e caráter em conflito com o mundo externo, na comédia o fracasso do ser filia-se ao fato de sua personalidade risível acreditar em si mesma como um todo coerente. Não há, então, nenhum elemento do mundo exterior que tire a atenção do sujeito no centro da ação cômica.⁴⁷

Em *O romance tragicômico de Machado de Assis*, ao retomarmos os estudos do crítico, Ronaldo de Melo e Sousa aponta que as personagens presentes em *Quincas Borba*, sujeitas ao regime de luta de Humanitas, protagonizam o processo de selvageria social. O combate, exposto na exemplificação da teoria humanitista, opondo duas tribos famintas, complexifica-se e, ao mesmo tempo, organiza todo o devir trágico presente no romance como um todo. Herdeiro da fortuna de Quincas Borba, o capital de Rubião torna-se alvo dos oportunistas e ele o objeto. O crítico sublinha ainda que, em uma sociedade organizada pelo regime da disputa da escalada social, há um círculo vicioso de predadores e presas, violentações e agressões recíprocas. O valor monetário, próprio de uma fase de teor mais capitalista na sociedade brasileira, expressa também o ditame da alienação do ser. Todos parecem estar comprando ou sendo comprados, explorando ou sendo vítimas do interesse alheio. Uma lógica que no Humanitismo é expressa pela luta e devoração constante na pequena narrativa do apólogo das batatas.

Na visão armada do narrador machadiano, o otimismo triunfante dos deslumbrados e o pessimismo resignado dos atrabiliários se revelam simplórios, porque não se dão conta de que a contradição se inscreve no ser do homem e do

⁴⁶ HEGEL, G. W. F. *Estética*. Tomo II. Buenos Aires: Losada, 2008. p. 549-50

⁴⁷ *Ibidem*, p. 547

mundo. Em consonância com o princípio da reversibilidade dos contrários, que articula a estrutura do romance *Quincas Borba*, as almas se revezam no rodízio universal da alegria e da dor:⁴⁸

De fato, o riso e o choro operam na obra de Machado de Assis e, mais propriamente, estão presentes em *Quincas Borba*. No capítulo derradeiro do romance, após a descrição da morte do cachorro do filósofo criador do Humanitismo e de Rubião, constatamos também que o narrador diz: “Eia! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma coisa”. Contudo, seria interessante acrescentar que as considerações de Ronaldo de Melo Sousa sobre a forma tragicômica e os aspectos contrários, dor e prazer, justapostos de forma equilibrada, descendem da mesma da tradição filosófica hegeliana, não de uma visão trágica de mundo.

El teatro y el drama modernos tienen particularmente su origen em este modo de concepción. La profundidad, en este principio, es esta idea: que, a pesar de las oposiciones y de los conflictos, una existencia en sí llena de armonía se realiza por la actividad humana. Ya los antiguos tenían tragedias que ofrecían un desenlace semejante, puesto que los personajes, en lugar de ser sacrificados, conservan en ellas su existencia y sus derechos.⁴⁹

Uma vez que a luta entre os homens é tida pelo filósofo como a oscilação entre a autoconservação e o sacrifício, matar para se perpetuar vivo, ou o inverso, a sua concepção de tragédia como “espectáculo de um conflito” é análoga ao conteúdo da tragicomédia na modernidade que tende a teorizar as tensões da existência humana em uma interpretação teleológica. Em *Fenomenologia do espírito*, G. W. F. Hegel afirma que a disputa bélica, na trama

⁴⁸ SOUSA, Ronaldo de Melo. O drama tragicômico de “Quincas Borba”. In: *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2006. p. 136

⁴⁹ HEGEL, G. W. F. *Estética*. Tomo II. Buenos Aires: Losada, 2008. p. 552

do devir histórico entre os Estados, portanto, só pode ser uma luta entre o ato de conservação e sacrifício entre os homens.

Lutar, portanto, só pode ser um vacilar entre conservar e sacrificar – ou antes, não pode caber nem o sacrifício do próprio, nem o ferimento do estranho. Assemelha-se a virtude não só a um combatente, que na luta está todo ocupado em conservar sua espada sem mancha; e mais ainda: que entrou na luta para preservar as suas armas. Não só não pode fazer uso de suas próprias armas, como além disso deve manter intactas as do adversário, e protegê-las contra seu próprio ataque: portanto são, todas, partes nobres do bem, pelo qual a virtude entrou na luta.⁵⁰

Segundo o excerto acima, G. W. F. Hegel defende que a luta, antes mesmo de se caracterizar pelo corpo a corpo contra o inimigo, é também o embate entre a consciência de preservar a si mesmo e o outro, a tensão entre manter as armas limpas do sangue alheio e não deixar de empunhá-las diante do combate iminente. Em outras palavras, o equilíbrio dramático da dor na derrota e da alegria vitoriosa, sentimentos necessários à história, no acontecimento das guerras. Assim, ainda que se reconheça a forma tragicômica como ordenadora da narrativa em *Quincas Borba*, talvez fosse interessante analisar se o elemento trágico prepondera sobre o risível e de que maneira. Ao contrário do que expôs Ronaldo de Melo e Sousa, parece que a harmonização dos contrários, do mundo dionisíaco e apolíneo, do terror e do equilíbrio, tende a ser algo mais trágico que cômico em *Quincas Borba*.

No romance *Quincas Borba*, Rubião aparece lembrando os fatos passados e o dia em que o amigo filósofo lhe expõe uma teoria sobre a luta e a devoração entre os homens. Logo no

⁵⁰ HEGEL, G.W. F. A virtude e o curso do mundo. In: *Fenomenologia do espírito*. 6.ed. Parte I. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 241

capítulo VI, os dois conversam sobre o modo como tal episódio pode comprovar o regime por meio do qual a suposta teoria humanitista opera, considerando a morte da avó do filósofo. Para ele, o acontecimento se deu porque as mulas à frente de uma sege, em um dia de festa, fustigadas por um cocheiro que tinha um patrão faminto, desgovernaram-se e passaram por cima da mulher. Diante da afirmação de Rubião, de que tal história havia sido “realmente uma desgraça”, o filósofo, para espanto do ouvinte, diz que o episódio não havia sido um infortúnio, mas apenas a pulsão de um movimento natural que não podia ser contido. Humanitas é a figura que precisa se alimentar, diz Quincas Borba a Rubião. Ainda no capítulo VI, Quincas Borba sublinha que, assim como Humanitas, o dono da sege “tinha fome, muita fome”. Era tarde e o patrão não havia almoçado o suficiente.

– Ouve o resto [diz Quincas Borba a Rubião]. Aqui está como se tinha passado o caso. O dono da sege estava no adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A sege no meio do caminho achou um obstáculo e derribou-o; esse obstáculo era minha avó.⁵¹

Na ordem lógica da narrativa de Quincas Borba, a fim de atender ao pedido do patrão faminto, o cocheiro fustiga as mulas, que, açoitadas violentamente, saem desembestadas. O homem não controla o animal, daí, conforme expõe o suposto filósofo, o atropelamento da avó de Quincas Borba, reduzida, segundo a interpretação humanitista, a mero obstáculo. A fome, assim, impulsiona uma série de movimentos determinantes da tragédia e, antes a submissão do empregado à conservação do patrão. Tanto a vida do ente próximo do criador do Humanitismo,

⁵¹ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 647-48

quanto a consciência do dono da sege, encontram-se submetidas à fome e à necessidade natural para a perpetuação da espécie.

O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação: Humanitas tinha fome. Se em vez de minha avó, fosse um rato ou de um cão, fosse um poeta, Byron ou Gonçalves Dias, diferia o caso no sentido de dar matéria a muitos necrológicos; mas o fundo subsistia. O universo ainda não parou por lhe faltarem alguns poemas mortos em flor na cabeça de um varão ilustre ou obscuro; mas Humanitas (e isto importa, antes de tudo) Humanitas precisa comer.⁵²

O movimento de conservação exposto por Quincas Borba é cômico por ser a avó do criador do Humanitismo tida como mero obstáculo, porém, a analogia entre o patrão faminto e o axioma de que “Humanitas precisa comer” é, sobretudo, entendida como trágica por Rubião. Muito embora Quincas Borba enfatize ao seu interlocutor que “Se em vez de minha avó, fosse um rato ou de um cão, fosse um poeta, Byron ou Gonçalves Dias”, elemento cômico em meio a uma narrativa triste, ele manifesta a ironia de que a vida se complementa na morte. Contudo, mais do que a oposição de prazer e dor presente neste episódio tragicômico, matar a fome e passar por cima de seu semelhante, há a instrumentalização do humano para a automanutenção de outrém. Conforme sustenta o inventor do Humanitismo, a condição de objeto é alcançada por meio da substituição que a lógica borbista admite, sendo indiferente “um rato”, “um cão”, “um poeta”, “Byron ou Gonçalves Dias”. Ao retomarmos, ainda no capítulo VI, as máximas do suposto filósofo a respeito do “caráter conservador e benéfico da guerra”, ou da concepção de que “a guerra é a conservação”, deixa transparecer ao leitor a ironia machadiana em relação à tradição filosófica hegeliana de luta como estado de equilíbrio.

⁵² ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 647-48

No capítulo CXVII de *Memórias Póstumas*, Quincas Borba retoma a religião e o mito para tratar do Humanitismo. Explica ele a Brás Cubas que, semelhantemente ao Bramanismo, no sistema humanitista os homens representam as partes do corpo de um mesmo ser. Ele ressalta apenas que, diferente da estreita ligação teológica e política da crença indiana, sua filosofia era “a grande lei de valor pessoal”. Mais uma vez, ao leitor, Machado de Assis expõe de forma cômica a analogia feita pelo pensador, mas não elimina o caráter bélico dentro do nome de Hércules. A personagem, conhecida pelos seus doze trabalhos, também perpetuou seus esforços pela matança, captura e dominação de seres bestiais.

Explicou-me que, por um lado, o Humanitismo ligava-se ao Bramanismo, a saber, na distribuição dos homens pelas diferentes partes do corpo de Humanitas; mas aquilo que na religião indiana tinha apenas uma estreita significação teológica e política, era no Humanitismo a grande lei de valor pessoal. Assim, descender do peito ou dos rins de Humanitas, isto é, ser um forte, não era o mesmo que descender dos cabelos ou da ponta do nariz. Daí a necessidade de cultivar e temperar o músculo. Hércules não foi senão um símbolo antecipado do Humanitismo.⁵³

Muito embora apareça na fala de Quincas Borba, de forma cômica, que descender dos rins ou do peito de Humanitas não é o mesmo que nascer dos cabelos ou da ponta do nariz, a percepção do conflito ainda age de modo latente. Ele usa a personagem da narrativa épica de *Os doze trabalhos*, para impor uma simbologia ao Humanitismo, sobretudo, brutal e dominadora.

No que diz respeito às concepções de luta de G. W. F. Hegel e a ideia de matéria, Machado de Assis ironiza as concepções hegelianas ao trazer o Bramanismo para dentro do

⁵³ ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 615

sistema Humanitista. Em *A metafísica da morte*, Arthur Schopenhauer, importante debatedor das concepções hegelianas, procura investigar o significado da morte entre os homens. O filósofo alemão reitera a premissa de Sócrates que afirma ser o fim da vida a musa inspiradora do pensar. A vida luta a fim de que o espírito não morra e o corpo mantenha-se de pé. Contudo, segundo ainda Arthur Schopenhauer, o homem cristão não apreende a morte como uma forma de indestrutibilidade da matéria. Ele é ensinado a se apegar ao horror trágico e ao medo moral do além, mesmo que nada lhe garanta a vida após a morte em um corpo semelhante ao seu. Dessa forma, segundo o filósofo alemão, há um paradoxo, de caráter extremamente irônico, que se apresenta à moral cristã. O homem não desaparece do mundo, divide-se em milhares de outras invisíveis partículas vivas. A menor parte física do ser não pode desaparecer em absoluto da face da terra. Um mesmo elemento muda seu estado físico ou se agrega a outros gerando assim transformação e não criação. Arthur Schopenhauer, portanto, reitera as concepções do Bramanismo como uma religião que expressa a perenidade da matéria em outras formas.

A analogia do filósofo alemão lança uma provocação também à obsessão romântica pela origem. Em *O dialeto dos fragmentos*, Friedrich Schlegel entende que a existência não provém de uma origem apenas natural. A princípio, segundo este pensador, a vida é antes de tudo humanamente divina, pois “vida alguma é natural em sua origem primeira, mas divina e humana”. Ele admite que “somente em Deus se deve buscar a vida eterna e o mundo invisível. Nele vivem todos os espíritos, é um abismo da individualidade, o único infinitamente pleno”. A natureza e o mundo, de acordo com Friedrich Schlegel, são indivíduos sujeitos a Deus, pois “Deus é tudo aquilo que é pura e simplesmente original e supremo”.⁵⁴ Segundo os românticos, as ininterruptas revoluções ocorrem na vida do espírito universal e “nele vivem todos os indivíduos, os originais,

⁵⁴ SCHLEGEL, Friedrich. Idéias. In: *O dialeto dos fragmentos*. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 145-155 Ver especialmente os fragmentos 15, 24, 47 e 91.

eternos”. O espírito do tempo inerente aos homens, assim, é o elemento que aproxima natureza e mundo.⁵⁵

Arthur Schopenhauer ironiza os conceitos românticos e hegelianos ao dizer que a natureza persegue, desprendida do homem, seu desígnio ao ser imparcial. Todos são átomos e toda matéria retorna à natureza quando um organismo morre. O filósofo alemão, ao contrário das concepções de Friedrich Schlegel, entende que a natureza simboliza o eterno retorno, pois “vida e morte lhe são indiferentes”. Arthur Schopenhauer compara a natureza a uma “Grande Mãe” que “envia tão sem cuidado seus filhos desprotegidos de encontro aos mil perigos ameaçadores”, porque sabe que “caso eles caiam, recaem em seu ventre, onde estão todos protegidos e, por isso, a sua queda é apenas uma brincadeira. Ela se comporta com os homens do mesmo jeito que com os animais”.⁵⁶ Assim, a Natureza é a criadora, não um ente gerado por um ser supremo e divino. Não há sensibilidade, nem amor nela, somente “morte e decomposição” conforme a visão schopenhaueriana.⁵⁷

Do mesmo modo como vimos na explicação do episódio da morte da avó de Quincas Borba, Humanitas também, tal como em Arthur Schopenhauer, não diferencia o objeto a ser devorado. A paródia, que a filosofia humanista faz da hipotética destruição da matéria, liquida tanto as ideias hegelianas acerca da concepção de luta pela autoconservação, quanto a crítica mais irônica contra o equilíbrio das formas dramáticas de G.W. F. Hegel. O excerto parodiado por Quincas Borba dialoga com um dado momento de *A metafísica da morte*.

Prossigamos entretanto ainda mais na nossa consideração objetiva e imparcial da natureza. – Se eu matasse um animal, fosse um cão, um passáro, uma rã, mesmo

⁵⁵ SCHLEGEL, Friedrich. Athenäum. In: *O dialeto dos fragmentos*. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 142

⁵⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica da morte*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 78-79

⁵⁷ *Ibidem*, p. 88

só um inseto, então é propriamente impensável que esse ser, ou antes a força originária em virtude da qual um fenômeno tão digno de admiração se apresentava um momento antes em sua plena energia e vontade de viver, deva tornar-se nada mediante minha maldade, ou ato descuidado. – E, por outro lado, os milhões de animais de todo tipo, que a cada momento, em vaidade infinita, entram na existência com plena força e vigor, nunca podem, antes do ato de sua procriação, não terem sido nada e do nada terem chegado a um começo absoluto.

58

Além de afirmar que a matéria é um princípio indestrutível, Arthur Schopenhauer a entende como substância idêntica presente em todos os seres. Ela é o único elemento universal, eterno e indivisível. As demais coisas não podem ser geradas de um mesmo estado absoluto. A explanação de Quincas Borba, à medida que se continua a leitura do capítulo VI, também contempla os conceitos de indestrutibilidade e identidade da matéria, universalidade e indivisibilidade. Rubião ouve do amigo filósofo a argumentação que parafraseia a dúvida schopenhaueriana.

– Mas que Humanitas [pergunta Rubião] é esse?

– Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e identifica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível [...] Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?⁵⁹

Schopenhauer destaca em síntese, nas considerações finais de seu estudo, que, em rigor, não há morte e sim vida, pois em milênios de morte e decomposição, nada deixou de existir “do

⁵⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica da morte*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 82-83

⁵⁹ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 648

mesmo modo aparentemente parecem com a morte o homem e o animal, subsistindo, no entanto indestrutível, o seu ser verdadeiro”.⁶⁰

Contudo, há uma semelhança que merece maior atenção entre a filosofia do Humanitismo e as concepções schopenhauerianas. Em Schopenhauer, a indestrutibilidade reside na vontade de viver da espécie. Em Machado de Assis, Humanitas, isto é, a vontade egoísta, firma-se na autoconservação, na violência e na barbárie. Na visão humanitista, a eternidade do princípio de Humanitas e a concepção da luta pela autoconservação subsistem. O conflito, ou a guerra, serve ao fim único da necessidade natural e biológica do homem, conforme se viu na lógica dos acontecimentos a partir da fome do cocheiro, da ordem do patrão e das mulas desgovernadas. A completa destruição não existe, o que se vê, assim como a irônica passagem de *A metafísica da morte* em relação à *Fenomenologia do espírito*, é a supressão de um ser para a conservação de outro. No entanto, a visão schopenhaueriana é levada de forma absurda às últimas consequências, pois Quincas Borba submete a reflexão da morte como parte da natureza humana, elemento argumentativo do pensamento do filósofo alemão, para encerrá-la na relação social do trabalho e na necessidade biológica do homem. Quincas Borba usa e instrumentaliza também o conteúdo de *A metafísica da morte* a fim de justificar a existência trágica do homem enquanto ser natural. A avó do criador do Humanitismo é seu objeto teórico, submetido à irreversível lógica da luta entre patrões e subalternos, além da suscetibilidade que o desgoverno da natureza visto nas mulas impõe à vida dela.

A concepção do trágico, sobrepondo-se ainda ao cômico, pode ser revisitada em *Memórias Póstumas*, quando Quincas Borba defende que o seu sistema é a destruição da dor. A dor, conforme está na filosofia borbista, é uma pura ilusão e, por isso, não deve ser algo digno de

⁶⁰ SCHOPENHAUER, Arthur., *op. cit.*; p. 87-89

preocupação. Segundo o criador do Humanitismo, é preciso evidenciar o que está para além da experiência humana como falso. Em contrapartida, a destruição, antecedida pela luta e agressão, é o que rege a realidade humana. Quincas Borba argumenta que a criança, quando ameaçada com um pedaço de pau, antes de ter sido atingida, fecha os olhos e treme. Essa predisposição das mentes ingênuas que não veem a luta como regra da existência opera como a base da ilusão humana. Algo herdado e transmitido entre os homens. Ao se perceber como o próprio Humanitas, o homem naturalmente adquirirá a concepção de luta e afastará qualquer sensação de dor. Dessa maneira, Quincas Borba manifesta em seu sistema um meio de observar a dor como aparência e irreabilidade. O sofrimento é superado pela substância belicosa do homem ao mesmo tempo que o sistema leva tudo “a natural evolução das coisas”.

Entre o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o seu sistema era a destruição da dor. A dor, segundo o Humanitismo, é uma pura ilusão. Quando a criança é ameaçada com um pedaço de pau, antes mesmo de ter sido espancada, fecha os olhos e treme; essa *predisposição* é que constitui a base da ilusão humana, herdada e transmitida. Não basta certamente a adoção do sistema para acabar logo com a dor, mas é indispensável; o resto é a natural evolução das coisas. Uma vez que o homem se compenetre bem de que ele é o próprio Humanitas, não tem mais do que remontar o pensamento à substância original para obstar qualquer sensação dolorosa. A evolução, porém, é tão profunda, que mal se lhe podem assinar alguns milhares de anos. ⁶¹

Quincas Borba aprofunda a questão de luta e morte ao tratar da ilusão. Para tanto, recorre a uma filosofia do século XVIII, proferida por Gottfried Wilhelm Leibniz e, conseqüentemente, a

⁶¹ ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 616

confronta com o pensamento iluminista de Voltaire. Assim, Quincas Borba afirma a concepção de que a dor é uma ilusão e parodia a tese de *O princípio da natureza e da graça*.

Há um concatenação nas percepções dos animais, o que possui alguma analogia com a razão. Mas ela está baseada somente na memória de fatos ou efeitos e de modo algum no conhecimento das causas. Isso é o que ocorre quando um cão foge de uma vara com a qual foi surrado, porque a memória representa a dor que essa lhe causou. E os seres humanos, na medida em que são empíricos – o que significa dizer em três quartos do que realizam – , atuam como animais.⁶²

Quincas Borba, ao apropriar-se de maneira irônica do pensamento leibniziano, questiona a crítica iluminista de Voltaire dizendo que Pangloss não era tão ingênuo. Ele se vale dos dois discursos a fim de sobrepor seu entendimento em relação à inexistência da dor e à propagação equivocada da ilusão nos sentidos humanos. Certo dia, Rubião lê no jornal uma nota a respeito do amigo.

“Faleceu ontem o Sr. Joaquim Borba dos Santos, tendo suportado a moléstia com singular filosofia. Era homem de muito saber, e cansava-se em batalhar contra esse pessimismo amarelo e enfezado que ainda nos há de chegar aqui um dia; é a moléstia do século. A última palavra dele foi que a dor é uma ilusão, e que Pangloss não era tão tolo como o inculcou Voltaire... Já então delirava. Deixa muitos bens. O testamento está em Barbacena”.⁶³

A fim de tornar útil sua filosofia humanista, Quincas Borba, em seu momento último, afirma que Pangloss não era tão ingênuo como entendia Voltaire, pois a dor pode ser vista como

⁶² LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. Princípios da natureza e da graça. In: *A monadologia e outros textos*. Tradução Fernando L. Barreto Gallas e Souza. São Paulo: Hedra, 2009. p. 46

⁶³ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 653

pura ilusão. A interpretação que o criador do Humanitismo toma a seu favor é a da dúvida em relação à crença iluminista da superioridade do pensamento de Cândido. Em *Monadologia*, Gottfried Wilhelm Leibniz assume em seu otimismo filosófico a concepção de que o lugar terreno é o melhor dos mundos, pois nada aconteceria por acaso no mundo das coisas. Voltaire, ao contrário, pessimista e debochado, criou Pangloss para ironizar o discurso leibniziano das mônadas, uma vez que insere Cândido, outra personagem em *O otimismo*, como o antípoda de Pangloss. O mestre Pangloss, diante de toda sorte de tragédias e infelicidades enfrentadas por Cândido, segue afirmando a seu discípulo que nada ocorre sem que exista um motivo bom. Assim, Pangloss supõe que “Leibniz não podia deixar de ter razão quando afirmou que a harmonia preestabelecida era a coisa mais bela do mundo, assim como a plenitude e a matéria sutil”.⁶⁴ Dor e alegria, posteriormente em G. W. Hegel, também se apresentariam como sentimentos necessários à história dos homens. Muito embora Quincas Borba se mostre obcecado pela visão trágica de mundo, não prossegue em suas explicações sem antes discutir a dor dentro do sistema filosófico ocidental. Para tanto, o criador do Humanitismo, parece também instrumentalizar as concepções de outro moralista francês na tradição filosófica dos séculos XVII e XVIII. De acordo com a filosofia jansenista de Blaise Pascal, o homem não deve se envergonhar ao sucumbir à dor, mas temer muito mais o prazer. Sofrer não decorre de nenhum outro sentimento que não seja das frustrações terrenas. O pensador jansenista afirma que a fraqueza do regozijo leva o homem a intempéries cruéis. Portanto, segundo a concepção pascalina, não há dor que não seja resultado da ambição humana e do domínio exercido por ela sobre o indivíduo. Ao

⁶⁴ O trecho se refere ao questionamento feito por Cândido a Pangloss “ – Meu caro Pangloss – disse-lhe Cândido –, quando vos enforcaram, dissecaram, açotaram e forçaram a remar numa galera, sempre vos pareceu que este era o melhor dos mundos possíveis? / – Sim, mantenho a minha opinião – respondeu Pangloss – porque, enfim, sou filósofo, e não seria decente desdizer-me; além disso, Leibniz não podia deixar de ter razão quando afirmou que a harmonia preestabelecida era a coisa mais bela do mundo, assim como a plenitude e a matéria sutil. Ver: Voltaire. *Cândido*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007. p.119

procurar o prazer, o ser ignora o seu futuro padecer e a sua própria servidão. Para evitar o sofrimento, o homem deve, então, compenetrar-se em sua paixão a fim de destroná-la.⁶⁵ Contudo, no capítulo CXLII de *Memórias Póstumas*, Quincas Borba diz a Brás Cubas que “a fórmula de Pascal é inferior” à dele, “sem todavia deixar de ser um grande pensamento, e Pascal um grande homem”. Quincas Borba, assim, reconhece ao mesmo tempo que minimiza a reflexão do pensador francês com intuito de mais uma vez reafirmar a sua e distorcer a visão jansenista de mundo. Segundo o inventor do Humanitismo, ao contrário de Blaise Pascal, há uma espécie de luta inevitável entre as atitudes fracas e fortes da conduta humana, pois os homens não estão contra suas paixões. A fórmula borbista, narra Brás Cubas ainda no capítulo, explica que a grande lei humanista está no fato de todos os homens pertencerem a um mesmo corpo e se submeterem aos mesmos desejos. Os homens são as diferentes partes do organismo de Humanitas, porém, em conjunto, formam uma unidade. Sejam eles fracos ou fortes, compõem um mesmo ser. As paixões, criticadas e negadas pelo jansenista, são veneradas e admitidas por Quincas Borba ao explicar seu sistema.

Tragédia e comédia retornam ao palco das explicações borbistas, porém o elemento da destruição é mais uma vez tema da explanação que Quincas Borba faz a Rubião sobre o sistema humanista. No capítulo VI do romance *Quincas Borba*, o suposto filósofo diz a Rubião “Vês este livro? É Dom Quixote. Se eu destruir o meu exemplar, não elimino a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino”.⁶⁶ A estilização que o criador do Humanitismo realiza sobre a obra de Miguel de Cervantes culmina na ideia de destruição. O trecho acima sobre a

⁶⁵ PASCAL, Blaise. *Melanges*. In: *Pensées*. Édition de Michel Le Guern. Paris: Gallimard, 2004. p. 403-404

⁶⁶ Paródia, enquanto recriação de citações, gêneros vários, inversão de sentido ou duplo sentido, cômico e imagens diferentes, sem deixar de trazer pontos de vistas diferentes, são algumas das múltiplas faces que Mikhail Bakhtin atribui a esta forma. Ver: BAKHTIN, Mikhail. *Peculiaridades do gênero do enredo e da composição das obras de Dostoiévski*. In: *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997. p. 127-8

unicidade entre o exemplar do livro e o espírito eterno do pensamento retorna como uma ácida ironia à filosofia de *Sobre a origem fundamental das coisas*, de Gottfried Wilhelm Leibniz. Por analogia, Quincas Borba leva ao absurdo o argumento de que o desaparecimento de um exemplar, assim como a aniquilação de sua avó, obstáculo ou coisa, é o fundo universal constante na existência.

Suponhamos que um livro sobre os elementos de geometria tenha perpetuamente existido, uma cópia sendo feita de outra. É óbvio que, embora possamos explicar uma presente cópia como sendo uma reprodução de um livro anterior, do qual foi copiado, isso nunca nos levará à razão completa (para a existência de tal livro), não importando quantos livros consideremos, visto que sempre teremos curiosidade de saber o porquê da existência perpétua de tais livros, o porquê de tais livros terem sido escritos e por que o foram dessa forma e não de outra.⁶⁷

Humanitas se perpetua, assim como os livros, mesmo na destruição. Contudo, Quincas Borba trata da existência eterna de um livro tomando como exemplo a obra sobre o cavaleiro manchego *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. A monumental ficção de Miguel de Cervantes pode ser considerada um dos maiores exemplos de agudeza e paródia das novelas de cavalaria, das preceptivas poéticas da época e das formas de composição narrativa provenientes da tradição menipeia.

⁶⁷ LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Sobre a origem fundamental das coisas*. In: *A monadologia e outros textos*. Tradução Fernando L. Barreto Gallas e Souza. São Paulo: Hedra, 2009. p. 69

II

Paixão e luta: a dominação trágica da história

Concepções históricas, filosóficas e morais se encontram acumuladas, estilizadas e parodiadas na teoria do Humanitismo. Quincas Borba objetifica e se vale da tradição histórico-filosófica com o intuito de dar base ao seu sistema. O criador do Humanitismo busca estabelecer o elo entre a razão humanista e a moral, a luta entre relações humanas altamente competitivas e as paixões.

Antes de ter sido motivado por Quincas Borba a fundar um jornal, intento este que seria “a fina flor dos programas”, “a cura da sociedade”, a destruição dos “abusos, defender os sãos princípios de liberdade e conservação”, Brás Cubas ouve de seu mentor considerações a respeito da cobiça, da cólera e da inveja. No capítulo VII, o delírio no leito de morte leva Brás Cubas a adotar e enxergar os seres como coisas rebeldes e flageladas. O homem, assim, “corria diante da fatalidade das coisas, atrás de uma figura [a das paixões] nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação”. A figura da Natureza, assim, afirma a Brás Cubas que as paixões devoram a si mesmas e aos seres. A cobiça, a inveja, a fúria, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza e a realização amorosa tornam o homem um mero brinquedo. Elas o destroem, transformam-no em um farrapo. Submetem e se valem da vida humana como forma de dar sentido à própria existência bruta da ideia de *natura*. Mordem e devoram a espécie humana. Causam dor e impedem a felicidade, lembrando o homem de sua condição inferior e de objeto a serviço da Natureza.

Aí vinham a cobiça que devora, a coléra que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena que, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo. Eram as várias formas do mal, que ora mordía a víscera, ora mordía o pensamento e passeava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da espécie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia à indiferença que era um sono sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das coisas, atrás de um figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura, – nada menos que a quimera da felicidade – ou lhe fugia perpetuamente, ou se deixava apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, então ela ria, como um escárnio, e sumia-se [Natureza], como uma ilusão.

68

Na lógica de Pandora, os sentimentos são as várias formas do mal e estão na base da causa da guerra, dos tumultos e da destruição entre os seres e as coisas. Contudo, Brás Cubas se apropria da violenta força da Natureza e a iguala à luta de poder e dominação ao explicar a história do homem. Segundo ele, a “história do homem e da Terra” possui intensidade similar. O espetáculo do conflito não pode ser imitado nem pela ciência, nem pela imaginação, pois a primeira caminha da forma lenta e a segunda é vaga demais. Os tempos se resumem a uma forma absoluta e reduzem a existência humana a flagelos e delícias. Brás Cubas, por fim, submete a ciência e o curso da história, convenientemente à beira da morte, à condição de objetos manipulados pela Natureza. Seus olhos de delírio, ou sua razão delirante, observava tudo na condição de objeto, desde a “que se chama glória até essa outra que se chama miséria, ou ainda, observa “amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade”.

⁶⁸ ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 523

Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas. Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo. A história do homem e da Terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imaginação nem a ciência, porque a ciência é mais lenta e a imaginação é mais vaga, enquanto o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos. Para descrevê-la seria preciso fixar o relâmpago. Os séculos defilavam num turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim – flagelos e delícias, – desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade.⁶⁹

A concepção de luta, a debilidade e a miséria possuem desdobramentos na filosofia do Humanitismo. Assim, ao tratar o homem como ser frágil diante das fatalidades, Brás Cubas se mostra cético e duvidoso perante “tanta calamidade”.⁷⁰ No final de seu delírio, o defunto-autor entende a existência humana dentro de séculos que revelam uma “porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de idéias novas, de novas ilusões”. Segundo Brás Cubas, a história e a civilização se apresentam de forma calendárica e linear. Admite-se, em sua narrativa póstuma, a marcha do progresso e da evolução. Contudo, a existência, diante da regularidade das coisas, leva-o a apreender também o homem como objeto das paixões, que se renovam de tempos em tempos.

Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se,

⁶⁹ ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 522-23

⁷⁰ NETO, José Raimundo Maia. A perspectiva cética: segunda fase. In: *O ceticismo na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 93-132

construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo.⁷¹

Segundo José Guilhaer Merquior, em *Memórias Póstumas*, “o desfile dos séculos é um espetáculo ‘acerbo’; o homem é o chocalho das paixões, o rebelde inútil, para quem mesmo o prazer não é senão ‘uma dor bastarda’”.⁷² Na visão trágica de mundo herdada de Blaise Pascal, conforme o crítico destaca em Machado de Assis, a Natureza é a figura inimiga do homem e a história, uma catástrofe. A percepção da história e dos séculos como algo circular, pouco interessada na evolução das coisas, mostra uma atitude descrente e desapegada a uma condição diferente da de homem “nu” e “desarmado”.

Há nas *Memórias Póstumas* um personagem – Quincas Borba, o mendigo filósofo – que se apresenta como criador do “humanitismo”. O “humanitismo” é ao mesmo tempo uma caricatura da “religião da humanidade” dos positivistas [...] e uma grotesca refutação da ontologia “algésica” – da ontologia da dor – de Schopenhauer. Não que o “humanitismo” negue o mal e a dor; no romance Quincas Borba, o seu lema será darwiniano “ao vencedor, as batatas” – que acusa por si só o pleno reconhecimento do caráter agônico, bélico, da vida.⁷³

Ainda segundo José Guilherme Merquior, a fim de aprofundar a teodiceia absurda humanista e a homenagem grotesca ao pessimismo de Arthur Schopenhauer, como forma de rir

⁷¹ ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 524

⁷² MERQUIOR, José Guilherme. O segundo oitocentismo. In: *De Anchieta a Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 169

⁷³ *Ibidem*, p. 171

da tradição filosófica, Machado de Assis coloca o Humanitismo para dialogar com as paixões.⁷⁴ Quincas Borba segue apropriando-se de outros pensadores da filosofia ocidental, acerca dos sentimentos humanos, agora distorcendo o moralismo francês e o pensamento jansenista. A princípio, afirma que a inveja, por exemplo, é algo nobre. Ela faz o homem afirmar como positiva a luta pela conservação e a defesa dos interesses. No capítulo CXVII, os argumentos que admitem a inveja somente se apresentam como válidos em uma sociedade na qual a existência é tomada analogamente ao conflito das duas tribos. Como tal, o sentimento vicioso também configura a luta de sentimentos entre querer ou não o que pertence a outrém. Segundo o criador da teoria, é possível que ele seja posto como uma virtude e não como algo baixo.

Queres uma prova da superioridade de meu sistema? Contempla a inveja. Não há moralista grego ou turco, cristão ou muçulmano, que não tropeje contra o sentimento da inveja, esse sentimento tão sutil e tão nobre. [...] Se entendeste bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e, sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos são os mais adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude.⁷⁵

No fragmento em questão, Quincas Borba afirma que a inveja é uma virtude. No entanto, o vício serve como instrumento de luta aos que dele puderem extrair vantagens. As palavras do filósofo podem ser entendidas como uma provocação e, ao mesmo tempo, uma assertiva sobre os seres humanos que não fazem, muito menos praticam o que dizem que deveriam ser. O vício

⁷⁴ Conforme Alfredo Bosi também assinala, em *O enigma do olhar*, a escrita machadiana se apropria dos textos dos franceses para entender as contradições entre o *Jansenismo* e a concepção liberal-capitalista. O cinismo do interesse individual e a hipocrisia da burguesia ascendente apontam a celebração do progresso humano e o êxito de sua classe como algo paradoxal.

⁷⁵ ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 615

mostrado como virtude justifica e movimenta a existência humana. Quincas Borba sublinha a inveja como algo útil e um ingrediente necessário entre os homens. A superioridade do sistema está na forma universal de conflito. Por meio de uma analogia, Quincas Borba identifica que a violência física não é apenas uma manifestação de Humanitas. Junto a ela, a inveja também é uma simples admiração que luta. A guerra entre os homens é a grande função do gênero humano, segundo a visão teórica humanitista. Assim, a inveja é uma paixão virtuosa, ainda que os velhos preconceitos digam o contrário. Ela, em Humanitas, é nobre e contribui para uma concepção funesta das coisas. Assim, a pretensa superioridade do sistema de Quincas Borba reside no fato de ele apresentar o desejo de possuir algo de outrém como um sentimento nobre, não como uma atitude vergonhosa ou desprezível. No capítulo CXVII de *Memórias Póstumas*, o que seria uma paixão condenável na tradição moralista cristã é visto como um sentimento imanente ao mundo humano. Nas palavras de Quincas Borba, há considerações voltadas para explicar a afirmação da inveja como virtude. Além disso, o sistema humanitista, ao mesmo tempo que valoriza a inveja, culmina na visão trágica de luta.

Na teoria do Humanitismo, a inversão e a negação da ética são apresentadas por Quincas Borba como uma paixão inerente ao modo de vida da humanidade. A filosofia humanitista parece dialogar com uma interpretação do sentimento de inveja bem particular no pensamento ocidental. Em *Os caracteres*, o moralista La Bruyère expõe fragmentos aforísticos tratando das paixões viciosas e aponta aos seres da corte francesa do século XVII uma série de sentimentos julgados negativos. A vontade de querer ou de admirar aquilo que não se pode ter encontra-se entre os hábitos dos costumes. La Bruyère aponta que a inveja é algo filiado ao ódio, sendo este um sentimento belicoso. Ela é o alvo da crítica mais enérgica dispensada aos artistas, aos letrados e aos filósofos da época. O sentimento de desejar o que é do outro faz o homem se esquecer de que

ele não é um ser inerte. Porém, todo tipo de inércia, que impede o homem de se mover em direção a algum interesse próprio, possui fortes relações com a inveja. Encerrado em si mesmo, ao desejar o objeto alheio, o homem esfria pouco a pouco seus sentimentos. A inveja é tida como um sentimento estéril pela moral de La Bruyère, além de ser ela conduzida pelos seus excessos e presunção.

[É] pelo contrário, um movimento violento [inveja] e como que a forçada confissão dum merecimento inatingido. Chega mesmo a negar a virtude onde ela está patente, ou, se é obrigada, a reconhecê-la, recusa-lhe elogios ou recompensas. Paixão estéril, que deixa o homem inerte, que o encerra em si mesmo, que o incha da vaidade duma imaginária reputação, que o torna sêco e frio perante as boas acções e obras alheias que só admira o próprio talento e se espanta de que possa haver mais talentos no mundo. Vício vergonhoso, que pelos seus excessos não é mais vaidade e presunção, que não se contenta em persuadir o seu triste detentor de que tem mais inteligência e méritos de que os outros, mas, ainda, que ninguém mais os tem.⁷⁶

Ao contrário de La Bruyère, a filosofia do Humanitismo enobrece o sentimento de inveja e o vê enquanto virtude. Ela concebe as paixões e os caprichos humanos como regra para a convivência social, em vez de admitir os princípios de conduta defendidos pelo moralista francês. Segundo Quincas Borba, a inveja se coloca na luta pela autoconservação entre o algoz e a vítima, analogia da luta entre as duas tribos famintas. Em La Bruyère, a inveja é um movimento violento; no Humanitismo, é um sentimento da condição humana. É preciso ressaltar que Machado de Assis historiciza e faz uma espécie de sociologia dos princípios moralistas ao aplicá-los a camadas específicas. Em *O enigma do olhar*, Alfredo Bosi aponta que as aproximações ou distanciamentos da filosofia moral seiscentista podem ajudar a compreender o cinismo do interesse individual e a

⁷⁶ LA BRUYÈRE. Jean de. Do homem. In: *Os caracteres*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1941. p. 99 e p. 168

hipocrisia da burguesia ascendente.⁷⁷ A fim de se entender as discrepâncias éticas ou econômicas no universo burguês, apontadas pelo crítico, é preciso acrescentar uma observação. Ao contrário de La Bruyère, que lamenta os caprichos humanos e a desmedida na conduta do homem, a filosofia humanitista é conivente com a inveja e a assevera como algo positivo. Os sentimentos belicosos da teoria do Humanitismo se agregam às paixões e regem a lógica dos interesses materiais. Em detrimento de uma sociedade mais ética, sem lástima e aflição conforme se percebe em La Bruyère, na filosofia do Humanitismo, a inveja deve ser uma das normas dos costumes. Na teoria humanitista, portanto, preserva-se a conduta da luta de todos contra todos.

Após ter se referido a Blaise Pascal, o criador da teoria de Humanitas usa o pensamento bramantista estabelecendo uma diferença. Para o ideal da religião indiana, ao contrário da visão pascalina, a existência pede a renúncia da vida ao homem, uma vez que somente o abandono das coisas terrenas pode trazer alguma felicidade ao indivíduo. José Guilherme Merquior assinala que Machado de Assis não incorporou nenhuma teoria científicista de sua época, contudo impregnou-se da concepção de que o universo é desejo cego, obscuro e irracional de perpetuar a vida.

Machado de Assis não aderiu a nenhum dos credores científicistas do seu tempo. Em compensação, impregnou-se profundamente do pensamento de Schopenhauer. Segundo Schopenhauer, exatamente, o universo é Vontade, cega, obscura e irracional vontade de viver. A lei do real não é nenhum logo harmonioso, mas sim um conflitivo querer, fatalmente doloroso, porque necessariamente insatisfeito. Por isso, a dor é a essência das coisas para Schopenhauer [...] ⁷⁸

⁷⁷ BOSI, Alfredo. Materiais para uma genealogia do olhar machadiano. In: *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 2003. p. 165-225

⁷⁸ MERQUIOR, José Guilherme. O segundo oitocentismo. In: *De Anchieta a Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 171

A concepção bramânica no Humanitismo apenas se apresenta na ideia de que as partes compõem o todo, enquanto os homens formam o corpo da figura bestial humanitista. Quincas Borba conclui que Humanitas pode também ser corporificado na figura mitológica de Hércules.

Explicou-me que, por um lado, o Humanitismo ligava-se ao Bramanismo, a saber, na distribuição dos homens pelas diferentes partes do corpo de Humanitas; mas aquilo que na religião indiana tinha apenas uma estreita significação teológica e política, era no Humanitismo a grande lei de valor pessoal. Assim, descender do peito ou dos rins de Humanitas, isto é, ser um forte, não era o mesmo que descender dos cabelos ou da ponta do nariz. Daí a necessidade de cultivar e temperar o músculo. Hércules não foi senão um símbolo antecipado do Humanitismo.⁷⁹

Conforme Quincas Borba, seu sistema chegará à verdade diferentemente do que ocorreu com o paganismo originário da mitologia. O criador da teoria acrescenta que não há no Humanitismo aventuras fáceis, nem fracassos. Inexiste tristeza ou alegria, o amor é um sacerdócio e a reprodução um ritual. De acordo com ele, a vida é o maior benefício do universo. Não porque ela seja, como na religião cristã, a celebração de um princípio divino. A vida, segundo o amigo de Brás Cubas, filia-se também à miséria e toda sorte de padecimento e mendicância. A maior desgraça, para a filosofia humanitista, é não nascer, não conhecer as contingências negativas da existência humana e da luta incessante entre os homens. Quincas Borba pretende que seu sistema alcance uma esfera maior de comunicação, tornando-se ela própria uma igreja. Ele aponta que o paganismo poderia ter revelado a verdade absoluta se tivesse considerado mais os galanteios em seus mitos além de ver a “suprema missa espiritual” como a hora da fecundação e transmissão da vida.

⁷⁹ ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 615

Nesse ponto Quincas Borba ponderou que o paganismo poderia ter chegado à verdade, se não houvesse amesquinhado com a parte galante dos seus mitos. Nada disso acontecerá com o Humanitismo. Nesta igreja nova não há aventuras fáceis, nem quedas, nem tristezas, nem alegrias pueris. O amor, por exemplo, é um sacerdócio, a reprodução um ritual. Como a vida é o maior benefício do universo, e não há mendigo que não prefira a miséria à morte (o que é um delicioso influxo de Humanitas), segue-se que a transmissão da vida, longe de ser uma ocasião de galanteio, é a hora suprema da missa espiritual. Portanto, há só uma desgraça: é não nascer.⁸⁰

A filosofia do Humanitismo, apresentada em *Memórias Póstumas*, mobiliza de maneira cínica aspectos do moralismo de La Bruyère e, em seguida, parafraseia ideias de religiões milenares. Não se pode perder de vista que a metáfora borbista do conflito entre duas tribos famintas valida a relação de causa e consequência encontrada na história da exploração do homem. A asa de frango, devorada por Quincas Borba, a inveja e a dor retomam em sua lógica a concepção de luta pela autopreservação.

Tais sentimentos invejosos, coléricos e cobiçosos fazem parte da razão da Natureza entendida por Brás Cubas antes de morrer. No sistema humanitista, as ideias científicas, paixões humanas e sentimentos filosóficos amadurecem e se organizam também por meio da lógica de submissão, instrumentalizadas pela autopreservação. Existe uma lei vital operante a partir do Humanitismo. Tanto no caso do defunto-autor, quanto no do criador do sistema em que “Humanitas precisa comer”, subsiste a máxima que coloca a vida ao lado do mundo real e permite observar negativamente do mundo das ideias o universo sensível. É de lá do vazio e do nada, *topos* atingido pelo defunto-autor em seu delírio, que ele aponta o carácter vazio, desolador e frio

⁸⁰ ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 615

da realidade e das relações humanas. Brás Cubas digere o caráter filosófico do Humanitismo e, no momento de suas alucinações antes de morrer, reflete sobre as coisas. Nos instantes finais, declara que as paixões sobrevêm e submetem o homem à destruição. No leito de morte, o defunto-autor ainda relata com mais detalhes seu conflito. Ele se debate entre o devaneio e a razão. A semelhança entre o delírio de Brás Cubas e o de seu amigo filósofo, enquanto que o de Quincas Borba ainda se dá em vida, configura-se na incerteza de vida ou morte: “Estou sonhando, decerto, [diz Brás Cubas] ou se é verdade que enlouqueci, tu [Natureza] não passas de uma concepção de alienado, isto é, uma coisa vã, que a razão ausente não pode reger nem palpar”. Cabe aqui pontuar que a ideia de que a razão não pode compreender a Natureza, obtida pelo delírio mórbido e irracional de Brás Cubas, configura uma dialética insolúvel ao buscar enfrentar a Natureza do mundo real fora do reino da razão, em seu delírio. Assim, a confusão mental que Brás Cubas tem à beira da morte, movimento pendular entre a vida e seu fim, configura uma antítese entre o existir e o perecer contida nas mãos da impiedosa Natureza.

Em *Singularité du double au Brésil*, José Antônio Pasta Júnior sublinha que a questão do duplo, tese e antítese, pode ser apreendida no ápice em que o sujeito sai de si, reflete e reconhece ainda na longa história da existência humana que está fadado a não-superação de seu conflito. Contudo, a desmedida ou o muito pensar, sem a possibilidade de o sujeito se encontrar em seus questionamentos, provocaria não uma síntese mas uma cisão fatal do “eu”. O passo seguinte ao delírio de Brás Cubas, ou a loucura de Quincas Borba, é a morte. Assim, a Natureza, no delírio de Brás Cubas e no Humanitismo de Quincas Borba, é a síntese da luta do homem pela autoconservação e da visão trágica do mundo encontrada nas paixões.

Como se sabe, e se é possível dizê-lo de modo tão breve, chamava-se *reflexão* ao movimento pelo qual o sujeito individual, então recentemente isolado e liberado

pela revolução burguesa, procurava encontrar em si mesmo o seu fundamento. No movimento da reflexão, portanto, o eu saía de si mesmo em direção ao outro unicamente para fletir de novo sobre si mesmo: ele *re-fletia* então, e nesse retorno sobre si ele se reconhecia, tornando-se um ser em si e para si. Entretanto, a repetição exasperada desse movimento – tal como se vê na ironia, por exemplo – podia impedir a feliz conclusão desse procedimento de constituição do sujeito. Nesse caso, o excesso ou a desmedida podia provocar não uma síntese, mas uma cisão do eu, em seu desdobramento.⁸¹

Segundo a figura da Natureza no delírio de Brás Cubas, o homem encontra-se sujeito à mesma condição trágica em que foi apresentado na filosofia humanitista. Os seres, segundo a visão moribunda do narrador, têm seus corpos completamente submissos à violência carnal das paixões. Elas, analogamente à máxima de que “Humanitas precisa comer”, são o mal que “ora mordida as vísceras, ora o pensamento e passeava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da espécie humana”. Ao sair de si, então, o sujeito realiza o processo de tomada de consciência. No momento seguinte, na morte ou na loucura, Brás Cubas e Quincas Borba encontram-se impossibilitados de agir. A grande ironia, na existência humana dos oitocentos de *Memórias Póstumas e Quincas Borba*, é que o homem toma consciência de que a sua reflexão última e mais profunda lhe revela que ele é a grande vítima da existência.⁸² Assim, a ironia é melancólica e escura, desoladora e cruel, pois, além de se pôr do lado da Natureza, insiste e revela ao ser humano que os fenômenos no mundo das coisas e das paixões se voltam contra ele.⁸³

No capítulo CIX das *Memórias Póstumas*, Quincas Borba eloquente apresenta uma teoria que prometia ser “o grande regaço dos espíritos” e o “mar eterno” de onde se arrancaria a

⁸¹ PASTA JR, José Antônio. Singularité du double au Brésil. In: Journée Du Cartel Franco Brésilien de Psychanalyse, 2002, Paris. La Clinique du spéculaire chez Machado de Assis. Paris: Association Lananienne Internationale, 2002. p.39

⁸² ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 524

⁸³ MUECKE, D. C. A evolução de um conceito. In: *A ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 35

verdade. Munido de sua singularidade, riso e melancolia, o defunto-autor detalha ao leitor toda a exposição teórica do amigo.⁸⁴ O discurso borbista possui, nota Brás Cubas, certo entusiasmo e fascínio pelas fórmulas simples. Segundo seu sistema, a experiência humana filia-se a inúmeros vícios e conflitos; “contudo, era instrutiva a narração do filósofo; admirava-lhe sobretudo o talento de observação com que descrevia a gestação e o crescimento do vício, as lutas interiores, as capitulações vagarosas, o uso da lama”.

Depois da inicial exposição de suas ideias em *Memórias Póstumas*, Quincas Borba reaparece em Barbacena e protagoniza um primeiro momento no romance *Quincas Borba*. Na cidade mineira, o suposto lunático completa a exposição de sua teoria e retorna à corte, para morrer junto ao amigo Brás Cubas.

O aspecto determinista da filosofia de Auguste Comte, em oposição aos voos especulativos da metafísica, encontra no evolucionismo biológico de Charles Darwin outra corrente de investigação puramente conceitual. As concepções darwinista e positivista procuram entender não o porquê ou a causa da criação da vida, organizada por leis e desígnios espirituais, mas a existência como resultado isolado da evolução dos seres e da natureza.⁸⁵ A concepção das teorias científicas e filosóficas do século XIX, ao serem utilizadas por Quincas Borba, apresentam-se em tom sério na exposição do amigo pensador. Brás Cubas, ao reproduzir a fala do criador do Humanitismo, ironiza de modo caricatural o sistema borbista. Sabe-se que o defunto-autor usa as ideias de Quincas Borba para tentar um lugar na política, embora já estivesse impaciente com as colocações do amigo. No capítulo CIX, Brás Cubas diz que tinha vontade de embrulhar o pensador em sua teoria e mandá-lo a Aristóteles. A ironia, pensada como justaposição de tese e antítese, intensifica o conflito de Brás Cubas, pois ele tinha, exatamente no

⁸⁴ Em ROUANET, Paulo Sérgio. *Riso e melancolia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. há um estudo sobre os sentimentos derrisório e triste que estruturam a narrativa machadiana.

⁸⁵ PACHO, Julián. El espíritu positivo. In: *Positivismo y darwinismo*. Madrid: Akal, 2005. p. 09-39

momento que o Humanitismo havia sido apresentado a ele, a luta em sua consciência. Por um átimo, o defunto-autor “puxa e empuxa” de elementos contrários ao mesmo tempo que admite ser a filosofia humanista um pensamento talentoso. Ao final, Brás Cubas afirma que a teoria borbista descreve a gestação e o crescimento do vício, as lutas seculares entre os homens e a degradação lamacenta do homem, um modo de reconhecer o caráter mais trágico que cômico.

Esse puxar e empuxar de coisas opostas desequilibrava-me; tinha a vontade de embrulhar o Quincas Borba, o Lobo Neves e o bilhete de Virgília na mesma filosofia, e mandá-los de presente a Aristóteles. Contudo, era instrutiva a narração do filósofo; admirava-lhe sobretudo o talento da observação com que descrevia a gestação e o crescimento do vício, as lutas anteriores, as capitulações vagarosas, o uso da lama.⁸⁶

As coisas opostas às que o defunto-autor se refere são os movimentos de luta pela autoconservação que o homem realiza. Eles culminam na visão trágica do mundo e no conflito constante de interesses. Lobo Neves e Virgília, ironicamente, são partes da mesma luta. Ele a ideia contrária, a oposição, a figura que combate as intenções de Brás Cubas em relação a Sofia. Ela, a força que o “empuxa” para a batalha do amor adúltero, coloca-se contra a suposta liberdade do defunto-autor e o atordoa por haver se casado com um de seus rivais.

Meu espírito, (permitam-me aqui uma comparação de criança!) meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca. A narração do Quincas Borba dava-lhe uma palmada, ele subia; quando ia a cair, o bilhete de Virgília dava-lhe outra palmada, e ele era de novo arremessado aos ares, descia, e o episódio do Passeio

⁸⁶ ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 610

Público recebia-o com outra palmada, igualmente rija e eficaz. Cuido que não nasci para situações complexas.⁸⁷

O humor de Brás Cubas é melancólico e se baseia, de maneira negativa, na simpatia, na compreensão e no espírito das conveniências, no capricho amoroso e no adultério. O defunto-autor dispõe da metáfora de uma peteca, “comparação de criança”, para dizer que seu espírito apanhava das circunstâncias da vida, da filosofia e do efeito de seus caprichos. Conforme D. C. Muecke, a ironia da existência também recai sobre os sentimentos e as necessidades vitais do homem, assim como sobre os impulsos e desejos. Diante da Natureza, continua o crítico, o homem é finito e vítima.⁸⁸ As ações contrárias e externas às vontades humanas que a vida impõe ao indivíduo, assim como Brás Cubas vê despencar sobre si, atormentam a consciência do defunto-autor. Seria, ao homem de visão humorada do mundo, algo confortável debochar, ironizar e se identificar com o descompromisso de corrigir os vícios.⁸⁹ Contudo, Brás Cubas, ainda que diminua o Humanitismo, atinge uma percepção negativa decorrente da própria frustração amorosa e política. Ele, ao se irritar com a carta de Quincas Borba e seus sentimentos envolvendo Virgília, zomba de tudo e diz que embrulhará o amigo, o bilhete da amante e Lobo Neves para mandá-los a Aristóteles. Entretanto, muito embora ironize as ideias do amigo Quincas Borba, não deixa de ser vítima do axioma da luta emplacada pela Natureza em seu delírio. Nesta seção talvez tenha sido possível apontar que as paixões, levadas ao absurdo, como a inveja e o vício, culminam na luta trágica. Por isso, no caso de Brás Cubas, o conflito se instaurou na consciência da personagem como a gestação do vício, o crescimento da luta, as captulações vagarosas e o uso da lama. Não obstante, o mundo trágico parece ser o universo da disputa entre os homens, algo não tão cômico

⁸⁷ ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 610

⁸⁸ MUECKE, D. C. A evolução de um conceito. In: *A ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 38-39

⁸⁹ JOLLES, André. O chiste. In: *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 205-216

a ponto de equilibrar-se na narrativa do filósofo com o tom sério, assim como coloca a crítica. Analisemos, então, como o funesto embate da história da dominação resulta na objetivação do indivíduo e prepondera sobre o derrisório.

III

Da visão trágica de mundo ao processo de reificação

Segundo a teoria borbista, todo homem é uma redução de Humanitas. Em seguida, nenhum homem opõe-se, em rigor, ao seu semelhante sublinha Quincas Borba. No entanto, a primeira afirmação, de que cada ser é em parte Humanitas, contrapõe-se a segunda, a de que não há combate entre os seres, pois, o sentido que reside dentro da concepção humanitista é o de luta e não de harmonia. De modo cômico e paradoxal, o filósofo do Humanitismo exemplifica que o carrasco executor de outro homem, mesmo atizando a cólera dos poetas, tida como vazia e oca, no fundo, é “Humanitas que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas”. Assim, conforme Quincas Borba, a fórmula que envolve o indivíduo cruel e a vítima, este como objeto da correção “da lei de Humanitas”, constitui-se conforme as regras categóricas da violência e terror. A parte executada, assim, é a convergência das determinações históricas de uma justiça que preza pela barbárie e a morte como sentença.

Há ainda, no postulado humanitista, o revezamento entre a posição de “Humanitas” como executor e “Humanitas” como vítima. De acordo com o sistema borbista, nada impede que o indivíduo estripador de seu semelhante, ao manifestar a força bestial de Humanitas, seja também condenado à morte. Ao demonstrar a alternância do algoz e da vítima, o paradoxo existente entre luta trágica e equilíbrio, a tese de que “cada homem é uma redução de Humanitas” e sua antítese de que “nenhum homem é fundamentalmente oposto a outro homem” revela uma absurda naturalização do conflito.

Sendo cada homem uma redução de Humanitas, é claro que nenhum homem é fundamentalmente oposto a outro homem, quaisquer que sejam as aparências

contrárias. Assim, por exemplo, o algoz que executa o condenado pode excitar o vão clamor dos poetas; mas substancialmente é Humanitas que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas. O mesmo direi do indivíduo que estripa a outro; é uma manifestação da força de Humanitas. Nada obsta (e há exemplos) que ele seja igualmente estripado. Se entendeste bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos são os mais adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude.⁹⁰

O conflito pela autoconservação entre os indivíduos resulta na visão trágica de mundo como princípio moral, pois o absurdo do embate virulento é admitido na filosofia humanitista enquanto virtude. Em analogia ao sentimento de inveja, a busca pelo objeto alheio, que luta dentro da consciência dos homens, é posta como “a grande função do gênero humano”. Assim, todas as paixões belicosas são as que mais se mostram correntes com a ideia de felicidade. Portanto, conclui Quincas Borba, ao expor sua filosofia ao amigo Brás Cubas no capítulo CXVII de *Memórias Póstumas*, “que a inveja é uma virtude”.

Em *Dialética e cultura*, Lucien Goldmann ressalta que a visão trágica de mundo, segundo o *Jansenismo* do século XVIII, contrapõe-se ao anterior paradigma iluminista de que história dos homens se equilibraria na vitória da liberdade e do indivíduo burguês. De acordo com o crítico, o conjunto de significados nos pensamentos de Blaise Pascal se encontra inserido nas lutas de classe do final dos setescentos. Conforme Lucien Goldmann, a filosofia *jansenista* reflete, como parte da produção humanista da época, as batalhas sangrentas entre a burguesia e o mundo da tradição já em decadência. O crítico destaca que a tese de Blaise Pascal reside no fato de o homem, de maneira virtuosa, “procurar uma verdade verdadeira, uma justiça justa, que no entanto jamais

⁹⁰ ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 615

poderia encontrar”. Assim, como antítese da busca constante pela felicidade, o homem se descobre incapaz e finito para a obtenção de seu êxito admitindo que Deus tenha abandonado o mundo humano.

O paradoxo da ausência e da presença, a união dos contrários, que se estendem inclusive à própria existência de deus pois ela é a certeza absoluta e absolutamente incerta – o que é, definitivamente, o próprio sentido da Aposta pascalina – criam assim a situação paradoxal do homem: sendo deus a única realidade verdadeira, êle deve viver exclusivamente para êle, rejeitando o mundo relativo e vão, mas, por outro lado, deus se escondendo e não tendo concedido ao homem nenhuma certeza, nenhum refúgio seguro na solidão ou interiormente, êste deve viver exclusivamente para deus mas no próprio mundo que êle não poderia abandonar.⁹¹

Ainda de acordo com Lucien Goldmann, o legado existencial humano, nas ideias de Blaise Pascal, é uma aposta e “não tem, evidentemente, nenhum lugar dentro de uma filosofia individualista; ela é, pelo contrário, um elemento essencial das filosofias trágicas e dialéticas”. A condição trágica e contraditória da existência permanece, uma vez que os valores que “podem dar um sentido autêntico à vida do homem estão fora dêle mesmo como indivíduo”.

Não são mais os prazeres sensíveis ou ainda as verdades racionais (que o homem podia atingir por si mesmo), mas os valores *encarnados* que é preciso realizar no mundo exterior e cuja realização depende dos concursos de uma força superior ao indivíduo, deus para o pensamento trágico e cristão ou a classe operária para o materialismo dialético.⁹²

⁹¹ GOLDMANN, Lucien. Observações sobre o jansenismo: a visão trágica do mundo e a nobreza togada (a noblesse de robe). In: *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. pp155-172

⁹² *Ibidem*, p. 194

A consciência do absurdo da luta como virtude na filosofia borbista, levada ao extremo, revela no espírito de Quincas Borba a fórmula trágica da existência. No entanto, em contrapartida aos voos do pensamento imanente à teoria de Humanitas, há a natureza histórico-social virulenta e destrutiva do homem. Conforme exposto a Brás Cubas, a análise da concepção da inveja como virtude se revela paradoxal dentro do sistema cristão, ou, segundo o pensamento dialético, constitui uma antinomia da condição humana vista no espírito trágico borbista e na vida material de luta, terror e autoconservação.

No capítulo XLV de *Quincas Borba*, mesmo entre personagens secundárias, riso e tragédia constituem o tema da discussão que o narrador faz sobre a condição da existência. Na noite de Santa Teresa, Tonica, filha do Major Siqueira, havia investido todas as suas esperanças em se fazer perceber para Rubião. Ele, entorpecido pela beleza de Sofia, não correspondeu às expectativas de Tonica. Contudo, enquanto ele ria de felicidade, por ser recebido pela dona da casa, com muita atenção, a outra convidada vê ruir suas esperanças de conquistar o herdeiro. A princípio, há um equilíbrio entre o cômico e o trágico, mas, logo em seguida, a suposta “perfeição universal” é posta em contradição e, por fim, as “lágrimas” e “soluços” marcam o ritmo da “polcas” e “sarabandas” do espírito. A ironia reside no fato de a dor e o sofrimento não trazerem o buscado equilíbrio à alma, conforme diz debochadamente, mas, sobretudo, uma descompensação perene diante da mínima alegria passageira da dança e música. Riso e diversão não são necessariamente antípodas do trágico e do funesto.

E enquanto uma [alma] chora, outra ri; é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal. Tudo chorando seria monótono, tudo rindo cansativo; mas

uma boa distribuição de lágrimas e polcas, soluços e sarabandas, acaba por trazer à alma do mundo a variedade necessária, e faz-se o equilíbrio da vida.⁹³

A visão trágica de mundo, sobrepondo-se ao riso e ao cômico, encontra-se filiada à paixão de Rubião por Sofia. Obcecado pela figura da mulher de Palha, ao sair do jantar na noite de Santa Teresa, o herdeiro perfaz seu caminho imaginando-a e buscando palavras para expressar seus sentimentos. Segundo a observação irônica e sarcástica do narrador, o principal convidado da noite vê, nas ruas vazias e silenciosas, tumulto e rumores. Rubião enxerga rostos e sobrancelhas de mulheres, vultos femininos se debruçando nas janelas sem imaginar ninguém que não fosse Sofia. A figura da anfitriã do jantar se multiplica nas visões alegres do herdeiro de modo que o recém-ricaço das Minas tenha as coisas mais íntimas confessadas às estrelas e uma espécie de “rapsódia feita de uma linguagem que ninguém nunca alfabetou”.

A outra que ri é a alma do Rubião. Escutai a cantiga alegre, brilhante, com que ela desce o morro, dizendo as coisas mais íntimas às estrelas, espécie de rapsódia feita de uma linguagem que ninguém nunca alfabetou, por ser impossível achar um sinal que lhe exprima os vocábulos. Cá embaixo, as ruas desertas parecem-lhe povoadas, o silêncio é um tumulto, e de todas as janelas debruçam-se vultos de mulher, caras bonitas e grossas sobrancelhas, todas Sofias e uma Sofia única.

94

Diante de todos os cuidados e atenção de Sofia, Rubião sentiu-se atraído por sua beleza de modo que não pôde resistir. Segurou-lhe pela mão e, presa não podendo sair, ele se declara a ela. Já remoendo o problema, depois de suas felizes lembranças do jantar, luta contra sua consciência. Imagina que a resistência e a chateação provocada por ele não lhe trazem apenas arrependimento,

⁹³ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 676

⁹⁴ *Ibidem*, p. 676

mas também o fim das relações amistosas de antes. No momento seguinte, ele deixa o sentimento de culpa e caminha ao encontro de seu desejo por Sofia, para daí então, rechaçar novamente suas atitudes expansivas e sua crescente paixão pela mulher de Palha.

Uma ou outra vez, Rubião acha que foi temerário, indiscreto, recorda o caso do jardim, a resistência, o enfado da moça, e chega a arrepender-se; tem então calafrios, fica aterrado com a idéia de que podem fechar-lhe a porta, e cortar inteiramente as relações; tudo porque precipitou os acontecimentos. Sim, devia esperar; a ocasião não era própria; visitas, muitas luzes, que lembrança foi aquela de falar de amores, sem cautelas, desbragadamente?... Achava-lhe razão: era bem feito que o despedisse logo.

— Fui um maluco! dizia em voz alta.⁹⁵

Entre recuar ou ir adiante, Rubião convenceu-se de que não deveria ter sido demasiado imprudente. Entendeu que poderia chegar onde queria “pé ante pé” e “nunca segurar-lhe as mãos com tanta força que chegasse a molestá-la”. Ao pensar e rever seus atos, entre o sentimento de culpa e a satisfação de suas vontades a qualquer custo, o herdeiro chega à Praça da Constituição. Logo em seguida, três cocheiros disputam entre si para ver quem levaria Rubião até seu destino. Pegou o que estava mais à mão e, em poucos segundos, já estava a caminho de Botafogo. O herdeiro aproveita o serviço de carruagem para “escapar às sensações daquela noite”. Lembrou-se de que, há muitos anos, pobre e jovem, encontrava-se na corte quando presenciou a execução de dois negros. Um homem, acompanhado de um padre, soldados e um ajuntamento de pessoas, lia a sentença de morte de dois supostos criminosos.

Na esquina da Rua dos Ourives deteve-o um ajuntamento de pessoas, e um préstito singular. Um homem, judicialmente trajado, lia em voz alta um papel, a

⁹⁵ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 676

sentença. Havia mais o juiz, um padre, soldados, curiosos. Mas, as principais figuras eram dois pretos. Um deles, mediano, magro, tinha as mãos atadas, os olhos baixos, a cor fula, e levava uma corda enlaçada no pescoço; as pontas do baraço iam nas mãos de outro preto. Este outro olhava para a frente e tinha a cor fixa e retinta. Sustentava com galhardia a curiosidade pública. Lido o papel, o préstito seguiu pela Rua dos Ourives adiante; vinha do aljube e ia para o Largo do Moura.⁹⁶

A visão trágica da execução, passada há muitos anos, instaura-se nas lembranças de Rubião enquanto a carruagem seguia seu curso na volta do jantar da noite de Santa Teresa. Em suas antigas recordações, o herdeiro traz à memória a frieza e a ferocidade que atribuíam aos homens tidos como criminosos.

Não iria ver a execução, pensou ele; era só ver a marcha do réu, a cara do carrasco, as cerimônias... Não queria ver a execução. De quando em quando, parava tudo, chegava gente às portas e janelas, e o oficial de justiça relia a sentença. Depois, o préstito continuava a andar com a mesma solenidade. Os curiosos iam narrando o crime, — um assassinato em Mata-Porcos. O assassino era dado como homem frio e feroz. A notícia dessas qualidades fez bem a Rubião; deu-lhe força para encarar o réu, sem delíquios de piedade. Não era já a cara do crime; o terror dissimulava a perversidade. Sem reparar, deu consigo no largo da execução. Já ali havia bastante gente. Com a que vinha formou-se multidão compacta.⁹⁷

A cena do enforcamento recordada por Rubião se filia ao evento da noite de Santa Teresa. O narrador justapõe o conflito de Rubião entre voltar ou não à casa de Palha e Sofia à decisão de ver ou não o momento do cumprimento da sentença. A ironia sarcástica da luta aparece entre o pé

⁹⁶ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 678-79

⁹⁷ *Ibidem*, p. 679

direito de Rubião, que forçava o recuo do herdeiro diante do terror, e o esquerdo desejoso de fazer ver a imagem trágica da execução. Ambos os pés metaforizam a luta na consciência do homem em presenciar ou ignorar a execução.

Eis o réu que sobe à forca. Passou pela turba um frêmito. O carrasco pôs mãos à obra. Foi aqui que o pé direito de Rubião descreveu uma curva na direção exterior, obedecendo a um sentimento de regresso; mas o esquerdo, tomado de sentimento contrário, deixou-se estar; lutaram alguns instantes... — Olhe o meu cavalo! — Veja, é um rico animal! — Não seja mau! — Não seja medroso! Rubião esteve assim alguns segundos, os que bastaram para que chegasse o momento fatal. Todos os olhos fixaram-se no mesmo ponto, como os dele. Rubião não podia entender que bicho era que lhe mordía as entranhas, nem que mãos de ferro lhe pegavam da alma e retinham ali. O instante fatal foi realmente um instante; o réu esperneou, contraiu-se, o algoz cavalgou-o de um modo airoso e destro; passou pela multidão um rumor grande, Rubião deu um grito, e não viu mais nada.⁹⁸

O bicho que “lhe mordía as entranhas” e as “mãos de ferro” retiveram Rubião diante da cena trágica da execução com os mesmo elementos da “sege”, “dos cavalos” e “da morte”, semelhantes aos vistos no episódio do acidente fatal da avó de Quincas Borba. Na luta de sua consciência, Rubião tinha em seus pensamentos ou voltar e cuidar de seus negócios com Palha, suprimindo a culpa moral de ter tentado trair o amigo com sua mulher, ou assumir a sua perversidade diante de seu receio.

Rubião naturalmente ficou impressionado. Durante alguns segundos esteve como agora à escolha de um tílburí. Forças íntimas ofereciam-lhe o seu cavalo: umas

⁹⁸ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p.679

que voltasse para trás ou descesse para ir aos seus negócios, — outras que fosse ver enforcar o preto.⁹⁹

No capítulo CIX do romance *Quincas Borba*, Rubião encontra-se com Palha depois de muito tempo desde a noite de Santa Teresa. Envergonhado e retraído, o herdeiro pede ao sócio uma soma em dinheiro e o marido de Sofia pergunta a ele o que teria feito ela para que Rubião não aparecesse mais por lá. O ricaço disse que não havia acontecido nada, mas que, ultimamente, andava muito ocupado. Palha pressente o distanciamento do sócio e, com medo de perdê-lo enquanto fonte monetária para seus negócios, imediatamente, tenta convencê-lo de jantar com eles na noite seguinte. Rubião hesita, mas, após relutar, aceita o convite. No dia anterior ao encontro, o herdeiro sonha com o casal. Em seu sonho, vê Sofia e a prima, Maria Benedita, sendo castigadas por Palha. O marido segura um chicote e pune impiedosamente as duas. Rubião, indignado, atende ao pedido de misericórdia delas e impede o sócio de continuar. Nas imagens oníricas do herdeiro, ele manda cessar o castigo e enforcar Palha. As vítimas castigadas são recolhidas por Rubião e ele triunfa glorioso e dominador.

Nessa noite, Rubião sonhou com Sofia e Maria Benedita. Viu-as num grande terreiro, apenas vestidas de saia, costas inteiramente despidas; o marido de Sofia, armado de um azorrague de cinco pontas de couro, rematando em bicos de ferro, castigava-as despiadamente. Elas gritavam, pediam misericórdia, torciam-se, alagadas em sangue, as carnes caíam-lhes aos bocados [...] Sim, Rubião, indignado, mandou logo cessar o castigo, enforcar o Palha e recolher as vítimas. Uma delas, Sofia, aceitou um lugar na carruagem aberta que esperava pelo Rubião, e lá foram a galope, ela garrida e sã, ele glorioso e dominador. Os cavalos, que eram dois à saída, eram daí a pouco, oito, quatro belas parelhas. Ruas e janelas cheias de gente, flores chovendo em cima deles, aclamações...

⁹⁹ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 679

Rubião sentiu que era o Imperador Luís Napoleão; o cachorro ia no carro aos pés de Sofia...¹⁰⁰

Em *Dispersa demanda*, Luiz Costa Lima ressalta que a paixão de Rubião por Sofia o envolve em uma trama de significados pouco compreendida por ele.¹⁰¹ As visões trágicas do herdeiro, tanto do enforcamento dos negros quanto de seu sócio, são resquícios de uma vontade que recua diante da realidade adúltera, mas realiza-se no universo da imaginação. Rubião, ao distanciar-se de Sofia, no mundo real, assume a condição de culpado e não percebe o jogo de expropriação agindo sobre ele. O sentimento de desgosto que o domina, por não ter a mulher de Palha como sua, o faz internalizar a luta de sua própria consciência. Assim, ao retomarmos o argumento de Luiz Costa Lima, a paixão que Rubião nutre por Sofia o leva à loucura e à condição de expropriado.

A audácia de Rubião, em cortejar a mulher de Palha, é contada por ela no capítulo L. Sofia relata a atitude do herdeiro e conta ao marido a declaração que ouviu. Ele diz a sua mulher que talvez ela estivesse exagerando em um caso de “simples efeito de vinhos”. Acrescenta o marido que poderia ter sido levado Rubião pela sua “cabeça fraca” e “um pouco de abalo” até “entornar o que tinha dentro”. Sofia hesita e cobra do marido uma posição mais séria para o caso. Palha apela para a questão moral dizendo que a fidelidade da mulher era algo tido como seguro por ele, mas sem deixar de ressaltar que seria muito cruel caso ela consentisse com tal situação. O capitalista diz que a declaração de Rubião, embora uma surpresa, não lhe abalava em nada. Sofia espera uma posição mais dura do marido e ele, resistindo em lhe proteger das investidas de Rubião, responde

¹⁰⁰ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 735

¹⁰¹ LIMA, Luiz Costa. Sob a face de um bruxo. In: *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. pp. 78-80

a ela que lhe deve “obrigações”. A mulher, furiosa, afirma que “presentes, algumas jóias, camarotes no teatro, não são motivos para que eu fite o Cruzeiro com ele”.

Houve uma pequena pausa; Sofia olhava para ele, esperando.

— Não permito, e ai daquele que o fizesse, assim como ai de ti se o consentires; sabes que sou de ferro, a este respeito, e que a certeza da tua amizade ou, — vá logo tudo, — do amor que me tens é que me tranqüiliza. Pois bem, nada me abala relativamente ao Rubião. Crê que o Rubião é nosso amigo, devo-lhe obrigações.

— Alguns presentes, algumas jóias, camarotes no teatro, não são motivos para que eu fite o Cruzeiro com ele.¹⁰²

Ao final da discussão, Sofia sugere que era preciso fechar a porta, se não de uma vez, mas aos poucos. Palha diz em voz alta depois de certa reflexão, agarrando a mulher pela cintura, “Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro”. Ela, temendo que os empregados ouvissem, põe a mão na boca de Palha e o tranqüiliza com a ideia de ser mais fria. Pede ao marido que não o deixe notar a angústia dos dois e tente disfarçar sobre o episódio da noite de Santa Teresa. Sofia promete ao marido fazer alguma coisa para ajudá-lo.

— Está bom, disse, acabemos com isto. Verei como ele se comporta, e tratarei de ser mais fria... Nesse caso, tu é que não deves mudar, para que não pareça que sabes o que se deu. Verei o que posso fazer.¹⁰³

O sentimento ousado e de clichê romântico, mandar Sofia fitar as estrelas do Cruzeiro do Sul, levando-a para o jardim em uma noite de luar, expõe um tipo de conflito entre moral e

¹⁰² ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 684

¹⁰³ *Ibidem*, p. 685

interesse pecuniário. Palha não se guia pelas questões de honra, pois seu interesse financeiro e de escalada social são preponderantes. O capitalista se vale do sentimento que Rubião tem por Sofia, ao mesmo tempo que disfarça sua cobiça e inveja em relação ao capital do herdeiro, para exercer a dilapidação do cabedal alheio. Conforme a filosofia humanitista, o desejo de querer o objeto do outro é uma virtude e tal afirmação absurda se decodifica no processo de expropriação, uma vez que qualquer capitalista deseja cada vez mais que a riqueza do outro venha para si. Palha, o acumulador e especulador, exerce uma das funções que há nas sociedades de mercado em que o acúmulo monetário é algo insaciável.

Em *Sobre a tragédia*, György Lukács aponta que a concepção hegeliana de trágico e cômico examina os dois gêneros dramáticos como a dissolução interna e dialética da religião grega. No que diz respeito à existência histórica do homem, destaca a crítica lukacsiana, G. W. F. Hegel admite a consecução de conflitos trágicos como partes de uma totalidade não trágica dentro de uma teleologia de fins objetivos na construção de uma história humana isenta de luta. O crítico percebe o termo “destino”, proveniente da tradição dramática grega, inserido na estética hegeliana e em sua concepção de história, em analogia com a “fatalidade do destino” presente na luta de classes. Nas páginas de literatura e na filosofia do século XIX, o conflito passou a ser visto como uma determinação histórica necessária para que o homem, por meio da harmonização das tensões, atingisse o fim da própria história enquanto luta. Assim, do ponto de vista da existência, o homem estaria fadado ao fatalismo místico, sem explicação, incognoscível e imanente aos indivíduos.

Por esta razão, na abertura do século XIX, a tragédia centrada na inelutável “fatalidade do destino” (a chamada *Schicksalstragödie*) torna-se moda literária; e, mesmo que a grande literatura e a estética não aceitem sem reservas o grosseiro misticismo próprio a esse gênero literário, uma concepção fatalista similar, sob forma “refinada”, impregna tanto Vischer e os hegelianos quanto,

mais intensamente e com diversas variantes, a literatura e a crítica burguesas mais tardias e tem peso ainda em nossos dias.¹⁰⁴

Além das ideia de “destino trágico”, György Lukács entende que a natureza age de forma independente em relação às aspirações sócio-históricas do homem. A iluminação para o caminho trágico e certo na vida dos indivíduos, então, pode ser entendido como a necessidade hegeliana de entender o conflito da existência dentro de sua dialética. Para o filósofo alemão, segundo o crítico, no desenvolvimento social, o homem avança rumo à “consciência de si” e, conseqüentemente, age. Assim, com o pensamento em ação, seu espírito inevitavelmente se coloca diante do conflito trágico que, depois, retornará a si transformador, sendo esvaziado progressivamente do caráter bélico.

No caso brasileiro das *Memórias Póstumas*, a síntese dialética da dominação pode resultar, mesmo após a liberdade, em violência e barbárie. No capítulo LXVIII, Brás Cubas conta que certo dia encontra dois negros na rua, sendo que um deles chicoteava impiedosamente o outro. Mais próximo da luta do mais forte contra o mais fraco, o defunto-autor descobre o seu ex-escravo Prudêncio.

[...] era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: — “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! gemia o outro.

— Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

¹⁰⁴ LUKÁCS, György. Sobre a tragédia. In: *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. p. 253

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.¹⁰⁵

Em *Memórias Póstumas*, o episódio do vergalho pode ser apreendido por meio da equação de que o objeto da violência se reveza na ação e nas determinações históricas. O espírito dominador, agindo de modo virulento sobre o escravo Prudêncio, não por coincidência, é percebido por Brás Cubas como se o defunto-autor estivesse diante de sua imagem. O sentimento aterrorizante, tido pelo narrador das *Memórias Póstumas*, é fruto da lógica de objetivação e submissão do outro que ele mesmo ajudou a perpetuar. Segundo a dialética hegeliana, a “consciência em si”, enfrentando o escravo enquanto criança para dominá-lo e coisificá-lo, transformou o outro em algo que permanece reproduzindo sobre o indivíduo alheio a condição de escravo como a simples coisa. Em outro caso machadiano, a determinação histórica de opressão sobre o outro é vista em *Pai contra mãe*. O grotesco e o cruel são descritos de forma irônica pelo narrador do conto logo nas primeiras linhas, quando afirma que, com a pesada máscara de ferro, a escravidão corrigia nos escravos o vício de beber, pois o objeto de metal no rosto impedia-os de manter o hábito. Além disso, um outro desvio seria curado, uma vez que, para tragar uns goles, tinham que furtar alguns vinténs do senhor. De forma sarcástica, o narrador expõe ao leitor que os pecados da embriaguez e do roubo seriam suprimidos pela conduta sóbria e honesta.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo

¹⁰⁵ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 581-82

ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.¹⁰⁶

O conto *Pai contra mãe* envolve a caça de uma escrava, realizada por Cândido, que era capitão do mato. Recém-casado, necessitando de dinheiro, aceita a tarefa de capturar a negra em troca de uma recompensa. Ele, já quase sem esperanças, encontra um anúncio e sai no encalço da fugitiva. Certo dia, atordoado pela imagem da mulher, do filho e pelas cobranças da tia Mônica por mais responsabilidade e vida mais estável, Cândido Neves sai em busca e encontra a escrava Arminda de que ouvira falar. Ao amarrá-la, os dois lutam e ela suplica a ele a liberdade. O capitão do mato, cruel e determinado, não se sensibiliza com a figura da escrava grávida, nem aceita a promessa dela de servi-lo caso ele a soltasse.

— Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

— Siga! repetiu Cândido Neves.

— Me solte!

— Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não

¹⁰⁶ ASSIS, Machado de Assis. *Pai contra mãe*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 659

acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, — coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.¹⁰⁷

O conflito de Arminda com Cândido cresceu e, em meio à aflição da mulher: “a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando”.

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.¹⁰⁸

A luta pela expropriação em *Quincas Borba*, de Prudêncio com seu escravo e de Cândido com Arminda explicita a visão trágica e negativa da dominação histórica dos mais fortes sobre o mais fracos. Neste caso, segundo outro contemporâneo de Machado de Assis, a dialética da dominação da natureza e do homem não dispensa a transformação negativa das relações humanas pela exploração dos mais fortes.

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, mestre e oficial, em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em constante oposição; empenhados numa luta sem trégua, ora velada, ora aberta, luta que a cada etapa

¹⁰⁷ ASSIS, Machado de Assis. Pai contra mãe. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 666

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 667

conduziu a uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou ao aniquilamento das duas classes em confronto.¹⁰⁹

Em *Quincas Borba*, o suposto equilíbrio entre o funesto e o derrisório, também presente na concepção hegeliana de drama, dá lugar ao sarcasmo vitorioso da luta do mais forte sobre o mais fraco.¹¹⁰ Na concepção humanitista, a visão trágica de mundo parece preponderar de maneira irônica, sarcástica e brutal sobre o cômico. No capítulo XLVII, por exemplo, o episódio da execução dos dois negros, assistida por Rubião, ilustra a descompensação entre o funesto e o risível, uma vez que o conflito é algo permanente na história das relações humanas em Machado de Assis. No capítulo L do romance *Quincas Borba*, as questões morais e de honra envolvendo Sofia, assim como aquelas presentes no drama trágico grego, dão lugar à luta pela posse de Rubião enquanto instrumento da escalada social de Palha e Sofia. A culpa sentida pelo herdeiro, diante da lembrança do enforcamento de dois negros, justaposta à declaração de amor feita à mulher do capitalista, recai sobre ele de forma aterrorizante. O remorso de ele ter insistido em uma relação adúltera castiga-o moral e fisicamente, uma vez que a decepção amorosa do herdeiro, conforme já sublinhou Luiz Costa Lima, leva-o à loucura. Em *Sobre a tragédia*, György Lukács destaca que a agudização do conflito trágico sobre o herói precisa admitir sua completa significação se na ação estiver em jogo toda a existência física ou moral, ou ambas, do homem.

¹⁰⁹ ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto comunista*. Tradução Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 23-4

¹¹⁰ No que diz respeito à discussão do revezamento dos contrários, mundo apolíneo e dionisíaco, cômico e trágico, riso e terror, parece-nos mais, no caso de *Quincas Borba*, que há a preponderância do elemento trágico em relação ao cômico. O argumento hegeliano do drama, equilíbrio entre tragédia e comédia, talvez tenha elucidado questões importantes em SOUSA, Ronaldo de Melo. O drama tragicômico de “Quincas Borba”. In: *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2006. p. 136. No entanto, acrescentamos à análise do crítico que a luta selvagem pela autoconservação no romance em que triunfa o sistema humanitista e a expropriação, embora em tom irônico e de humor sarcástico, é o que orienta o processo de dilapidação da herança de Rubião.

A função do aterrorizante tem por fundamento este fato: na agudização do conflito, a verdadeira afirmação que põe à prova o homem só pode adquirir sua plena significação se está em jogo toda a sua existência física ou moral (ou ambas); a justificação da função do aterrorizante reside, portanto, em que somente através dele se põe verdadeiramente à prova o autêntico ser do homem e se converte esta prova em critério da verdade interior do conflito. E a profundidade e a função revolucionária da catarse trágica se encontram, por sua essência, em íntima relação com o desenvolvimento pleno dos momentos aludidos.¹¹¹

De acordo com John Gledson, Palha constitui, juntamente com sua mulher, a bela Sofia, o grupo que obtém êxito na lógica da expropriação financeira. A disputa pelo campo de tubérculos entre duas tribos famintas de “Ao vencedor, as batatas”, na narrativa de *Quincas Borba*, pode ser traduzida na luta que Rubião entrava para “enforcar” Palha e se apoderar da mulher do sócio capitalista no capítulo CIX,¹¹² Contudo, o herdeiro sucumbe à dissimulação e à dilapidação de seu capital. Não se pode descartar que a objetivação é apenas uma das barbaridades humanas que o Humanitismo tematiza. Rubião, assim como o escravo, encontra-se na pele do dominado, uma vez que toda a lei e a aplicação moral da “culpa”, “fatalidade do destino” e “tragédia”, nas palavras também de György Lukács, recaem sobre ele. Ao emprestar dinheiro ao Palha, pelo interesse tido por Sofia, Rubião pensa em si como um ser de má consciência. O uso feito por ele de seu dinheiro, para instrumentalizar Palha e submeter Sofia a seus amores, reproduz a lógica da dominação que não é própria apenas do momento histórico dado. Contudo, a sua investida mal calculada e presa ainda ao mundo tradicional, aos clichês românticos e ao sentimento de posse, tais como se veem no episódio de Santa Teresa, são vencidos pelo lado da tribo de Palha. Os

¹¹¹ LUKÁCS, György. Sobre a tragédia. In: *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. p. 263

¹¹² GLEDSON, John. A política. In: *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 102-120

oportunistas Palha e Sofia usam Rubião para se apropriarem do capital herdado. O rico das Minas, então, na corte, é tomado enquanto objeto para a ascensão econômica de ambos. Ele tem de si suas qualidades subtraídas e para os arrivistas se mostra como fonte pecuniária da classe de especuladores nascente no final dos oitocentos no Brasil. Não obstante, assim como se vê no episódio do vergalho, da escrava Arminda e da execução dos negros, figuras objetivadas pela história, a reificação do indivíduo perpassa pela transformação das relações pessoais coloniais e encontra sua tensão na sociedade imperial. A ruína do mundo tradicional e a dominação da província pela corte, acompanhadas por uma sociedade burguesa e estamental, implicam não só a reificação do indivíduo, mas também o processo de coisificação das relações sociais. Dessa forma, as paixões, desvios da norma social setescentista para os *Pensamentos* de Blaise Pascal, operam conforme a equação borbista. Elas são virtudes e objetivadas por Palha para enganar Rubião e coisificar seu rival. Na filosofia do Humanitismo, assim, a existência da ação virtuosa se pauta no absurdo, pois desejar o que é alheio torna-se regra no convívio social carioca dos oitocentos.

Capítulo III

Da província à corte: o nascimento da norma

I

A alienação econômica de Rubião, também causada pelo desejo de grandeza e prestígio, acentua a reificação social no romance *Quincas Borba*. As metáforas presentes nos excertos da filosofia borbista, ou seja, as “duas tribos famintas”, a lógica de que “Humanitas precisa comer” e a máxima de “Ao vencedor, as batatas” apontam para a coisificação na obra, uma vez que o homem é o próprio objeto da devoração humana. Em *Metáfora: o espelho de Machado de Assis*, Dirce Cortes Riedel entende que Rubião é a forma revelada da metáfora do objeto a ser dilacerado e comido.¹¹³ Assim, perdem-se os laços afetivos e se instaura na narrativa trágica de Rubião o sujeito enquanto instrumento da ascensão social do outro. Dessa forma, a herança na obra parece se aproximar do processo de reificação segundo também as mesmas características do fetichismo da mercadoria, já que o herdeiro, ao mesmo tempo que é desumanizado, ganha qualidades de coisa útil e valiosa, enquanto é expropriado.

Contudo, é preciso entender que a expropriação material, a loucura e o sujeito na condição de “objeto” a ser devorado, três aspectos presentes em torno da alegoria humanitista, parecem sugerir um vínculo entre o caráter negativo da herança e o fenômeno da reificação. Em *História e consciência de classe*, György Lukács enfatiza que o caráter racional do capitalismo moderno produz uma objetivação do mundo que se imprime nas coisas e nos seres. A crítica dialética do estudioso entende que por conta da circulação cada vez mais intensa da mercadoria, somada a um processo produtivo baseado em um cálculo do trabalho e na exploração da mais-valia, o homem

¹¹³ RIEDEL, Dirce Côrtes. Razão contra sandice. In: *Metáfora: o espelho de Machado de Assis*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979. p. 01-27

tem de si suas qualidades humanas subtraídas. O indivíduo, diante do caráter objetivo do sistema produtivo capitalista, transforma-se, então, ele também em coisa, ao fazer parte da estrutura e do funcionamento da economia de mercado.¹¹⁴

Segundo György Lukács, a consciência que caminha na contramão do sentido imposto pela ideologia econômica capitalista é a que dá sentido à relação filosófico-histórica do sujeito com a sua própria existência. Contudo, na visão borbista, a compreensão da experiência humana é apreendida de maneira negativa pelo princípio humanista. Ele não promove uma consciência sem abdicar da crença pessimista da luta pela autoconservação, da destruição e do fim trágico da máxima “Ao vencedor, as batatas”. A filosofia do Humanitismo parodia a guerra como lógica de conservação entre os indivíduos. Palha é a personagem que incorpora essa consciência negativa do funcionamento produtivo da sociedade, da economia e do direito burguês. Ele sabe agir no capital por meios legais, ao mesmo tempo que explora o cabedal de Rubião. Além disso, o capitalista compreende o sistema financeiro e o regime da exploração, usando-o segundo seus próprios interesses. A luta é constante pela escalada social e pela posse do legado. Da forma mais brutal, o homem se transforma em objeto a ser devorado. Essa tensão, de acordo com a história crítica de György Lukács, revela o vínculo existente entre a ideologia burguesa individualista e a objetivação calculada da exploração. O homem ao perder a noção do mundo social e objetivo se sujeita a uma existência de servidão, vive inserido de forma inconsciente no presente do processo histórico.

As reflexões de György Lukács se revelam imprescindíveis ao tornar a reificação também um conceito que se estende ao processo de instrumentalização do homem. Em *Sobre el arte*, Karl Marx, em um artigo publicado em 1854, aponta que a forma do romance conseguiu evidenciar

¹¹⁴ LUKÁCS, György. A reificação e a consciência do proletariado: o fenômeno da reificação. In: *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 193-240

mais tensões políticas e morais constituidoras da vida burguesa comparado a muitas “verdades políticas y sociales que las mostradas por todos los políticos, periodistas y moralistas juntos” ao longo do século XIX. A afirmação de Karl Marx sobre a imensa capacidade que os romances possuem de estilizar a experiência humana e a sua realidade remete também ao dado da luta pela autoconservação inerente ao processo histórico humano. Acompanhado dos conflitos pela melhor posição social e econômica, o homem subjuga o seu semelhante e o coloca na condição de objeto.

115

No romance *Quincas Borba*, Rubião é testado pelos curiosos, que perguntam sobre os “negócios de França e do imperador”, e ele, cada vez mais, “resvalava o abismo e convencia-os” de sua demência. No capítulo CLVI, o narrador enfatiza que, conforme as guerras franco-prussianas recrudesciam, as crises de Rubião eram “mais agudas e menos espaçadas”. O herdeiro comprava jornais europeus e lia todas as notícias com o hábito de recorrer às narrativas bélicas ao interpretar o cenário da guerra, lembrando-se, entretanto, do gosto pela vitória. Rubião troca as personagens do conflito e distorce o sentido real tido pelas revoluções na França do século XIX. Não deixa de procurar qual seria o número de mortos e feridos, além de atribuir um grande saldo positivo a seu favor.

Passaram-se alguns meses, veio a guerra franco-prussiana, e as crises de Rubião tornaram-se mais agudas e menos espaçadas. Quando as malas da Europa chegavam cedo, Rubião saía de Botafogo, antes do almoço, e corria a esperar os jornais; comprava a *Correspondência de Portugal*, e ia lê-la no Carceler. Quaisquer que fossem as notícias, dava-lhes o sentido da vitória. Fazia a conta dos mortos e feridos, e achava sempre um grande saldo a seu favor. A queda de

¹¹⁵ ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. El realismo clásico de fines del siglo XVIII y primera mitad del XIX. In: *Sobre el arte*. Buenos Aires: Claridad, 2009. p. 215-16

Napoleão III foi para ele a captura do rei Guilherme, a revolução de 4 de Setembro um banquete de bonapartistas.¹¹⁶

Na contradição entre os eventos históricos e a leitura que Rubião deles faz, há no herdeiro uma troca constante de referências que aponta para a sua loucura. A demência de Rubião dá espaço, mais uma vez, à visão trágica da guerra. No entanto, em sua consciência, os episódios bélicos têm como protagonista ele próprio. Enquanto Humanitas, ou Palha, o devora, juntamente com os arrivistas, Rubião os vê como súditos de seu grande cetro de imperador. No final do romance, a fenda existente entre a realidade criada por ele e a exploratória que o envolvia parecem diminuir. No capítulo CXCIV, a oscilação entre senso de realidade e ilusão, o hiato entre sanidade e loucura, é mostrado ao leitor como algo consciente no herdeiro. Contudo, após as crises, o suposto restabelecimento de Rubião está acompanhado da ruína monetária e filiada ao ex-sócio. Pede, ao sair de uma clínica onde esteve se recuperando, “cem mil-réis” a Palha.

Tive uma crise mental, disse-lhe Rubião; agora estou bom, perfeitamente bom. Peço-lhe que me ponha fora daqui. Creio que o diretor não se oporá. Entretanto, como quero deixar algumas lembranças à gente que me tem servido, e servido também ao Quincas Borba, veja se me pode adiantar cem mil-réis.¹¹⁷

Além da ironia presente no amor patético de Rubião por Sofia, a falta de consciência do herdeiro é literalmente concretizada. Seu fim é mais trágico por conta de o processo de reificação, atrelado à decepção amorosa e dilapidação sofrida, destituir o ricaço das Minas de sua sanidade mental, tornando-o, por fim, objeto a ser “devorado”.¹¹⁸

¹¹⁶ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 774

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 803

¹¹⁸ Em *Teoria da tragédia*, Friedrich Schiller entende que o sentimento de *pathos*, ou as inúmeras formas de sofrimento, angústia e pesar humanos, podem levar o homem a um conhecimento útil na experiência humana. Ver:

Muito embora o papel da ideologia moderno-burguesa europeia se faça presente na crítica de György Lukács, por conta de o processo de reificação se apresentar em *História e consciência de classe*, momento avançado do capitalismo burguês, a inexistência dela no Brasil, pelo menos em moldes europeus, não impede que o homem transforme a sua própria espécie em instrumento para si mesmo.

Os críticos, sobretudo Barreto Filho, que melhor estudou o caso, interpretam o Humanitismo como sátira ao Positivismo e em geral ao Naturalismo filosófico do século XIX, principalmente sob o aspecto da teoria darwiniana da luta pela vida com sobrevivência do mais apto. Mas, além disso, é notória uma conotação mais ampla, que transcende a sátira e vê o homem como um ser devorador em cuja dinâmica a sobrevivência do mais forte é um episódio e um caso particular. Essa devoração geral e surda tende a transformar o homem em instrumento do homem, e sob este aspecto a obra de Machado se articula, muito mais do que poderia parecer à primeira vista, com os conceitos de alienação e decorrente reificação da personalidade, dominantes no pensamento e na crítica marxista de nossos dias e já ilustrados pela obra dos grandes realistas, homens tão diferentes dele quanto Balzac e Zola.¹¹⁹

Conforme explicita Antonio Candido, Machado de Assis, tão diferente em sua prosa dos realistas franceses, compõem uma narrativa em que Rubião, “instrumento”, assim como Siqueira e Tonica, “pobre e louco, ele morre abandonado; mas em compensação como queria a filosofia do Humanitismo, Palha e Sofia estão ricos e considerados, dentro da mais perfeita normalidade social”.¹²⁰

SCHILLER, Friedrich. Acerca do patético. In: *Teoria da tragédia*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1992. p. 114

¹¹⁹ CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 28-29

¹²⁰ *Idem*

Em outro ensaio do crítico, a relação entre explorador e explorado, ou entre o “algoz” e a “vítima”, pode ser vista sem a mediação da ideologia estritamente burguesa dos oitocentos. Ainda que, segundo Antonio Candido, Aluísio de Azevedo não tivesse a complexidade socioeconômica francesa do século XIX, o escritor tomou “a natureza elementar da acumulação num país economicamente” colonial. A conduta de João Romão, constituída pela labuta diária e pela instrumentalização que faz de Bertoleza, é a exploração brutal que o faz erguer pouco a pouco os casebres de seu cortiço. Ao final de sua escalada econômica, fundamentada na exploração e coisificação de Bertoleza, estava pronto para se tornar comendador ou visconde.

Ri melhor quem ri por último. Quem ri por último no livro é ele, sobre as vidas destroçadas dos outros, queimados com lenha para a acumulação brutal de seu dinheiro. O brasileiro livre que riu dele pela piada do dichote fica, como se dizia no tempo “a ver navios”, porque em geral tendia à boa vida e, nesse sociedade que fingia prolongar as ordens tradicionais, o trabalho era o ovo de Colombo que permitia ascender e desvendar cada vez mais a sua verdadeira divisão em classes econômicas.¹²¹

Palha demonstra amor aos bancos e daria sua vida por um. O capitalista tinha cada vez mais êxito em suas investidas. Dessa forma, à medida em que acumulava mais capital procurava se desvencilhar de seu antigo objeto de ascensão social. Tal instrumento da escalada de Palha era nada menos que o próprio Rubião. Para não dividir os lucros futuros, as vantagens financeiras que lhe trariam as ações compradas, nem as apólices de ouro do empréstimo Itaboraí, sem contar os pagamentos provenientes da venda de produtos a Guerra do Paraguai e as divisas de uma sociedade com um poderoso, o marido de Sofia inventa uma história para desfazer o negócio da empresa Palha & Cia com o herdeiro.

¹²¹ Id. De cortiço a cortiço. In: *O discurso e a cidade*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 111

Contudo, a ascensão econômica de Palha não culmina no solitário acúmulo de bens e nas formas puramente burguesas da produção vertiginosa do dinheiro, ela depende, em rigor, também da simbologia social trazida pelo estamento. Após se tornar um homem rico, “Já trazia apalavrado um arquiteto para lhe construir um palacete” e “Vagamente pensava em baronia”. Pouco tempo depois, Palha e Sofia “Cuidavam ambos de outra casa, um palacete em Botafogo, cuja reconstrução estava prestes a acabar, e que eles queriam inaugurar, no inverno, quando as Câmaras trabalhassem, e toda a gente houvesse descido de Petrópolis”. Já nem se lembravam mais de cuidar de Rubião, doente e internado em uma clínica, longe do círculo social que o usou.

Em outubro, Sofia inaugurou os seus salões de Botafogo, com um baile, que foi o mais célebre do tempo. Estava deslumbrante. Ostentava, sem orgulho, todos os seus braços e espáduas. Ricas jóias; o colar era ainda um dos primeiros presentes do Rubião, tão certo é que, neste gênero de atavios, as modas conservam-se mais. Toda a gente admirava a gentileza daquela trintona fresca e robusta; alguns homens falavam (com pena) das suas virtudes conjugais, da profunda adoração que ela tinha ao marido.¹²²

Ao lado do processo de expropriação, Palha e Sofia buscam a semostração e o prestígio de seus convivas em um baile que havia sido “o mais célebre do tempo”. Por trás da grandeza dos salões, a exuberância “das ricas jóias” e “do colar”, combinados à sensualidade dos “braços e espáduas” de Sofia, está a norma social da sujeição do outro. No capítulo CXCII, além de Rubião, o narrador revela que a filha do major chorava suas últimas lágrimas de desesperança, por ter perdido o noivo, mas também sofria pelo fim da amizade com o casal Palha “D. Tonica espremeu as últimas lágrimas, umas de amizade, outras de desesperança, e ficou com os olhos tão vermelhos, que pareciam doentes”. Sem marido e sem amigos, pobres e excluídos, acabavam

¹²² ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 803

assim Major Siqueira e sua filha Tonica.¹²³ Assim, a vida nas cidades passou a ser orientada por normas e meios de conduta que agregavam traços da aristocracia recém-instalada no Rio de Janeiro no início do século XIX, mas, sobretudo, apoiava-se também na nova classe econômica burguesa. Nesse processo de reordenação da dinâmica da cidade, afastamento da interferência do senhor da casa-grande, o grupo de excluídos cresceu, entre outros fatores, por conta dos novos conceitos de família, classe e prestígio. Em *A pirâmide e o trapézio*, Raymundo Faoro entende, ao analisar as questões de *status* social na peculiar dominação tradicional brasileira, que a baronia ou um cargo de confiança na burocracia do Estado, por exemplo, eram meios eficazes para que homens ligados à ordem econômica escravocrata e exploratória fossem reconhecidos na ordem burguesa imperial.

Ser proprietário não é imoral, ao contrário, esse status assegura a plenitude do indivíduo. Mas a ociosidade, comum nas suas personagens, não merece incondicionada aprovação ética. Ganhar dinheiro com especulação de negócios, ações e valores, será, por outro lado, detestável, repelente. A linha moral segue uma linha evolutiva: os “homens bons” da colônia desaparecem e, em seu lugar, sobem os traficantes e banqueiros.¹²⁴

A baronia de Palha e seu reconhecimento social dependem da exclusão de Rubião da convivialidade do casal, uma vez que a ascensão brutal e selvagem do capitalista requer apenas a instrumentalização do herdeiro e não a continuidade de seus laços de amizade. Certo dia, ao

¹²³ Com a chegada da família real portuguesa, em 1808, a aristocracia europeia se alia à burguesia comercial para deter o poder e a influência do senhor da casa-grande nas formas de conduta social. Nesse arranjo político-social, os velhos hábitos da colônia são combatidos para que os modos de vida mais burgueses se instaurem na vida da corte: “Até fins do período colonial a administração não encontrara meios de dominar a interferência do grupo familiar sobre o meio externo. O Governo, paralisado pela política da metrópole, transigia diante dos interesses privados, demonstrando a fragilidade de seu poder. Com a chegada de D. João esse equilíbrio de forças modificou-se. A aristocracia portuguesa e a burguesia européia, unidas, detinham um poder incomparavelmente superior ao das famílias nativas. A cidade, em conseqüência, não podia continuar obedecendo a seus antigos donos”. Ver: COSTA, Jurandir Freire. A higiene das famílias. In: *Ordem médica e norma familiar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004. p. 53

¹²⁴ FAORO, Raymundo. Patrões e cocheiros. In: *A pirâmide e o trapézio*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2001. p. 228

visitar o herdeiro em uma clínica, uma semana antes da inauguração do palacete do casal, Palha consultou o diretor do estabelecimento sobre o estado psíquico de Rubião. O médico afirmou que poderia curá-lo, mas que uma semana seria pouco. O capitalista disfarça dizendo que o achava já em si e restabelecido, porém, “mandava quem sabia”, e, se necessário fossem, “seis ou sete meses mais, não precipitasse a alta”.

Antes de sair, consultou o diretor, que lhe deu boas notícias do enfermo. Uma semana é pouco, disse ele; para pô-lo bom, bom, preciso ainda uns dois meses. Palha confessou que o achara são; em todo caso, mandava quem sabia, e se fossem necessários seis ou sete meses mais, não precipitasse a alta.¹²⁵

Palha passa a firmar laços de amizade com figuras da burocracia do Império. Teófilo, personagem secundária no romance, aparece mais à medida que Sofia torna-se amiga da mulher do deputado e o capitalista atinge elevados ganhos econômicos em suas empreitadas. O funcionário da administração real é mostrado sempre fazendo contas e relatórios, dedicando-se à vida pública e às responsabilidades fiscais do reino de Pedro II. Ele, no trabalho administrativo estatal, mapeia os números da política econômica do Estado, além de redigir os documentos oficiais, notas, realizar cálculos e apontamentos, rotular as pastas de crédito. O ofício de Teófilo, burocrata do Império, dá a dimensão do universo de atuação dos investimentos feitos pelo Estado em conjunto com as instituições privadas. Os lucros e rendimentos dos capitalistas, comerciantes e especuladores, assim como Palha, à luz dos créditos da guerra, alusão à Guerra do Paraguai 1864-1870, coincidem com os altos recursos alocados pelo imperador na marinha e nas ações bélicas em torno das questões da Bacia do Prata. Há ainda referências às modificações na

¹²⁵ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. 804

estrutura dos meios de transporte, linhas férreas, decorrentes da aliança entre capital privado e Estado.

Havia ali quatro largas estantes cheias de livros, de relatórios, de orçamentos, de balanços do Tesouro. A secretária estava em ordem. Três armários altos, sem portas, guardavam os manuscritos, notas, lembranças, cálculos, apontamentos, tudo empilhado e rotulado metodicamente: — *créditos extraordinários*, — *créditos suplementares*, — *créditos de guerra*, — *créditos de marinha*, — *empréstimo de 1868*, — *estradas de ferro*, — *dívida interna*, — *exercício de 61 — 62, de 62 — 63, de 63 — 64*, etc. Era ali que trabalhava de manhã e de noite, somando, calculando, recolhendo os elementos dos seus discursos e pareceres, porque era membro de três comissões parlamentares, e trabalhava geralmente por si e pelos seis colegas: estes ouviam e assinavam. Um deles, quando os pareceres eram extensos, assinava-os sem ouvir.¹²⁶

As exaustivas contas de Teófilo traduzem o modo como o Estado imperial depende dos donos do capital privado para a gerência de seu governo. Em troca do ócio especulativo rentável, condenado pelos antigos proprietários, ao lado do “escuso” comércio de escravos e a produção agrícola com mão-de-obra servil, admite-se a partir dos anos de 1860 a participação de homens sem qualquer estirpe aristocrática nas economias do Estado. Diferente dos tempos da colônia, quando apenas homens ligados à fidalguia reconhecida pela metrópole faziam parte das formas de burocracia financeira estatal, nas últimas décadas do século XIX, há uma aproximação mais intensa e dependente do poder político em relação ao econômico. Nessa época, período em que se passa a narrativa e, posteriormente, Encilhamento, a cidade do Rio de Janeiro se revela como o lugar do capitalismo selvagem e do oportunismo.¹²⁷

¹²⁶ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 789-90

¹²⁷ SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: *Literatura como missão*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 35-94

Aqueles que não acumulavam riquezas, antes de cultivarem o prestígio e a imagem, ou se deixavam levar pela semostração de forma indiscriminada, submetendo, assim, todos os rendimentos aos gastos, desmoronaram. No capítulo CLVIII, o burocrata Teófilo e o capitalista Palha mencionam a ruína financeira de Rubião. O amigo deputado lamenta sobre o episódio da decadência financeira do herdeiro, enquanto que, cinicamente, o ex-sócio julga que além da imprudência nos gastos, ex-ricaço de Barbacena não exercia nenhuma atividade profissional. Algo que, segundo Palha, agravava o saldo negativo de sua fortuna.

– Que fazia ele, ou que faz agora? continuou o deputado.

– Nada, nem agora nem antes [responde Palha]. Era rico, - mas gastador. Conhecemo-lo quando veio de Minas, e fomos, por assim dizer, o seu guia no Rio de Janeiro, aonde não voltara desde longos anos. Bom homem. Sempre com luxo, lembra-se? Mas, não há riqueza inesgotável, quando se entra pelo capital; foi o que ele fez. Hoje creio que tenha pouco ...¹²⁸

Conforme elucidado Theodor W. Adorno, ao tratar das considerações marxistas sobre a história, o crítico alemão diz que ela não se constitui enquanto um corpo à parte. A narrativa documentada e lembrada pelos homens é movida por eles mesmos, que perseguem seus fins, sobretudo, os que culminam na luta pela própria destruição. Assim, a história da luta e da submissão do homem pelo seu semelhante não é uma particularidade da experiência burguesa.¹²⁹ Não necessariamente o processo de reificação, portanto, associa-se a uma etapa avançada e complexificada da vida nas cidades e do capitalismo burguês do século XIX. Desse modo, a alegoria de “Ao vencedor, as batatas”, construindo e traduzindo o conceito de luta por meio do

¹²⁸ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 775-76

¹²⁹ ADORNO, Theodor W. Espírito do mundo e história natural. In: *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 250-298

apólogo das duas tribos famintas, revelou-se imprescindível como condensação dos elementos estéticos que apontam para a visão trágica da existência e a coisificação humana. Mesmo em uma sociedade burguesa e estamental, momento em que a burocracia do Estado se associa às formas da empresa privada, assegurando apoio financeiro das camadas econômicas mais fortes ao mesmo tempo que as concede *status* e vantagens monetárias, o processo de reificação se encontra presente. No caso brasileiro, conforme Raymundo Faoro trata os anos finais do século XIX, a cooptação dos não nobres pelo governo imperial passou a ser realidade entre os capitalistas ao mesmo tempo em que a ideologia do Estado monárquico fez vistas grossas aos ganhos do ócio especulativo. A forma de acúmulo selvagem, vista na figura de João Romão em *O cortiço*, reificando Bertoleza e coisificando todos os trabalhadores de sua pedreira, assemelha-se à objetivação sobre o herdeiro no romance *Quincas Borba*, quando tanto em um como em outro romance o homem é instrumento também para a escalada social. Assim, a dilapidação executada por Palha culmina na ausência de uma ideologia propriamente burguesa, nos termos de György Lukács, entretanto, admite uma lógica de exploração social escamoteada na burocracia do Estado. Em *Quincas Borba*, há um corpo normativo que ampara as relações sociais por interesse. O arrivismo do capitalista, a dissimulação de sua mulher, a suposta loucura do filósofo, a aquisição da herança por Rubião e os jantares de larga recepção festiva configuram um código social vigente pautado em um regime da luta social de inclusão e exclusão contínuas. Muito embora inexistisse no Brasil da época uma ideologia moderno-burguesa nos moldes europeus, houve no país um tipo de modernidade em que a aristocracia recém-chegada da Europa se uniu aos estratos mais endinheirados e aos que estavam em vias de concretizar a ascensão econômica.

A convivialidade e a dissimulação da norma

II

Com as novas formas de vida na cidade, resultantes da aliança entre aristocracia e classes econômicas mais abastadas, as relações sociais exigem diferentes maneiras de convívio familiar, pessoal e profissional. Em um trem que os levava da província à corte, Rubião torna-se amigo do capitalista e sua mulher. O herdeiro lhes pergunta se eles moravam em Vassouras e o casal responde que não. Em seguida, Palha e o herdeiro discutem sobre a lavoura, o gado, a escravidão e a política imperial. Palha critica a propriedade servil, marca da tradição econômica brasileira, mas, diante da indiferença de Rubião, muda rapidamente de assunto. O novo amigo, então, fazendo-se despercebido, passa a tratar da Guerra do Paraguai e também condena a política dos partidos liberal e conservador nas câmaras.

Da lavoura passaram ao gado, à escravatura e à política. Cristiano Palha maldisse o governo, que introduzira na fala do trono uma palavra relativa à propriedade servil; mas, com grande espanto seu, Rubião não acudiu à indignação. Era plano deste vender os escravos que o testador lhe deixara, exceto um pajem; se alguma coisa perdesse, o resto da herança cobriria o desfalque. Demais, a fala do trono, que ele também lera, mandava respeitar a propriedade atual. Que lhe importavam escravos futuros, se os não compraria? O pajem ia ser forro, logo que ele entrasse na posse dos bens. Palha desconversou, e passou à política, às Câmaras, à guerra do Paraguai, tudo assuntos gerais, ao que Rubião atendia, mais ou menos. Sofia escutava apenas; movia tão-somente os olhos, que sabia bonitos, fitando-os ora no marido, ora no interlocutor.¹³⁰

¹³⁰ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 658

Diferente dos argumentos de Cristiano Palha, Rubião não se mostra preocupado com a continuidade ou não do trabalho servil. Diz que, após tomar posse do testamento, venderá os escravos e fará forro um pajem. Tal indiferença aos episódios que Palha havia comentado se explica por conta de Rubião, primeiro, não dominar os assuntos tratados, depois, por estar mais vislumbrado com sua herança. Ao chegarem à corte, Palha resolve auxiliá-lo e ajudá-lo, estando sempre próximo ao provinciano, sem deixar de alertá-lo que caras amigas não necessariamente merecem confiança.

No dia seguinte, estava Rubião ansioso por ter ao pé de si o recente amigo da estrada de ferro, e determinou ir a Santa Teresa, à tarde; mas foi o próprio Palha que o procurou logo de manhã. Ia cumprimentá-lo, ver se estava bem ali, ou se preferia a casa dele, que ficava no alto. Rubião não aceitou a casa, mas aceitou o advogado, um contraparente do Palha, que este lhe indicou, como um dos primeiros, apesar de muito moço.

— É aproveitá-lo, enquanto ele não exige que lhe paguem a fama.¹³¹

Como Palha tinha ido ao encontro de Rubião onde ele havia se instalado, disfarçando seus interesses com cuidados e atenções, dizendo querer saber se tudo estava bem ou se o herdeiro preferiria se hospedar em sua casa. Nesta ocasião, Rubião acabou chamando-o para almoçar mesmo contra a vontade do novo amigo. Em seguida, os dois se dirigem ao escritório do advogado e os bens de Quincas Borba são passados a Rubião. Depois de tudo ajustado, Palha convida o herdeiro para um jantar em sua casa.

Rubião fê-lo almoçar, e acompanhou-o ao escritório do advogado, apesar dos protestos do cão, que queria ir também. Tudo se ajustou.

¹³¹ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 660

— Vá jantar logo comigo, em Santa Teresa, disse o Palha ao despedir-se. Não tem que hesitar, lá o espero, concluiu retirando-se.¹³²

Rubião não estava acostumado com a vida na corte. Além das reuniões com refeições e vinhos generosos, bem como a eletricidade, símbolo da vida moderna da cidade, o herdeiro se deparava com “senhoras galantes”. Entre todas essas seduções que não estavam na província, ele não deixava de reparar nos “olhos frequentes”, nos “requebros” e nas “coisas afáveis” da mulher de Palha. Sofia o animava constantemente e, quando conversava com ele, fazia “exortações e solicitações” irresistíveis. Rubião se encanta com a esposa de seu novo amigo na corte, “Que admirável figura, meu pai do Céu! Hoje então estava divina. Quando o braço dela roçava no meu, à mesa, apesar da minha manga...”.

Não pensava no jantar, que foi lauto, nem nos vinhos, que eram generosos, nem na eletricidade própria de uma sala em que há senhoras galantes; achava-se maluco, completamente maluco. Logo depois, a mesma alma, que se acusava, defendia-se. Sofia parecia tê-lo animado ao que fez; os olhos frequentes, depois fixos, os modos, os requebros, a distinção de o mandar sentar ao pé de si, à mesa de jantar, de só cuidar dele, de lhe dizer melodiosamente coisas afáveis, que era tudo isso mais que exortações e solicitações? (...) Que admirável figura, meu pai do Céu! Hoje então estava divina. Quando o braço dela roçava no meu, à mesa, apesar da minha manga...¹³³

Quando, finalmente, chega a noite do jantar em Santa Teresa, Rubião não resiste aos encantos de Sofia. Em meio a uma recepção repleta de atenções e jogos de sedução, ele se declara a ela ao mesmo tempo que a vê enquanto ser divinizado. Munido de clichês românticos, escola já em decadência no tempo do enredo, mostra-se impressionado e arrebatado pela figura da mulher

¹³² ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 660

¹³³ *Ibidem*, p. 676-77

de Palha. Diz a ela que seus olhos são “estrelas da Terra”, enquanto que as estrelas mesmo são os olhos do céu. Ainda não satisfeito, o herdeiro afirma que os corpos celestes são menos lindos que os olhos de Sofia. Ele declara que, ao contrário dessas coisas intocáveis, os de sua adorada estão “aqui, ao pé de mim, grandes, luminosos, mais luminosos que o céu”.

As estrelas são ainda menos lindas que os seus olhos, e afinal nem sei mesmo o que elas sejam; Deus, que as pôs tão alto, é porque não poderão ser vistas de perto, sem perder muito da formosura... Mas os seus olhos, não; estão aqui, ao pé de mim, grandes, luminosos, mais luminosos que o céu... ¹³⁴

A mulher do capitalista faz parte dos novos laços de amizade e representa parte da emergente convivialidade burguesa oitocentista. Segundo Palha, Sofia é de grande ajuda para as tarefas domésticas. Ao mobiliar e alfaiar a casa de Botafogo, na transferência do herdeiro da província para a corte, Rubião aceita de bom grado a sugestão do amigo de ela acompanhá-los. Ela, sedutora e envolvente, comenta que para algumas coisas apenas uma senhora escolhe bem. Rubião aceita e agradece, assim como faz o possível para demorar nas compras. Consultava sem intenção alguma os preços, ou até mesmo criava necessidades para tomar mais o tempo da moça. Ele a deixava falar, explicar e demonstrar o que quisesse.

Seguiu-se a mudança para a casa de Botafogo, uma das herdadas; foi preciso alfaiá-la, e ainda aqui o amigo Palha prestou grandes serviços ao Rubião, guiando-o com o gosto, com a notícia, acompanhando-o às lojas e leilões. Às vezes, como já sabemos, iam os três; porque há coisas, dizia graciosamente Sofia, que só uma senhora escolhe bem. Rubião aceitava agradecido, e demorava o mais que podia as compras, consultando sem propósito, inventando

¹³⁴ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 671

necessidades, tudo para ter mais tempo a moça ao pé de si. Esta deixava-se estar, falando, explicando, demonstrando.¹³⁵

Depois de alguns arranjos, toda casa de Botafogo estava composta. Sofia passa a exercer não apenas poder de sedução sobre o herdeiro, mas corrobora com a expropriação de Rubião iniciada pelo marido. Como a vida na corte exige do recém-rico das Minas esforço financeiro para transformar as aparências da província, recebe as orientações do casal sem desconfiar dos novos amigos. No entanto, logo percebem o sentimento que o herdeiro demonstra pelas coisas sem se preocupar muito com o dinheiro. O casal nota também que Rubião aceita tudo o que lhe é dito para obter prestígio e semostração, como forma de participar da sociedade carioca. Se retornarmos ao capítulo I do romance *Quincas Borba*, Rubião se encontra analisando sua vida pretérita e a compara com o presente. Olha para suas vestes, para a casa, trabalho de Sofia, “para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade”.

Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.¹³⁶

¹³⁵ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 643

¹³⁶ *Ibidem*, p. 661

Certo dia, em uma visita a Rubião, Palha observa que o herdeiro tem fixação por objetos de requinte e preciosidades. Peças que representam distinção e nobreza, assegura o amigo, são sempre bem-vindas, contudo, custam caro. Ao compará-las, porém, com duas figuras, de Mefistófeles e Fausto, postas em sua sala, Palha diz que, com certeza, preferiria o primor de argenteria visto na bandeja assim como Rubião.

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um *Mefistófeles* e um *Fausto*. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, — primor de argenteria, execução fina e acabada.¹³⁷

O trecho em que Rubião fixa seus olhos na bandeja de prata, o narrador singularmente onisciente enfatiza que o herdeiro tem preferência pelos metais preciosos e despreza aqueles menos nobres. Assim, “prata e ouro” eram os elementos que Rubião amava de coração, mas também significam substâncias refinadas com certo ar de nobreza. Além de matérias tão raras, há na cena a referência a Mefistófeles e Fausto, estereótipos românticos já em ruína no tempo do romance *Quincas Borba*, combinando a ambição, o desejo pelo belo e a alusão à conquista da mulher amada. Contudo, parece interessante destacar o contraste entre Rubião e Palha, uma vez que, no momento em que o marido de Sofia diz preferir os metais preciosos às figuras românticas, revela a sua fixação pelo concreto e não pela imagem. Para Palha, prata e ouro significam acúmulo de riquezas bem como capital; já para o herdeiro, apenas posse e prestígio.

¹³⁷ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 643

Em sua consciência, Rubião parece não se desvincular da velha mentalidade da vida da província. Por enorme insistência de Palha, Rubião deixa os antigos escravos e pajens, herdados de Quincas Borba, para contratar mão-de-obra livre europeia. Apesar da resistência do ricoço das Minas, o amigo da corte sublinha a importância de se ter homens brancos nos serviços domésticos. Assim, Rubião cede e contrata, para tomar conta dos afazeres da casa, um espanhol e, para a cozinha, um chefe francês. Ao fim, o “bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem pôde deixar na cozinha”. O velho homem negro “foi degradado a outros serviços”.

O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.¹³⁸

As amizades, no tempo da colônia, firmavam-se de modo distinto. Estavam pautadas em situações menos superficiais, como a do trem, no encontro de Palha, Sofia e Rubião. Por outro lado, a adoração aos objetos como forma de riqueza já não se encontra em uso, uma vez que o acúmulo de capital se dá por meio da aplicação e rendimentos a juros no banco. Contudo, Rubião ainda procura agregar ao lado da norma burguesa as insígnias do universo da tradição. Juntamente com a mania de prestígio e grandeza, imaginava títulos nobiliárquicos e delirava diante dos almanaques da aristocracia brasileira. Certo dia, apanhou ele um conjunto de nomes em um anuário genealógico e se deparou com o capítulo dos titulares. Passava muito tempo admirando

¹³⁸ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 643

patronímicos desde marqueses até barões. Memorizava alguns, depois os escrevia aqueles de grande título, repetidamente, como se o próprio dono assinasse sua estirpe.

Os nomes eram os mais sonoros e fáceis da nossa nobiliarquia. Eis aqui a explicação: poucas semanas antes, Rubião apanhou um almanaque de Laemmert, e, entrando a folheá-lo, deu com o capítulo dos titulares. Se ele sabia de alguns, estava longe de os conhecer a todos. Comprou um almanaque, e lia-o muitas vezes, deixando escorregar os olhos por ali abaixo, desde os marqueses até os barões, voltava atrás, repetia os nomes bonitos, trazia a muitos de cor. Às vezes, pegava da pena e de uma folha de papel, escolhia um título moderno ou antigo, e escrevia-o repetidamente, como se fosse o próprio dono e assinasse alguma coisa:

Marquês de Barbacena

Marquês de Barbacena

Marquês de Barbacena

Marquês de Barbacena

Marquês de Barbacena

Marquês de Barbacena ¹³⁹

Rubião criava em sua mente insígnias e símbolos de nobreza para representar-se. Ele também protegia as letras e, para os livros que lhe dedicavam, garantia edições numerosas aos autores. Colecionava ainda muitos diplomas de diferentes sociedades literárias, coreográficas, piás e, mesmo inconsciente do que seriam agremiações religiosas, participava de uma católica sem deixar a protestante de lado. Em rigor, a mentalidade do herdeiro não se prestava a algum fim ou exercício das letras, ou aos princípios da fé, mas, sobretudo, à semostração e ao parecer ser.

Rubião protegia largamente as letras. Livros que lhe eram dedicados, entravam para o prelo com a garantia de duzentos e trezentos exemplares. Tinha diplomas

¹³⁹ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 714

e diplomas de sociedades literárias, coreográficas, pias, e era juntamente sócio de uma Congregação Católica e de um Grêmio Protestante, não se tendo lembrado de um quando lhe falaram do outro; o que fazia era pagar regularmente as mensalidades de ambos. Assinava jornais sem os ler.¹⁴⁰

Rubião também cultivava sua imagem por meio de atitudes impensadas. Certo dia, o herdeiro salvou um menino de um atropelamento. O ricoço das Minas viu quando uma sege desgovernada estava prestes a passar por cima de uma criança brincando na rua, quando ele a socorre em tempo. Os pais agradecem e, logo depois do incidente, as pessoas comentam o episódio. Rubião, após se retirar do local, visita outro amigo na corte chamado Camacho e lhe conta o ocorrido. Como a norma social então vigente, quanto à circulação da notícia, é o jornal, Camacho logo elabora em seu periódico político uma narrativa sobre o episódio para impressionar o herdeiro.

Rubião interrompeu as reflexões para ler ainda a notícia. Que era bem escrita, era. Trechos havia que releu com muita satisfação. O diabo do homem parecia ter assistido à cena. Que narração! que viveza de estilo! Alguns pontos estavam acrescentados, — confusão de memória, — mas o acréscimo não ficava mal. E certo orgulho que lhe notou ao repetir-lhe o nome? "O nosso amigo, o nosso distintíssimo amigo, o nosso valente amigo..."¹⁴¹

Ele reproduziu muitas vezes o ocorrido a alguns que queriam ouvir da própria boca do autor o salvamento e, com isso, cada "gloriazinha oculta picava o ovo, e punha a cabeça de fora, olho aberto, sem penas, em volta da glória máxima de Rubião". Ao fim de tudo, Rubião, a

¹⁴⁰ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 699

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 760

conselho de Freitas, já envaidecido pelo comentário e a boa fama que lhe atribuíam, manda fazer a reedição da narrativa de Camacho no grande circulante *Jornal do Comércio*.

Rubião ia concordando, ouvindo, sorrindo; contava a cena a alguns curiosos, que a queriam da própria boca do autor. Certos ouvintes respondiam com proezas suas, — um que salvara uma vez um homem, outro uma menina, prestes a afogar-se no boqueirão do Passeio, estando a tomar banho. Vinham também suicídios malogrados, por intervenção do ouvinte, que tomou a pistola ao infeliz, e fê-lo jurar... Cada gloriuzinha oculta picava o ovo, e punha a cabeça de fora, olho aberto, sem penas, em volta da glória máxima do Rubião. Também teve invejosos, alguns que nem o conheciam, só por ouvi-lo louvar em voz alta. Rubião foi agradecer a notícia ao Camacho, não sem alguma censura pelo abuso de confiança, mas uma censura mole, ao canto da boca. Dali foi comprar uns tantos exemplares da folha para os amigos de Barbacena. Nenhuma outra transcreveu a notícia; ele, a conselho do Freitas, fê-la reimprimir nos *a pedidos do Jornal do Comércio*, entrelinhada.¹⁴²

Ideias e amizades políticas, por interesse e cálculo, no Brasil do século XIX, ganham o verniz de uma sociedade mais educada para não dizer dissimulada. As indicações políticas se normatizam, verdadeiras ou não, dentro do círculo da convivialidade. Um dia, o político Camacho volta de Vassouras trazendo ao herdeiro notícias da província. Conta ao ricoço das Minas, que por lá, a candidatura de um aliado já estava comprometida e ele, como amigo de Rubião, acabaria por indicá-lo. A visita chega em um momento de solidão, quando o herdeiro sentia-se só e desprestigiado pelos seus outros amigos.

Nenhum dos habituados da casa compareceu ao almoço. Rubião esperou ainda uns dez minutos, chegou a mandar um criado ao portão, a ver se vinha alguém.

¹⁴² ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 700

Ninguém; teve de almoçar sozinho. Em geral, não podia suportar as refeições solitárias; estava tão afeito à linguagem dos amigos, às observações, às graças, não menos que aos respeitos e considerações, que comer só era o mesmo que não comer nada. [...] entre o queijo e o café, na pessoa do Dr. Camacho, que voltara de Vassouras, na véspera, à noite. Como o Davi da Escritura, trazia um jumento carregado de pães, um cântaro de vinho e um cabrito. Deixara gravemente enfermo um deputado mineiro, que estava em Vassouras e preparou a candidatura do Rubião, escrevendo às influências de Minas. Foi o que lhe disse aos primeiros golos de café.¹⁴³

Rubião, em uma “espécie de vertigem”, movido pelo seu desejo de parecer ser, já então “via-se na câmara, entrando para prestar juramento” com todos os deputados em pé, homenageando-o e o exaltando para o cargo político. Em meio a seus delírios, o herdeiro pergunta acerca da disputa partidária e da possível vitória, bem como se havia despesas, ou a necessidade de recomendação ou de pedido.

Rubião, comovido, fez ainda outras perguntas acerca da luta e da vitória, se eram precisas despesas já, ou carta de recomendação e pedido [...] Camacho respondia a tudo; mas recomendava-lhe cautela. Em política, disse ele, uma coisa de nada desvia o curso da campanha e dá a vitória ao adversário. Contudo, ainda que não saísse vencedor, tinha Rubião a vantagem de ficar com o seu nome sufragado; e o precedente contava-se por um serviço.¹⁴⁴

Após dar-lhe a notícia e outras orientações, pedindo-lhe cautela, Camacho incita Rubião a fazer um discurso, já o chamando de deputado “Vamos lá, deputado; ensaie um discurso, pedindo o encerramento da discussão: *Sr. presidente... Vamos, diga comigo: Sr. presidente, peço a V.*

¹⁴³ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 727

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 726

Ex.ª...”. Em grande pompa, o herdeiro já se via atravessando a sala da câmara e o momento em que “subiu à mesa da presidência, prestou o juramento de estilo...”

Outro episódio que também corrobora para a semostração e o cultivo da imagem a qualquer custo, portanto, ações contrárias à norma do acúmulo do capital, é a morte de uma personagem chamada Freitas. O falecimento do amigo também lhe dá a oportunidade de parecer ser. Rubião se encarrega das despesas do enterro e, no dia seguinte ao falecimento, acompanha o préstito. A mãe do finado, agradecida, quis ajoelhar-se aos pés do amigo generoso, mas ele impede o gesto da pobre mulher. O fato causa grande impressão aos convidados, atribuindo imensa glória e lisonja a Rubião.

Foi nesse estado que o veio achar a notícia da morte do Freitas. Chorou uma lágrima às escondidas; tomou a si custear as despesas do enterro, e acompanhou o defunto, na tarde seguinte, ao cemitério. A velha mãe do finado, quando o viu entrar na sala, quis ajoelhar-se aos pés dele; Rubião abraçou-a a tempo de impedir-lhe o gesto. Esse ato do nosso amigo fez grande impressão nos convidados.¹⁴⁵

Rubião, ao sair, logo após as exéquias do amigo Freitas, faz um gesto e disputa a atenção do cortejo. Já à porta de seu *coupé*, com a expressão carregada e os olhos úmidos, acena com o chapéu para os que ali ainda restavam. Da direita para a esquerda, saúda todas as cabeças descobertas e pesarosas e, no momento que está para deixar o local, ouve comentários de que ele parecia “senador ou desembargador, ou coisa assim”.

No cemitério, não se contentou Rubião com deitar a pá de terra, ato em que foi primeiro, por solicitação de todos; esperou que os coveiros enchessem a cova

¹⁴⁵ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 728

com as suas grandes pás do ofício. Tinha os olhos úmidos; acabou, saiu, ladeado pelos outros, e, à porta, com uma só chapelada para a direita e para a esquerda, saudou a todas as cabeças descobertas e curvas. Ao entrar no *coupé*, ainda ouviu estas palavras, a meia voz:

— Parece que é senador ou desembargador, ou coisa assim...¹⁴⁶

A mania de parecer ser de Rubião se apresenta em outros momentos do romance. No entanto, ela também se vê afrontada e impressionada por outras imagens. No capítulo LXI do romance *Quincas Borba*, Rubião agradece a Camacho por lhe mandar regularmente a folha de seu periódico *Atalaia*. Diante da insistência do herdeiro em querer pagar os jornais, o político diz que de assinaturas o jornal ia bem e o que eles precisavam mesmo, insinua o dono da publicação, era de investimento na folha. O herdeiro logo se prontifica a dar cinco contos ao empreendimento. Camacho aceita a ajuda e agradece o amigo cinicamente, sabendo que havia tirado proveito da situação em nome das “ideias”, “da convicção”, “da fidelidade” e do “amor aos negócios públicos”. Ao sair, Rubião se depara com uma mulher alta, vestida de preto, seda e colar cristalino. O herdeiro já descia as escadas, quando ouviu a voz de Camacho dizer “senhora baronesa”. Ele, impressionado, repara no “aroma fino e raro, coisa de tontear, o aroma deixado por ela”. Ao chegar à porta da rua, vê um *coupé*, o cocheiro e um criado, ambos fardados. Rubião, sem saber como, muito embora vestido em seu próprio luxo, “sentia-se o mesmo antigo professor de Barbacena”.

Rubião despediu-se. No corredor passou por ele uma senhora alta, vestida de preto, com um arruído de seda e vidrilhos. Indo a descer a escada ouviu a voz do Camacho, mais alta do que até então: — Oh! senhora baronesa! No primeiro degrau parou. A voz argentina da senhora começou a dizer as primeiras palavras;

¹⁴⁶ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 729

era uma demanda. Baronesa! E o nosso Rubião ia descendo a custo, de manso, para não parecer que ficara ouvindo. O ar metia-lhe pelo nariz acima um aroma fino e raro, coisa de tontear, o aroma deixado por ela. Baronesa! Chegou à porta da rua; viu parado um *coupé*; o lacaio, em pé, na calçada, o cocheiro na almofada, olhando; fardados ambos... Que novidade podia haver em tudo isso? Nenhuma. Uma senhora titular, cheirosa e rica, talvez demandista para matar o tédio. Mas o caso particular é que ele, Rubião, sem saber por que, e apesar do seu próprio luxo, sentia-se o mesmo antigo professor de Barbacena...¹⁴⁷

A imagem cultivada por Rubião não o exime da antiga impressão de pobreza. Mesmo estando vestido segundo os padrões da alta classe carioca, o herdeiro cria uma figura maltrapilha de si mesmo como nos tempos em que era professor em Barbacena. Ainda que tenha ele, depois de herdar o capital de Quincas Borba, procurado assemelhar-se a um estrato social mais nobre e prestigiado, sem preocupar-se com os gastos que realizava em sua herança, não consegue se livrar do ranço provinciano de homem branco livre e paupérrimo. Rubião não entra no jogo da competição por capital, mas pela imagem que almeja fazer dele mesmo. No capítulo CVIII, Rubião recebe de Sofia uma subscrição destinada às vítimas das fortes chuvas nas Alagoas. O herdeiro predispõe de uma soma de cinco contos, quando, ao assinar, Palha lhe diz que tal quantia talvez fosse muito. Ele hesita e, quando o marido de Sofia lhe fala da contribuição de certo Bonfim que havia dado dez contos, o herdeiro sorri, ironicamente, e escreve o algarismo “um” à frente do número “cinco”. Palha se irrita e diz que ele poderia dar de sua herança o quanto lhe conviesse.

— Deste 5 pode-se fazer muito bem um 3. Três contos já é uma boa assinatura. Há maiores, mas são de pessoas obrigadas pelo cargo ou pelos milhões; o Bonfim, por exemplo, assinou dez contos.

¹⁴⁷ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 695

Rubião não pôde reter um risinho irônico; abanou a cabeça, e não recuou dos cinco contos. Só emendaria, escrevendo o algarismo 1 atrás, — quinze contos, — mais que o Bonfim.¹⁴⁸

A imagem que Rubião deseja criar respeita a lógica aristocrática do nobre que submete suas riquezas aos gastos. No capítulo LXXX, diante do tédio que o cercava, o herdeiro luta para aplacar seu marasmo e falta do que fazer. Para matar os dias longos e vazios, frequentava as sessões do júri e a câmara dos deputados. Dava grandes passeios e observava a passagem dos batalhões. Ao voltar para casa, deparava-se com o luxo rutilante e seus sonhos vagavam no ar. Lia romances históricos e continuava a procurar entre os autores as sociedades fidalgas, régias, cenas da corte francesa, além de condessas e duques. O herdeiro se atenta ao requinte, às aventuras e aos membros da antiga ordem moderna punindo seus inimigos com a espada.

Ultimamente, ocupava-se muito em ler; lia romances, mas só os históricos de Dumas pai, ou os contemporâneos de Feuillet, estes com dificuldade, por não conhecer bem a língua original. Dos primeiros sobravam traduções. Arriscava-se a algum mais, se lhe achava o principal dos outros, uma sociedade fidalga e régia. Aquelas cenas da corte de França, inventadas pelo maravilhoso Dumas, e os seus nobres espadachins e aventureiros, as condessas e os duques de Feuillet, metidos em estufas ricas, todos eles com palavras muito compostas, polidas, altivas ou graciosas, faziam-lhe passar o tempo às carreiras. Quase sempre, acabava com o livro caído e os olhos no ar, pensando. Talvez algum velho marquês defunto lhe repetisse anedotas de outras eras.¹⁴⁹

Embriagado pelos clichês das narrativas românticas, Rubião imagina, antes mesmo de arrumar uma noiva, como seriam suas bodas matrimoniais. Ele sonha com coches repletos de pompa, ricos e soberbos carros, esperando o imperador e seu préstito para saudar-lhe. Nesse dia, o

¹⁴⁸ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 734

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 712

herdeiro chegaria ao local do matrimônio em um veículo que não fosse vulgar, forrado magnificamente de um tecido incomum e guiado por uma parelha rara. O seu cocheiro estaria fardado de ouro, um tipo de metal aurífero jamais visto. Na cerimônia, “convidados de primeira ordem, generais, diplomatas, senadores, um ou dois ministros, muitas sumidades do comércio” e inúmeras damas. Carruagens e carruagens se apinhando em frente ao palácio de seu casamento, ele recebendo generosamente o conde e agradecendo à condessa as palavras “Senhor Rubião, a festa é esplêndida”.

Um desses outros, ou ainda algum menor, podia servir-lhe às bodas, se toda a sociedade não estivesse já nivelada pelo vulgar *coupé*. Mas, enfim, iria de *coupé*; imaginava-o forrado magnificamente, de quê? De uma fazenda que não fosse comum, que ele mesmo não distinguiu, por ora; mas que daria ao veículo o ar que não tinha. Parelha rara. Cocheiro fardado de ouro. Oh! mas um ouro nunca visto. Convidados de primeira ordem, generais, diplomatas, senadores, um ou dois ministros, muitas sumidades do comércio; e as damas, as grandes dunas? Rubião nomeava-as de cabeça; via-as entrar, ele no alto da escada de um palácio, com o olhar perdido por aquele tapete abaixo, — elas atravessando o saguão, subindo os degraus com os seus sapatinhos de cetim, breves e leves, — a princípio, poucas, — depois mais, e ainda mais. Carruagens após carruagens... Lá vinham os condes de Tal, um varão guapo e uma singular dama... "Caro amigo, aqui estamos", dir-lhe-ia o conde, no alto; e, mais tarde, a condessa: "Senhor Rubião, a festa é esplêndida..."¹⁵⁰

De repente, em sua vertigem, Rubião se vê em “meias roxas de monsenhor”, com “grandes olhos napolitanos”, conversando com o ministro da Rússia. O herdeiro imagina um lustre de cristal e ouro iluminando as mais belas damas com leques. Além das mulheres em grande pompa, enxerga muitos cavalheiros vestidos de forma distinta e com insígnias reais. Todos ali presentes

¹⁵⁰ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 712-13

em um espaço de luxo ensoberbado esperando pela valsa de muitos pares e ceia esplêndida. A mesa repleta de cristais do império boêmio, louça austríaca bem como a criadagem fardada e ágil em servir com as iniciais de Rubião na gola.

De repente, o internúncio... Sim, esquecer-se que o internúncio devia casá-los; lá estaria ele, com as suas meias roxas de monsenhor, e os grandes olhos napolitanos, em conversação com o ministro da Rússia. Os lustres de cristal e ouro alumando os mais belos colos da cidade, casacas direitas, outras curvas ouvindo os leques que se abriam e fechavam, dragonas e diademas, a orquestra dando sinal para uma valsa. Então os braços negros, em ângulo, iam buscar os braços nus, enluvados até o cotovelo, e os pares saíam girando pela sala, cinco, sete, dez, doze, vinte pares. Ceia esplêndida. Cristais da Boêmia, louça da Hungria, vasos de Sèvres, criadagem lesta e fardada, com as iniciais do Rubião na gola.¹⁵¹

Rubião ainda faz parte de um mundo em que as amizades, a adoração dos objetos, os serviços de mão-de-obra livre encarregados dos afazeres domésticos, as insígnias de prestígio, as indicações políticas, a ajuda aos necessitados e a circulação da notícia se dão de forma distinta. Diferente da vida na colônia, universo da lei do senhor e lugar de pouca ingerência do Estado português, as normas do convívio social burguês se pautam na competição e subtração do capital alheio. Contudo, as investidas dos arrivistas não são evidentes nem descaradas, elas prezam pela menor obviedade e sutileza, ambiguidade e dissimulação. Rubião não se encontra familiarizado com o conjunto de normas burguesas a ponto de discriminá-las, identificando seus meios e artifícios na fala das personagens que o rodeiam.

A reificação do indivíduo depende de seu estranhamento em relação ao conjunto de normas que mascaram interesse, oportunismo e expropriação. Em *A sociedade de corte*, Norbert

¹⁵¹ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 713

Elias trata das particularidades que marcam a figuração dos nobres na corte francesa de Luís XIV. Segundo o historiador, a atitude da aristocracia se diferencia da conduta burguesa por impor a prática do capital burguês uma disciplina de acúmulo constante que inexistia na tradição nobiliárquica. Em relação aos ganhos e ao dispêndio, continua Norbert Elias, não há na consciência do homem nobre qualquer preocupação com as despesas. Inexistia na sociedade de corte a postura capitalista de reduzir os gastos e maximizar o lucro. Não que houvesse nele uma atitude irracional no uso das rendas, uma lógica descontrolada das finanças, mas sim a perpetuação de outro paradigma diferente da mentalidade materialista. Enquanto este se dedica a juntar cada parte de seus lucros e reinvestir o excedente em uma atividade que lhe gere mais riquezas, o homem da corte aplica seus rendimentos nos negócios que lhe resultam prestígio, requinte, luxo e distinção. O *ethos* do indivíduo burguês forma-se segundo as regras de máxima vantagem e menor receita, mantendo “sempre que possível o consumo diário abaixo do nível que se recebe”.¹⁵² Na sociedade de corte, alguém que não pode suportar as despesas que lhe rendem maior prestígio, reconhecimento e imagem grandiloquente, perde seu *status*. Assim, o gasto por prestígio destoava da conduta burguesa do consumo da empresa capitalista, uma vez que a obtenção de bens no mundo da nobreza representa mera segurança da posição social de uma família. Quanto maior a semostração e o cultivo das aparências, tanto mais os nobres adentram para o mundo da corte e se tornam figuras mais próximas do rei.

Mesmo entre os aristocratas, havia uma estratificação dessa parte da sociedade de corte. Os mais ricos e os menos abastados competiam constantemente para derrubar uns aos outros, impondo uma lógica de luta constante por maior prestígio e diferenciação entre os membros da nobreza. A ideia era fazer com que o rei exercesse seu papel de dominação e poder ao receber ou

¹⁵² ELIAS, Norbert. Particularidades da figuração aristocrática de corte. In: *A sociedade de corte*. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.85

rejeitar títulos de nobreza, ao reconhecer as famílias de grande rendimento e condenar ao esquecimento as que haviam empobrecido ao longo de gerações.

O longo reinado de Luís XIV contribui muito para que a rigidez e o rigor específicos, suscitados pelo uso constante da diferenciação de ordens e de níveis sociais como instrumentos de dominação do rei, tornem-se perceptíveis também nos pensamentos e na sensibilidade dos próprios grupos, como um traço de caráter essencial de suas convicções. Graças a tal enraizamento nas convicções, nas valorações e nos ideais dos súditos – da competição acirrada em termos de nível, status e prestígio –, as tensões e os ciúmes surgidos e exacerbados entre as diferentes ordens e níveis sociais, e especialmente entre as elites rivais dessa sociedade articulada hierarquicamente, reproduziam-se como uma máquina em movimento vazio, renovando-se sempre.¹⁵³

Ao mesmo tempo que a burguesia acumula riquezas, Norbert Elias sublinha que a ascensão e queda das famílias nobres faziam parte de um conjunto de valores e de regras que não era imposto pelo rei. As tensões, os ciúmes e as disputas por maior *status* geravam rivalidades que, em rigor, mais contribuía para a conduta aristocrática do que a abalava. Houve casos de inúmeros indivíduos burgueses que, em busca de maior distinção social, compraram títulos de nobreza a fim de serem reconhecidos como membros da corte. Uma vez entre os aristocratas, os antigos homens ricos do capital e acumuladores de riquezas teriam que deixar suas atividades de rendimento para se dedicarem ao costume da sociedade de corte. Como uma das características do mundo aristocrático, o trabalho não era símbolo de fidalguia e, além disso, segundo o historiador, depreciava os valores da realeza e de seus nobres vassalos.

¹⁵³ ELIAS, Norbert. Particularidades da figuração aristocrática de corte. In: *A sociedade de corte*. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 89

O que foi dito aqui sobre a sociedade de corte permite uma melhor compreensão das relações entre estruturas de dominação, estruturas sociais e juízos de valor. Trata-se de uma sociedade na qual a posse de um título de nobreza é mais valiosa, para quem cresce ali, do que a posse de uma riqueza acumulada; na qual pertencer à corte do rei ou mesmo ter o privilégio de comparecer à presença do rei – de acordo com as estruturas de poder existentes – é algo extraordinariamente importante na escala dos valores sociais.¹⁵⁴

O desejo constante de parecer ser, baseado nos valores e esplendor das fórmulas nobres de prestígio, revela-se constante na conduta de Rubião. No romance *Quincas Borba*, o herdeiro desde que toma posse de seu legado busca *status* e procura dar forma a sua mania de grandeza. Dentro da sociedade carioca oitocentista, o ricaço das Minas não hesita em receber em sua casa luxuosa homens que se mostrassem reverentes ao requinte de seus banquetes, ou às suas aparências. Freitas, Carlos Maria, Palha, Sofia e tantos outros convivas deviam ser para Rubião testemunhas de sua ostentação e distinção. Contudo, Rubião não percebe que se encontra deslocado na corte do Rio de Janeiro. Ele não entende que representa uma mentalidade própria do mundo antigo, além de estar cercado de arrivistas. Em alguns momentos, “apesar do seu próprio luxo, sentia-se o mesmo antigo professor de Barbacena...”; em outros, atendia aos interesses pecuniários de Palha sendo quem era.

O velho mundo da tradição, venerado pelo herdeiro, encontrava-se, já no final dos oitocentos, sob a ação do capital financeiro. Ele se situa entre a lógica de vida da província e a da corte, mais precisamente, na supressão dos costumes do campo e no nascimento dos tipos de relações sociais mais objetivadas pelo dinheiro na cidade. Como vítimas desse processo, estão

¹⁵⁴ ELIAS, Norbert. Particularidades da figuração aristocrática de corte. In: *A sociedade de corte*. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 94

também as personagens secundárias Major Siqueira e Tonica, excluídos da ordem social.¹⁵⁵ Certo dia, Rubião se encontra com o Major Siqueira e sua filha, D. Tonica. O velho reformado critica a conduta de Palha, pois o antigo companheiro agora vivia nas grandezas e se relacionando apenas com gente endinheirada. Relata ao herdeiro que, uma vez, viu a mulher do ex-amigo em um *coupé* e ela fingiu não vê-lo, sem deixar de arranjar “os olhos de modo que percebesse se eu a via, se a admirava”.

Ora o Palha, um pé-rapado! Já o envergonho. Antigamente: major, um brinde. Eu fazia muitos brindes, tinha certo desembaraço. Jogávamos o voltarete. Agora está nas grandezas; anda com gente fina. Ah! vaidades deste mundo! Pois não vi outro dia a mulher dele, num *coupé*, com outra? A Sofia de *coupé*! Fingiu que me não via, mas arranjou os olhos de modo que percebesse se eu a via, se a admirava. Vaidades desta vida! Quem nunca comeu azeite, quando come se lambuza.¹⁵⁶

Rubião, ao ouvir toda a indignação do pai de D. Tonica, trata-o com simpatia sem deixar de defender Palha e Sofia. O major treveja sentimento de rejeição e raiva, injustiça e inconformismo, diante da perceptível exclusão que Palha havia imposto a ele e a sua filha. Siqueira conta magoado o fato de não terem se importado com a doença da filha. O pai de Tonica ressalta de forma angustiada e triste a desonestidade do casal.

¹⁵⁵ Parece não estar dissolvida a ideia de que a mentalidade do migrante, saudosa ou não da província, incorre no deslocamento de seus hábitos e sentimentos ao se encontrar na cidade. O desejo do provinciano é voltar à cidadezinha e, nela, sair da escuridão, ou apagamento, sofrido por ele na vida das grandes cidades. Como apenas mais um em meio a muitos, o homem do campo sente a necessidade, de tornar sua condição abastada e opulenta visível a todos. Assim, o homem retorna da cidade ao campo para inspirar em todos profundo respeito. Contudo, no romance *Quincas Borba*, a busca pelo prestígio e grandeza em Rubião toma o espaço da corte, centro de toda província imperial no século XIX. É na capital do Império brasileiro, realizando Rubião o percurso da província à corte, que as formas nascentes do capital destroem a simbologia do universo do campo. Sobre a mecanização do campo e a vida do homem burguês da cidade retornando à província, ver: WILLIAMS, Raymond. Cidades e campos. In: *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 387-409

¹⁵⁶ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 756

— Mas, papai, pode não haver nada, interrompeu D. Tonica. Ela sempre me trata bem, e quando estive doente no mês passado, mandou saber pelo moleque, duas vezes...

— Pelo moleque! bradou o pai. Pelo moleque! Grande favor! "Moleque, vai ali à casa daquele reformado e pergunta-lhe se a filha tem passado melhor; não vou, porque estou lustrando as unhas!" Grande favor! Tu não lustras as unhas! tu trabalhas! tu és digna filha minha! pobre, mas honesta! Aqui o major chorou, mas suspendeu de repente as lágrimas. A filha, comovida, sentiu-se também vexada. Certo, a casa dizia a pobreza da família, poucas cadeiras, uma mesa redonda velha, um canapé gasto; nas paredes duas litografias encaixilhadas em pinho pintado de preto, uma era o retrato do major em 1857, a outra representava o *Veronês em Veneza*, comprado na Rua do Senhor dos Passos. Mas o trabalho da filha transparecia em tudo; os móveis reluziam de asseio, a mesa tinha um pano de crivo, feito por ela, o canapé uma almofada. E era falso que D. Tonica não lustrasse as unhas; não teria o pó nem a camurça, mas acudia-lhes com um retalho de pano todas as manhãs.¹⁵⁷

Diante de toda comoção e drama do major, defendendo a honra da filha e assumindo a condição pobre dos dois, Rubião prometeu que “lá iria jantar ‘um dia destes’”. O major traduz os modos amistosos de Rubião, em torno da promessa de uma visita, redarguindo de forma exasperada e ressentida ao herdeiro: “Jantar de pobre”. Rubião devolve a resposta áspera de Siqueira dizendo “não quero banquetes”.

Rubião tratou-os com simpatia. Não continuou a defender a gente Palha, para não desesperar o major. Pouco depois, despediu-se, prometendo, sem convite, que lá iria jantar "um dia destes".

— Jantar de pobre, acudiu o major; se puder avisar, avise.

— Não quero banquetes; virei quando me der na cabeça.

¹⁵⁷ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 757

Despediu-se. D. Tonica, depois de ir até o patamar, sem chegar à frente por causa dos sapatos, foi à janela para vê-lo sair.¹⁵⁸

Assim que o ricaço se foi, deixando a rua onde morava o major, D. Tonica entrou em casa com o pai. Ele se estendeu no canapé para reler o já tão conhecido *Saint-Clair das ilhas*. Siqueira retorna ao mundo tradicional do enredo de “*os desterrados da ilha da Barra*” para fugir de sua angústia presente.

Foi o primeiro romance que conheceu; o exemplar tinha mais de vinte anos; era toda a biblioteca do pai e da filha. Siqueira abriu o primeiro volume, e deitou os olhos ao começo do cap. II, que já trazia de cor. Achava-lhe agora um sabor particular, por motivo dos seus recentes desgostos: “Enchei bem os vossos copos, exclamou Saint-Clair, e bebamos de uma vez; eis o brinde que vos proponho. À saúde dos bons e valentes oprimidos, e ao castigo dos seus opressores. Todos acompanharam Saint-Clair, e foi de roda a saúde”.¹⁵⁹

Embebido no romance histórico de *Saint-Clair das ilhas*, o pai de Tonica vê a si mesmo dentro do enredo lido. Siqueira trazia de cor uma passagem da narrativa muito semelhante à sua condição de oprimido e excluído. Logo em seguida, D. Tonica sugere ao pai que eles comprem “umas latas de conserva, ervilha, peixe e etc” para deixá-las esperando por Rubião. O pai contesta que somente há dinheiro para o vestido da filha. No entanto, ela logo propõe sacrificar a compra da vestimenta, que já havia sido encomendada, para que eles pudessem oferecer um jantar melhor.

— Sabe de uma coisa, papai? Papai compra amanhã latas de conserva, ervilha, peixe, etc., e ficam guardadas. No dia em que ele aparecer para jantar, põe-se no fogo, é só aquecer, e daremos um jantarzinho melhor.

¹⁵⁸ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 757

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 757

- Mas eu só tenho o dinheiro do teu vestido.
- O meu vestido? Compra-se no mês que vem, ou no outro. Eu espero.
- Mas não ficou ajustado?
- Desajusta-se; eu espero.
- E se não houver outro do mesmo preço?
- Há de haver; eu espero, papai.¹⁶⁰

As parcas condições econômicas de Siqueira e Tônica, antes dos avanços financeiros que Palha havia feito, não os impediam de freqüentar o círculo social de Sofia e seu marido. No entanto, com base nos investimentos em propriedade e acúmulo de capital, o antigo amigo e sua filha já não podiam participar das convivialidades do casal. Pessoas de estrato social mais baixo, sem prestígio e de nenhum *status* econômico não eram convenientes à mesa do capitalista. Parece interessante apontar que, no romance *Quincas Borba*, os jantares, os bailes e as agremiações simbolizam a lógica do interesse, mas também presenciam a formação dos negócios e empreendimentos. Sofia auxilia o marido a estabelecer os novos laços de convívio social e o ajuda a se desfazer das antigas relações familiares, “algumas tão íntimas que dificilmente se poderiam dissolver, mas a arte de receber sem calor, ouvir sem interesse e despedir-se sem pesar”. Assim, à medida que o casal ascende econômica e socialmente, “pobres criaturas modestas”, sem educação de sala, ou singelas demais, são pouco a pouco excluídas do rol das amigadas de Palha e Sofia.

Foi assim que a nossa amiga, pouco a pouco, espanou a atmosfera. Cortou as relações antigas, familiares, algumas tão íntimas que dificilmente se poderiam dissolver; mas a arte de receber sem calor, ouvir sem interesse e despedir-se sem pesar, não era das suas menores prendas; e uma por uma, se foram indo as pobres criaturas modestas, sem maneiras, nem vestidos, amigadas de pequena monta, de pagodes caseiros, de hábitos singelos e sem elevação. Com os homens fazia

¹⁶⁰ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 758

exatamente o que o major contara, quando eles a viam passar de carruagem, — que era sua, — entre parênteses. A diferença é que já nem os espreitava para saber se a viam. Acabara a lua-de-mel da grandeza; agora torcia os olhos duramente para outro lado, conjurando, de um gesto definitivo, o perigo de alguma hesitação. Punha assim os velhos amigos na obrigação de lhe não tirarem o chapéu.¹⁶¹

Contudo, a ascensão sócio-econômica de Palha e Sofia não marca apenas a exclusão de alguns indivíduos de seus círculos de amizade. Há aqueles que adentram a lógica da luta pela autoconservação e, conseqüentemente, podem representar a supressão das antigas formas da vida colonial pelas normas sociais decorrentes do aparecimento da burguesia comercial e financeira.

D. Maria Augusta, mãe de uma personagem secundária, Maria Benedita, pode ser vista como símbolo da decadência do mundo tradicional. Como a tia de Sofia mantinha suas origens na vida da província, relutava constantemente para que a filha permanecesse com ela no campo. De tanto Palha e sua mulher insistirem, D. Maria Augusta, de maneira ainda ressentida, acaba deixando a filha com o casal na corte. Ao contrário de Tonica, na luta pela sua autoconservação, Maria Benedita imprimiu força e determinismo na educação de sala. Depois de vencer a teimosia da mãe, mostra-se disposta a aprender “piano e francês, rabeça e até russo”. O primo insiste com a tia, impregnada pelos costumes da casa-grande, de que por mais supérfluas que parecessem tais prendas eram o mínimo que uma educação de sala exigia.

No dia seguinte, Maria Benedita declarou à prima que estava pronta a aprender piano e francês, rabeça e até russo, se quisesse. A dificuldade era vencer a mãe. Esta, quando soube da resolução da filha, pôs as mãos na cabeça. Que francês? que piano? Bradou que não, ou então que deixasse de ser sua filha; podia ficar, tocar, cantar, falar cabinda ou a língua do diabo que os levasse a todos. Palha é

¹⁶¹ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 761

que a persuadiu finalmente; disse-lhe que, por mais supérfluas que lhe parecessem aquelas prendas, eram o mínimo dos adornos de uma educação de sala.¹⁶²

A mãe de Maria Benedita insiste dizendo que havia criado sua filha na roça e era para aquele mundo que a preparava. Palha rebate o argumento da tia dizendo que os pais não podem adivinhar para que criam os filhos. Ele pondera afirmando que ninguém vive para sempre e, além do mais, os negócios no campo já se encontram em decadência. O marido de Sofia fala das qualidades morais da prima e diz que ela poderia viver, em caso de faltar a família, da renda de ensinar francês e piano. Poderia até Maria Benedita arrumar um marido rico na corte.

— Para a roça? Quem sabe lá para que cria os filhos? Meu pai destinava-me a padre; é por isso que arranho algum latim. A senhora não há de viver sempre; os seus negócios andam atrapalhados. Pode acontecer que Maria Benedita fique ao desamparo... Ao desamparo, não digo; enquanto vivermos somos todos uma só pessoa. Mas não é melhor prevenir? Podia ser até que, se lhe faltássemos todos, ela vivesse à larga, só com ensinar francês e piano. Basta que os saiba para estar em condições melhores. É bonita, como a senhora foi no seu tempo; e possui raras qualidades morais. Pode achar marido rico. Sabe a senhora se já tenho alguém em vista, pessoa séria?¹⁶³

Não muito tempo depois, Maria Benedita tem seu casamento arranjado por Dona Fernanda, mulher de Teófilo, um burocrata do Império, e amiga de Sofia e Palha. O capitalista cede às tramas de D. Fernanda, pois, a moça, além de desamparada e sozinha depois da morte da mãe, torna-se uma agregada na casa dos primos. Assim, Maria Benedita, sem decidir por si mesma, recém-introduzida ao espaço da sala burguesa, torna-se objeto das decisões de Palha. O

¹⁶² ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 700

¹⁶³ *Ibidem*, p. 700-01

primo retoma a ideia de um marido rico e trata o assunto como “bom negócio”. Ele aceita ceder a mão de sua prima ao pedido de casamento de Carlos Maria, muito embora quisesse casá-la com Rubião. Depois que o relacionamento se arranja, Palha avalia que ela tinha se apoderado de um bom noivo, já que ele estava em “posse de todos os bens do pai e da mãe”. Maria Benedita, ao contrário, não possui nada em dinheiro, “mas tem a educação que lhe dei”. Segundo Palha, a moça “era um bicho-do-mato; não sabia quase nada; fui eu que a eduquei”.

Ele parece bom rapaz; ela é excelente criatura; hão de ser felizes, por força. É bom negócio, sabe? Ele está de posse de todos os bens do pai e da mãe. Maria Benedita não tem nada, em dinheiro; mas tem a educação que lhe dei. Há de lembrar-se que, quando veio para minha companhia, era um bicho-do-mato; não sabia quase nada; fui eu que a eduquei. Minha tia merecia tudo, e ela também.¹⁶⁴

O casamento de Maria Benedita implica de vez a exclusão de Rubião do círculo social dos arrivistas, pois o herdeiro, depois do matrimônio da prima, não serviria mais ao sócio. Palha descarta o antigo plano de unir Maria Benedita a Rubião, forma permitida pela norma da família burguesa oitocentista para atrelar as relações afetivas com as vantagens nos negócios. Assim, a consciência do herdeiro não compreende que, segundo a própria alegoria humanista, que lhe foi ensinada, “Humanitas precisa comer”. Ao contrário do casal Palha e Sofia, personagens que partiram em busca do acúmulo de propriedade e lucros, Rubião não sabia como administrar na cidade seu capital e muito menos lidar com os novos contratos impostos pela vida conjugal arranjada, norma estipulada pelo interesse e não pelo desejo. Já em um estágio muito avançado dos negócios mal arranjados de Rubião, o capitalista lhe propõe uma sociedade.

¹⁶⁴ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 742

Rubião é sócio do marido de Sofia, em uma casa de importação, à Rua da Alfândega, sob a firma Palha & Cia. Era o negócio que este ia propor-lhe, naquela noite, em que achou o Dr. Camacho na casa de Botafogo. Apesar de fácil, Rubião recuou algum tempo. Pediam-lhe uns bons pares de contos de réis, não entendia de comércio, não lhe tinha inclinação. Demais, os gastos particulares eram já grandes; o capital precisava do regímen do bom juro e alguma poupança, a ver se recobrava as cores e as carnes primitivas.¹⁶⁵

O sentimento de posse e a busca por prestígio impedem Rubião de enxergar a luta que se trava em torno de seu capital. À parte e alienado em relação aos investimetnos que o amigo Palha havia realizado com seu dinheiro, Rubião desconhece todo e qualquer tipo de cálculo feito pelo “zangão da praça” e se perde nas contas do “amigo”. Ademais, os gastos particulares de Rubião já demonstravam ter corroído “as cores e as carnes primitivas” de seu cabedal. Por isso, expõe o narrador, que, conforme Palha o aconselha, segundo o processo de acumulação monetária, era preciso por seu dinheiro em marcha e fazê-lo render.

O regímen que lhe indicavam não era claro; Rubião não podia compreender os algarismos do Palha, cálculos de lucros, tabelas de preço, direitos da alfândega, nada; mas, a linguagem falada supria a escrita. Palha dizia coisas extraordinárias, aconselhava ao amigo que aproveitasse a ocasião para pôr o dinheiro a caminho, multiplicá-lo. Se tinha medo, era diferente; ele, Palha, faria o negócio com John Roberts, sócio que foi da casa Wilkinson, fundada em 1844, cujo chefe voltou para a Inglaterra, e era agora membro do Parlamento.¹⁶⁶

A evidência mais brutal de que Rubião é tido como ser à parte da lógica capitalista financeira decorre de sua incompreensão quanto à burocracia da empresa Palha & Cia. na produção, acúmulo e aplicação do dinheiro. Rubião não digere os lucros, as tabelas de preço, nem

¹⁶⁵ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 702

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 703

os direitos de alfândega. A máxima de que “Humanitas precisa comer” retorna à cena, pois a composição alegórica humanitista, até então pouco manifesta, revela o regime da disputa pelo capital. As metáforas da “devoração”, da “luta das duas tribos” e “das cores e das carnes primitivas” corroídas aludem tanto à filosofia humanitista quanto à forma empresa Palha & Cia. O negócio do especulador se esconde na fórmula do Humanitismo pela ascensão econômica a qualquer custo e na transformação de Rubião em coisa. A transposição semântica, a de que “Humanitas precisa comer”, diz “a”, o regime da luta pela autoconservação por meio do aparente delírio do filósofo Quincas Borba, para significar “b”, a destruição trágica de Rubião que é o objeto a ser “devorado” por conta de sua herança. O criador do Humanitismo expõe sua teoria para abreviar a luta dos homens pela autoconservação. No capítulo VI do romance *Quincas Borba*, o criador da teoria humanitista assegura “esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem”. Em outras palavras, a figura bestial imaginada por Quincas Borba pode ser a própria síntese do indivíduo selvagem, não lei, mas a complexa norma social da luta pela autoconservação vigente a partir do século XIX no Brasil. Retomemos que as figuras da vítima e do carrasco, conforme expôs Quincas Borba no capítulo CXVII das *Memórias Póstumas*, revezam-se. Na província, Rubião é quem havia tirado proveito do criador do Humanitismo, uma vez que ele se beneficia da herança do filósofo. Já na corte, Palha e os arrivistas posfiguram Humanitas, e Rubião, além de ter seu cabedal tirado de si, é o objeto “coisificado”.¹⁶⁷

¹⁶⁷ Ao tratar da maneira como a cidade submete o campo no processo de produção econômica, Karl Marx descreve o domínio que o capitalismo exerceu sobre a natureza por meio do maquinismo, das ferrovias, da transformação do mundo rural e do submetimento da lógica de vida humana à acumulação selvagem do capital. Tal opressão da província pelo ritmo citadino dos centros urbanos promoveu vínculos sociais que se pautam apenas no dinheiro. Ver: MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução Sueli Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 31-34

Quincas Borba diz, por meio de uma máxima, “Nota que eu não faço do homem um simples veículo de Humanitas; não, ele é ao mesmo tempo veículo, cocheiro e passageiro”. O axioma borbista pode ser entendido segundo o preceito de que o herdeiro teria sido usado como instrumento do próprio homem. Assim, o herdeiro, no processo de coisificação, foi protagonista do enriquecimento de Palha. Logo após a abertura do empreendimento Palha & Cia, o sócio era conselheiro, depositário e procurador do amigo “Conhecia mais que o dono [Rubião], a soma total de bens, e assistia aos rombos feitos, na caravela, sem temporal, mar de leite”. Nas mãos do especulador estão ainda os alugueis e os recebimentos. Ao se tornar figura à parte de sua própria riqueza, Rubião atinge a condição de alienado e, por conseguinte, exposto a uma “normalidade” social de exploração do outro.

Palha era agora o depositário dos títulos de Rubião (ações, apólices, escrituras) que estavam fechados na burra do armazém. Cobrava-lhe os juros, os dividendos e os alugueis de três casas, que lhe fizera comprar algum tempo antes, a vil preço, e que lhe rendiam muito. Guardava também uma porção de moedas de ouro, porque Rubião tinha mania de as colecionar, para a contemplação.¹⁶⁸

Ao deixar aos cuidados de Palha tudo que tinha, não restará mais a Rubião nem mesmo as moedas de ouro, objetos de estima e contemplação. Todo capital investido na empresa Palha & Cia. era proveniente da liquidação da fortuna da herança que lhe havia sido deixada em testamento. A incompreensão de Rubião persiste e, desta vez, enciumado, é Palha quem, paradoxalmente, “alerta” sobre os abusos que andam submetendo Rubião, sobre o regime social da exploração enquanto conduta. A alusão à ideia de que “Humanitas precisa comer” é

¹⁶⁸ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p.734

reintroduzida pelos interesses falsos de Palha em salvaguardar o capital do herdeiro. Enquanto empresta seu dinheiro, os “devoradores” se sentam à mesa.

– Não, não faço nada; não dou os dez contos, atalhou ferosamente o Palha. Basta de ceder a tudo; o meu dever é resistir. Empréstimos seguros? Que empréstimos são esses? Não vê que lhe levam o dinheiro, e não lhe pagam as dívidas? Sujeitos que vão ao ponto de jantar diariamente com o credor, como um tal Carneiro que lá tenho visto. Dos outros não sei se lhe devem também; é possível que sim. Vejo que é demais. Falo-lhe por ser amigo; não dirá algum dia que não foi avisado em tempos. De que há de viver, se estragar o que possui? A nossa casa pode cair.¹⁶⁹

Do mesmo modo que Rubião não havia compreendido a alegoria humanitista, não digere a burocracia operante na casa de importação Palha & Cia. Em *Machado de Assis: impostura e realismo*, retomo aqui o argumento de John Gledson, a figura de Humanitas pode ser entendida como uma sátira política e social. Na concepção do crítico, a dissimulação das diferenças sociais e conflitos entre indivíduos constituem a causa do enredo.¹⁷⁰ Segundo a teoria humanitista, na luta pela autoconservação, algoz e vítima podem se assemelhar. O crítico destaca que tanto o casal Palha, quanto Rubião deseja as insígnias do estamento, nobiliarquia e certa “baronia”, porém o herdeiro, menos escolado, deixa-se levar pelos amores de Sofia, sua mania de grandeza e sua fixação por prestígio. Palha é o típico “zangão da praça” que, no final do romance, pode simbolizar a união entre o Estado e o capital financeiro, alinhavando as alianças que as elites político-econômicas requerem na constituição de uma sociedade mista, tradicional e burguesa. A formação da empresa Palha & Cia e a expropriação da herança de Rubião coincidem com os

¹⁶⁹ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 735

¹⁷⁰ GLEDSON, John. A política. In: *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.102-110

empreendimentos do governo para a realização da Guerra do Paraguai. Investimentos altamente lucrativos para o capital privado que, por respaldo e segurança da política econômica imperial, seriam pagos pelo governo mediante alta valorização. Segundo Raymundo Faoro, na sociedade oitocentista, há uma continuidade da burocratização das instituições privadas com o intuito de se apropriar do bem público.¹⁷¹ O poder político, assim, torna-se membro e filiado ao poder privado.

Para Raymundo Faoro, a sociedade brasileira – tal como a portuguesa, de resto – foi tradicionalmente moldada por um estamento patrimonialista, formado, primeiro, pelos altos funcionários da Coroa, e depois pelo grupo funcional que sempre cercou o Chefe de Estado, no período republicano. Ao contrário do que se disse erroneamente em crítica a essa interpretação, o estamento funcional governante, posto em evidência por Faoro, nunca correspondeu àquela burocracia moderna, organizada em carreira administrativa, e cujos integrantes agem segundo padrões bem assentados de legalidade e racionalidade. Não se trata, pois, daquele estamento de funcionários públicos encontrável nas situações de “poderio legal com quadro administrativo burocrático” da classificação weberiana, mas de um grupo estamental correspondente ao tipo tradicional de dominação política, em que o poder não é uma função pública, mas sim objeto de apropriação privada.¹⁷²

Ao discutir o fim da sociedade Palha & Cia, o “amigo” diz a Rubião “Você não vive do comércio; entrou com o capital necessário ao negócio” apenas. Ainda no capítulo CXXVIII, afirma ao amigo que ele poderia ter feito o que bem entendesse do dinheiro, “dá-lo a outro ou guardá-lo”. Embora Rubião comece a suspeitar da equação operante entre eles, ou seja, quanto menos dinheiro mais próximo do fim da amizade, Palha nega tal possibilidade. O provinciano

¹⁷¹ FAORO, Raymundo. A pirâmide e o trapézio. In: *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2001. p. 14-15

¹⁷² COMPARATO, Fábio Konder. Raymundo Faoro historiador. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 17, n. 48, ago. 2003.

acredita nos argumentos afetivos do capitalista. No dia que eles desfazem a sociedade, o herdeiro questiona se há algum motivo oculto ou razão para se separarem.

– Mas diga-me [diz Rubião] uma coisa, essa proposta [liquidação da sociedade] traz algum motivo oculto? é rompimento de pessoas, de amizade ... Seja franco, diga tudo ...

– Que caraminhola é essa? redarguiu o Palha. Separação de amizade, de pessoas... Mas você está tonto. Isto é do balanço do mar. Pois eu que tenho trabalhado tanto por você, eu que o faço amigo dos meus amigos, que o trato como um parente, como um irmão, havia de brigar à toa? (...) A gente pode romper um laço sem romper os outros. O contrário seria despropósito. Então todos os amigos de sociedade ou de família são sócios de comércio? E os que não forem comerciantes?¹⁷³

Rubião continua sem entender as palavras de Palha. As explicações de ordem sentimental do especulador mascaram mais uma vez os motivos reais da separação dos dois. No capítulo CXXIX, o narrador explica que não havia banco, nem lugar de diretor ou ainda proposta alguma. Palha precisava de uma desculpa razoável para justificar o desmembramento da empresa, já que a carreira do arrivista se tornava cada vez mais próspera. Ele já contava com os lucros de investimentos em ações, apólices de ouro vindas do empréstimo Itaboraí, o recebimento de dois fornecimentos para a Guerra do Paraguai e uma sociedade com um poderoso capitalista. Não queria dividir nada com o amigo

Não havia banco, nem lugar de diretor, nem liquidação; mas, como justificaria o Palha a proposta de separação, dizendo a pura verdade? Daí a invenção, tanto mais pronta, quanto o Palha tinha amor aos bancos, e morria por um. A carreira

¹⁷³ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 755-56

daquele homem era cada vez mais próspera e vistosa. O negócio corria-lhe largo; um dos motivos de separação era justamente não ter que dividir com outro os lucros futuros. Palha, além do mais, possuía ações de toda a parte, apólices de ouro do empréstimo Itaboraí, e fizera uns dois fornecimentos para a guerra, de sociedade com um poderoso, nos quais ganhou muito.¹⁷⁴

A justificativa dada por Palha, para explicar o rombo feito no capital do amigo, é a de que Rubião nutre, em sua conduta, uma mania de grandeza cara. Ela é tomada como causa de sua ruína financeira, proveniente da fixação por prestígio e *status* que o herdeio mantém. Ele teria dilapidado seu próprio dinheiro por submeter seu capital aos gastos descomedidos, às formas de semostração, capricho e ostentação. Assim, o processo de alienação social se aprofunda, uma vez que os arrivistas se aproveitam da cisão que há entre a compreensão normativa da exploração burguesa e os valores remanescentes da província. Por fim, escondem a diferença de conduta social enquanto podem tirar proveito do outro, mas, imediatamente, ao concretizarem a exploração, caso de Palha, Sofia, Camacho e Rubião, retomam a norma da exclusão do indivíduo dissimulando o cálculo realizado.

¹⁷⁴ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 755-56

Capítulo IV

Filosofia e tragédia: norma social e lei de Humanitas

Conceitos da medicina e ciências naturais oitocentistas adentram o sistema humanitista. O corpo, enquanto metáfora para a fundamentação do sistema borbista, associado à sua própria desintegração, é objeto utilizado por Quincas Borba a fim de fazer valer sua teoria. No capítulo VI, o criador da teoria do Humanitismo apresenta as pestes que assolam a terra como um princípio de caráter benéfico à humanidade. Não somente porque elimina os mais débeis, mas, sobretudo, por dar lugar também a estudos de observação médica e a descobertas de drogas curativas. Os incapazes de resistência são logo suprimidos e, dessa forma, continua Quincas Borba, tem-se uma seleção de indivíduos acompanhada de conhecimento. O filósofo do Humanitismo afirma que a higiene é filha das podridões seculares, embora não exista algo mais “contristador que uma dessas terríveis pestes”. As vantagens de uma sociedade asséptica devem muito aos milhares de sujeitos infectos e decompostos na história das “podridões seculares”. Assim, haveria uma profilaxia redentora que descende da degradação do meio.

Aparentemente, não há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares; devemos-la a milhões de corrompidos e infectos. Nada se perde, tudo é ganho.¹⁷⁵

Os organismos inaptos e sem resistência desencadeiam a observação, a descoberta e a droga curativa. Portanto, os “milhões de corrompidos e infectos” são úteis, e deles “Nada se

¹⁷⁵ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 649

perde, tudo é ganho”. O trecho argumentativo da filosofia humanitista, instrumentalizado por Quincas Borba, estabelece relação com outra passagem do romance. Ao relatar o episódio do casamento de Maria Benedita e Carlos Maria, o narrador também instrumentaliza a lógica humanitista de que as catástrofes são úteis.

Devido a uma epidemia ocorrida em Alagoas, algumas mulheres da elite carioca decidem formar uma comissão. Em uma dessas reuniões, Maria Benedita e Dona Fernanda se encontram e criam vínculos de amizade enquanto realizavam tarefas relacionadas ao trabalho solidário. Dona Fernanda, prima de Carlos Maria, logo arranja um jeito de torná-los conhecidos um do outro até que os dois se casam. De modo irônico, o narrador determina de forma arbitrária uma relação de causa e efeito entre o episódio das Alagoas e o casamento dos personagens, entre o fenômeno da ordem da natureza e o da cultura. O surto epidêmico no nordeste brasileiro, causa da junção amorosa, segundo o narrador, revela que “as catástrofes são úteis, e até necessárias”. É interessante notar que a concepção de tragédia é absurdamente posta como razão do fortúnio nas relações sociais. Segundo o narrador, teria sido necessário o sofrimento de muitos a fim de que Maria Benedita triunfasse. No entanto, a objetivação que Quincas Borba faz das podridões, com o intuito de dar lógica à higiene social, é subsumida pela ironia e sarcasmo do narrador. Para tanto, conforme é contado ao leitor, “sobejam exemplos; mas basta um contoquinho que ouvi em criança, e que aqui lhes dou em duas linhas”.

Certa vez, uma mulher muito pobre que morava à beira de uma estrada, chorava pela má sorte. Seu único bem era uma choupana velha. A humilde morada da simples senhora ardia em chamas, quando, sentada no chão, viu um homem ébrio passar por ela. Ele lhe pergunta se a casa era dela, ao que ela lhe responde “É minha, sim, meu senhor; é tudo o que eu possuía neste mundo”. O homem, de repente, olha a velha e indaga: “Dá-me então licença que acenda aqui o

meu charuto?”. O narrador termina o pequeno conto dizendo que o padre que lhe transmitiu o acontecimento por certo acrescentou algo ao texto original, entretanto, aumentado ou não o enredo pelo padre Chagas, a catástrofe não deixa de preponderar na ordem das relações sociais. Além do fim trágico presente na cena, a alegoria do casebre se consumindo em chamas faz parte da memória de infância do narrador que, insensível ao infortúnio de outrem, conclui indiferentemente que o homem se aproveita das “misérias alheias”, para beneficiar a si mesmo. Do mesmo modo, Maria Benedita e Dona Fernanda, que cuidavam das vítimas da peste das Alagoas, estavam acendendo o seu charuto nas misérias alheias, isto é, travando relações contratuais de casamento em cenário devastador de peste.

A história do casamento de Maria Benedita é curta; e, posto Sofia a ache vulgar, vale a pena dizê-la. Fique desde já admitido que, se não fosse a epidemia das Alagoas, talvez não chegasse a haver casamento, donde se conclui que as catástrofes são úteis, e até necessárias. Sobejam exemplos; mas basta um contozinho que ouvi em criança, e que aqui lhes dou em duas linhas. Era uma vez uma choupana que ardia na estrada; a dona – um molambo de mulher, – chorava o seu desastre, a poucos passos, sentada no chão. Senão quando, indo a passar um homem ébrio viu o incêndio, viu a mulher, perguntou-lhe se a casa era dela.

– É minha, sim, meu senhor; é tudo o que eu possuía neste mundo.

– Dá-me então licença que acenda aqui o meu charuto?

O padre que me contou isto certamente emendou o texto original; não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias.¹⁷⁶

O trecho final da alegoria da choupana incendiada torna-se dramático quando a “ruína” da pobre mulher é colocada pelo narrador em função dos interesses do homem. O tom irônico do narrador, ao compor uma cena de miséria ao mesmo tempo que descreve “um molambo de

¹⁷⁶ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 743-44

mulher”, além de evidenciar de forma sarcástica o mau estado físico da vítima, debocha de sua inércia. Dessa forma, o clímax da catástrofe aponta para um erro de cálculo dela, uma vez que, mesmo diante de seu pedido indireto de ajuda “é tudo que eu possuía neste mundo”, a atitude do homem é de extrema crueldade. O riso decorrente do episódio trágico é mordaz, acre e melancólico.

Em *Poétique de l'ironie*, Pierre Schoentjes entende que uma das características da ironia romântica está em evidenciar a ilusão dos indivíduos ao tornar crua a brutalidade, a indiferença e insensibilidade para com a dor humana.¹⁷⁷ No episódio trágico da choupana em chamas, a cruel atitude do homem é o que move o narrador para retomar a alegoria de que “Humanitas precisa comer” agora por meio de que a ruína humana é a própria substância de vida para o homem. Na catástrofe das Alagoas, a concepção de tragédia, filiada ao casamento de Maria Benedita, torna a ideia de que o homem se aproveita do semelhante aplicável ao sistema social. A alegoria, assim, ilustra a lógica cruel que a teoria humanitista imprime nos homens. O episódio induz o leitor a pensar que a higiene do mundo moderno, ou o casamento burguês, provém das “catástrofes”.

A agudeza da ironia não se esgota com o fim do apólogo trágico. O narrador acrescenta que ouviu de um padre, chamado Chagas, o tal conto do casebre incendiado. O patronímico apresenta a ideia de ferida por meio do homônimo “chagas”. Assim, o leitor é levado a associar ao nome próprio do clérigo termos tais como “ferida aberta”, “lesão” e “putrefação”. Vocábulos que contrastam não somente com a lógica higiene, mas aludem às “podridões seculares” de Quincas Borba. No caso das Comissão das Alagoas, a catástrofe natural é o meio pelo qual as mulheres, na ordem burguesa carioca, encontram para lidarem com a impossibilidade de emancipação econômica por meio do trabalho. De forma irônica, o narrador recorre ao desastre e à dor alheia,

¹⁷⁷ SCHOENTJES, Pierre. *L'ironie romantique*. In: *Poétique de l'ironie*. Paris: Seuil, 2001. p. 111-118

algo que o tal “Bom Padre Chagas” passou a ele, a fim de ilustrar a tragédia natural com o infortúnio social da mulher. Com isso, o padre Chagas transmite ao narrador uma história tida como fictícia, entretanto, carregada de um determinismo profundamente drástico das coisas.

Bom Padre Chagas! – Chamava-se Chagas. - Padre mais que bom, que assim me inculciste por muitos anos essa idéia consoladora, de que ninguém, em seu juízo, faz render o mal dos outros; não contando o respeito que aquele bêbado tinha ao princípio de propriedade, – a ponto de não acender o charuto sem pedir licença à dona das ruínas. Tudo idéias consoladoras. Bom Padre Chagas!¹⁷⁸

A ironia se repete de forma aguda na imagem das ruínas do casebre incendiado, conseqüentemente, por servir de instrumento ao charuto. Os destroços da pequena morada oferecem o fogo que o homem necessitava. Além disso, o narrador é debochado e, ao mesmo tempo, amargo com o cristianismo. Ele ironiza a figura do padre, uma vez que o clérigo pode ser visto como sinédoque, parte pelo todo, da religião cristã. No capítulo XVIII do romance *Quincas Borba*, o criador da filosofia humanista afirma que “Tão certo é que a paisagem depende do ponto de vista, e que o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão”. A observação pode ser tomada como ironia fina, pouco inteligível a princípio, mas posteriormente desvendada por analogia ao episódio trágico da velha da choupana e do homem embriagado.

A concepção metafórica da devoração do casebre pelo fogo, desdobrando-se na forma exploratória de vida do outro que organiza o universo da narrativa de *Quincas Borba*, pode ser melhor compreendida de acordo com o estudo de Enylton de Sá Rego em *O calundu e a panacéia*.¹⁷⁹ O crítico, ao destacar na narrativa de Rubião o elemento cômico ao lado do trágico,

¹⁷⁸ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 744

¹⁷⁹ REGO, Enylton de Sá. *Paródia: tradição e inovação na obra de Machado*. In: *O calundu e a panacéia*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989. p. 166-82

influências da sátira menipeia em Machado de Assis, contribui para a explicação da justaposição do riso e do funesto na obra do romancista. A expressão “molambo de mulher” contrasta com o sarcasmo de a “dona das ruínas”, aproximando assim de forma cáustica o tom humorado do elemento trágico. Contudo, talvez acrescentemos ao estudo do estudioso, a concepção de que, em *Quincas Borba*, o trágico das experiências sociais prepondera sobre o efeito cômico da descrição da pobre mulher. A alegoria conforma uma concepção mais funesta que humorada como estrutura da lógica da instrumentalização do outro no romance. A aproximação de temas catastróficos à escritura derrisória, melancólica já a apresentação da filosofia humanista, naturaliza a luta pela autoconservação em *Quincas Borba*.

No capítulo XLVII, o narrador conta sobre o passado de Rubião, iniciando os relatos da vida da antigo professor de Barbacena com “Lá iam longos anos”. Naquela época, o herdeiro do presente da narrativa era muito jovem e humilde. Um dia sai de casa, preocupado e desorientado, às oito horas da manhã, época em que morava com um amigo. Era hóspede de um conhecido e, na condição de um agregado, já era comparado a “um defundo de três dias”, por causar incômodo aos donos da casa e dar despesas. De forma grotesca e insensível, Rubião é comparado a um morto de dias, já à beira de quatro semanas. A indiferença sarcástica do narrador se aprofunda por meio do humor melancólico ao afirmar que, pelo menos nos climas quentes, os corpos sem vida cheiram muito mal. A ideia do corpo em decomposição e já putrefando é o incômodo mal cheiroso que revela de forma metafórica o deslocamento do homem livre e pobre na ordem escravocrata. Já caminhando algum tempo pelas ruas do Rio de Janeiro, Rubião se defronta com um agrupamento de pessoas em torno de dois supostos assassinos. Depois de lida a sentença, ele descobre que se tratava de dois negros, condenados, pondo-se em direção à forca. O herdeiro,

curioso, assim como Alípio diante do espetáculo de gladiadores, referência à imagem de Santo Agostinho, resiste e luta contra seu desejo de observar a execução trágica dos dois homens.¹⁸⁰

As “mãos de ferro lhe pegava da alma”, acrescidas pelo bicho que lhe roía as entranhas, tornaram Rubião também aterrorizado pela ação do algoz. Após o grito, o desmaio do herdeiro que acompanhava a atrocidade contra o escravo. Nesse trecho, a visão do episódio trágico, decorre ainda do sentimento de culpa que o recém-chegado rico das Minas teve depois de cortejar Sofia, mulher de seu amigo Palha, na noite de Santa Teresa. Há uma luta na consciência de Rubião que o leva a repetir “não posso, não devo, ia dizendo a si mesmo, não é bonito ir adiante”. Julgando a si mesmo cometer um delito e se perguntando, no capítulo XXVIII, “Mas que pecado é este que me persegue?” e “Que tentações são estas?”. Talvez fosse importante lembrar que, por conta do sentimento de culpa envolvendo Sofia, o herdeiro se põe a pensar sobre o trágico episódio do enforcamento. Ele, excluído como os negros, encontrava-se na figura de homem livre branco e pobre, exposto à condição de agregado.¹⁸¹ No romance *Quincas Borba*, capítulo CLXVII, o doutor Falcão, deputado e também médico, diagnostica uma possível causa da doença de Rubião “Era deputado o Dr. Falcão, deputado e médico, amigo da casa, varão sabedor, cético e frio. D. Fernanda tinha-lhe pedido o favor de examinar o Rubião [...]”. Para ele, o doente havia se tornado demente por conta de uma paixão amorosa não correspondida. Ele admite que,

¹⁸⁰ Em uma crônica de 16 de junho 1878, a imagem de Alípio, diante do espetáculo de gladiadores, lutando contra seu desejo de ver ou não a disputa violenta entre os que se encontravam na arena, parece já ter ocorrido na obra de Machado de Assis: “(...) sempre me há de lembrar Santo Agostinho. Conta o grande bispo que o seu amigo Alípio, seduzido a voltar ao anfiteatro, ali foi de olhos fechados, resoluto a não os abrir; mas o clamor das turbas e a curiosidade os abriram de novo e de uma vez, tão certo é que esses espetáculos de sangue alguma coisa têm que fascinam e arrastam o homem”. Ver: ASSIS, Machado de. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas GLEDSON, John; GRANJA, Lúcia. Campinas: Editora UNICAMP, 2008. p. 112-13

¹⁸¹ Maria Sylvania de Carvalho Franco aponta que, no Brasil oitocentista, homens como Rubião, pobres e livres, sujeitos à mercê das relações sociais mediadas pelo favor, sofrem o arbítrio dos mais poderosos na esfera privada e vivem em negociação constante para garantirem a sobrevivência. Assim, o homem livre e sem propriedade, em meio a um sistema político-econômico latifundiário de monoculturas agroexportadoras e escravos, não foi integrado à ordem mercantil. A questão do agregado propõe um debate *sui generis* nas relações de dominação e produção definidas no Brasil. Ver: FRANCO, Maria Sylvania de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1997., especialmente introdução, segundo e terceiro capítulos.

filiada a essa frustração, está o nome de Sofia, pois, o herdeiro já ensandecido, repetia constantemente não apenas as imagens de grandeza, mas, sobretudo, o nome da amada.

— D. Fernanda, creio que se amaram. Que admira? Eu mal a conheço; a senhora parece que não a conhece há muito tempo, nem viveu na intimidade dela. Pode ser que se tivessem amado, e que alguma paixão violenta... Suponhamos que ela o mandasse pôr fora de casa... É verdade que tem a mania das grandezas; mas tudo se pode juntar... ¹⁸²

Sobre a condição social de indivíduos tais como Rubião, Jurandir Freire Costa aponta que a constituição da família, ao longo principalmente da segunda metade do século XIX, passou a ver de forma negativa a presença de conhecidos sem grau de parentesco algum dentro do espaço da casa burguesa. De acordo com as novas acepções do sistema liberal escravagista, o Estado imperial procurou, progressivamente, desarticular o conceito de família proveniente da colônia. Assim, o núcleo da família, conforme a maior ingerência da medicina higienista, deveria se atentar a uma lógica de conduta muito diferente daquela vivida na casa-grande. A presença de indivíduos sem laços consanguíneos, a relação extraconjugal e os atos de fornicação em prostíbulos da cidade tornariam-se, baseado no ponto de vista da nova ordem familiar nos oitocentos, possíveis fontes de patologia biológica e social. Além disso, a universalização de novos costumes morais e comportamentais era de extrema importância para a constituição do poder central, uma vez que a concepção burguesa nas sociedades modernas valorizava a centralidade do poder não nas mãos da família no latifúndio, como ocorreu anteriormente no período colonial, mas sim na figura do Estado. ¹⁸³ Conforme a medicina higienista, a experiência

¹⁸² ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 782

¹⁸³ COSTA, Jurandir Freire. A cidade familiar. In: *Ordem médica e norma familiar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004. p. 48

da organização da vida colonial incentivava a promiscuidade e feria não apenas os princípios morais da família católico-cristã, mas fazia do corpo um ser impuro. Jurandir Freire Costa sublinha ainda que toda sorte de libertinagem, além de causar doenças venéreas como sífilis e cancro, era também considerada pelos médicos a fonte de inúmeras neuroses. Em outras palavras, os excessos de amor fora do casamento constituíam também uma variável na formação de febres adinâmicas, síncope, paralisias, apoplexias, convulsões, demências, gotas, epilepsia, córea física e todas as doenças identificadas pelo estudo da mente humana no século XIX. Conforme o estudioso, essas disfunções eram provocadas pela “luxuriosa Vênus” e, para muitos males, não havia retorno senão o fim trágico. Desta forma, a condenação que a consciência de Rubião faz a ele ecoa um tipo de pressuposto médico e moral nascente na época, classificando seu desejo por Sofia estranho à família e aos costumes burgueses. Em uma situação limite, o adultério era uma ação criminosa e atentava contra a proposta de purificação do seio familiar burguês.¹⁸⁴

A crise de consciência, no caso de Quincas Borba, decorrida da visão do espetáculo trágico da execução, encontra-se presente em outros momentos da obra de Machado de Assis. Em *O alienista* (1882), o personagem Simão Bacamarte retorna de Portugal onde passou anos estudando. Instala-se em Itaguaí a fim de investigar a verdadeira razão da loucura. Seu desejo é desvendar “a causa do fenômeno e o remédio universal” para a insanidade. Na pequenina cidade itaguaiense, o médico funda uma clínica e um reduto de estudos para o tratamento de doentes mentais. Conforme Simão Bacamarte, todo homem considerado insano deveria ser logo levado à Casa Verde e confinado a um tratamento criado pelo alienista. A causa da demência era o que mais movia o estudioso.

¹⁸⁴ COSTA, Jurandir Freire. A cidade familiar. In: *Ordem médica e norma familiar*. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004. p. 244

Em uma conversa com seu amigo, o boticário Crispim Soares, revela as razões que o levou a tratar dos desajuizados. Para expor sua motivação, supõe que a loucura deve possuir uma causa lógica e explicável.

— A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de S. Paulo aos Coríntios: “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada”. O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.¹⁸⁵

Após algum tempo de estudo, o médico sente necessidade de observar e dissecar o comportamento de todos os habitantes de Itaguaí. O alienista quer diagnosticar a todo custo a locura e a razão por meio da análise sistemática e arbitrária de preceitos éticos e morais de justiça, retidão, sinceridade, prudência, modéstia etc. Para tanto, Simão Bacamarte parte da assertiva de que os excessos podem ser a causa inicial das doenças mentais e, portanto, julga insano aqueles que matam por amor, ou demonstram obsessão por discursos eloquentes. As credices exageradas, o sentimento de posse exacerbado ou a vaidade, entendidos por ele como crimes da moral, são indícios da desrazão. O alienista entende que o vício, originário dos defeitos e imperfeições comportamentais do homem em sociedade, e a virtude, busca obsessiva pelas qualidades, são os dois pólos que orientam a sua teoria. No entanto, Simão Bacamarte, afetado por sua mania de ciência, descobre uma impossibilidade curiosa dentro de sua investida científica. No mundo de Itaguaí, as virtudes seriam ironicamente minoria dentro do pequeno universo de convivência da cidade. Em *Irônica invenção do mundo: uma leitura de O alienista*, o crítico Ivan

¹⁸⁵ ASSIS, Machado de Assis. *O alienista*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. II. p. 256

Teixeira aponta que, no desígnio de Simão Bacamarte, o resultado de sua teoria sobre a mente humana é a de que os homens, no geral, são doentes e dominados pela degeneração dos próprios interesses. Eles submentem a própria vida e a de seu semelhante ao sofrimento, interesse e miséria em favor de seus caprichos e paixões.

Entre virtude e vício, pode ser extraído um conjunto de comportamentos tido como racional. A grande ironia reside na maneira como Machado de Assis entende a ordem social. No extenso conto *O alienista*, a organização da vida dos homens não emana necessariamente de suas virtudes.¹⁸⁶ Na pequena narrativa, o médico usa como objeto de estudo inúmeros habitantes de Itaguaí. O alienista disseca também supostas manias humanas a fim de dar suporte a suas investigações. A cidade é constantemente aterrorizada pelas reclusões ordenadas pelo médico. Simão Bacamarte persegue sistematicamente os adoradores de piadas e de anedotas, os dementes e os que demonstram um gosto demasiado pelos enigmas. Os formuladores de anagramas são logo tomados como desequilibrados. Os que se deliciam em difamar a vida alheia e saboreiam a maledicência, o médico manda à Casa Verde. Em Itaguaí, a vaidade e a avareza são ainda indícios e defeitos próprios de uma razão que Simão Bacamarte supõe desgovernada.

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascerça ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafalaria, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural, e as segundas a um vício. Se um

¹⁸⁶ TEIXEIRA, Ivan. Irônica invenção do mundo: uma leitura de *O alienista*. In: *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea*. Org. GRANJA, Lúcia et alli. São Paulo: Editora UNESP, 2008. pp. 109-142

homem era avaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental.¹⁸⁷

Os homens não podiam rir, ou mentir. Não era permitido também imaginar, ou exercer a liberdade dos desejos, tal como as moças namoradeiras faziam. Toda expansão do pensamento, ou a representação do mundo por meio de imagens criadas, era algo logo considerado como uma idéia errônea e distorcida da realidade sisuda ou dos juízos morais apreciados pelo alienista.

— Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia [Simão Bacamarte].

188

De acordo com a teoria do médico, a insanidade deveria ser diagnosticada nos arredores da razão "A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia". Ainda de modo fixo, o alienista diz ao padre Lopes que já existe uma definição sobre os limites divisores da razão e da loucura.

— Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca? Sobre o lábio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à comiserção; mas nenhuma palavra saiu de suas egrégias entranhas.¹⁸⁹

¹⁸⁷ ASSIS, Machado de Assis. *O alienista*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. II. p. 279

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 261

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 262

A ideia de barreira física, presente na construção metafórica de cerca, filia-se à concepção de ventre materno por meio da expressão “entranhas egrégias” para tratar do caráter e da índole humanas. Simão Bacamarte, ao exercer o ofício da medicina, vê-se no direito de privar ou não a liberdade dos homens de Itaguaí. Ele passa a julgar, no convívio social, os dignos da soltura e os condenados à reclusão. Assim como fez a medicina higienista burguesa um século mais tarde, ele procura admoestar no âmbito privado da Casa Verde os membros da câmara e os homens considerados livres. Políticos e moradores percebem que a privação, o medo, o terror e o claustro não apenas atentam contra a liberdade dos homens brancos livres, mas, em um dado momento, contra a possibilidade de luta constante pelo poder.

No capítulo VI da novela *O alienista*, intitulado “A rebelião”, e o VII, “O inesperado”, a revolta dos homens da pequena cidade é relatada em torno de um movimento de insurreição popular. O exército dos descontentes, em relação à política de limpeza clínica do alienista, fica conhecido por Canjicas. O motim é liderado pelo barbeiro da cidade e, ao lado dele, há outra tensão. O conflito entre Sebastião Freitas, o presidente da Câmara de vereadores de Itaguaí, e o barbeiro Porfírio Caetano das Neves. Contudo, Porfírio se vale da insatisfação popular para não apenas contestar a ordem, mas tomar o poder. Ao manter o controle da luta, o dono da barbearia não manda Simão Bacamarte à prisão, nem destrói a Casa Verde, símbolo que havia intitulado “essa Bastilha da razão humana”. Diante do alienista afirma que, em “matéria de ciência” e “assunto tão melindroso”, “não pode, não deve” dispensar a competência do médico. O povo se encontra irritado com os recolhimentos tirânicos que o alienista promoveu contra três quartos da cidade. No entanto, Porfírio traduz em suas palavras a mensagem de que os itaguaienses não se revoltam contra a ciência de Simão Bacamarte, mas com o modo como seu poder de médico não se dissocia da competência de privação da liberdade alheia. Em *A razão cética*, Kátia Muricy

entende que Itaguaí representa a “intervenção dos médicos nas questões administrativas do Estado”. Talvez seja interessante acrescentar que há uma relação entre o psíquico e a supressão dos hábitos do passado. Simão Bacamarte instrumentaliza o cientificismo e os conhecimentos sobre psiquiatria a fim de aplacar os costumes dos homens de Itaguaí, normas sociais vigentes que a ciência condenaria segundo seus métodos. Os meios curativos do alienista, assim, pautavam-se na reclusão de todos aqueles que se mostrassem em desacordo com a visão de suas considerações médicas.¹⁹⁰

O ponto culminante da pequena narrativa se dá quando, em alusão à Guarda Nacional do Império brasileiro, os dragões chegam à pequenina cidade para enfrentar os trezentos homens liderados pelo barbeiro Porfírio. A trágica luta pelo poder, vista de modo crescente entre o barbeiro e o presidente da Câmara, culmina na insurreição popular seguida do confronto violento com o exército imperial. Além disso, há outro tipo de conflito que se instaura em *O alienista*, que pode ser visto como a luta pela liberdade, sendo esta visível a partir da tensão permanente da novela entre o povo e o alienista. A inversão irônica da narrativa se revela quando a luta da razão contra sandice se resume na disputa pelo poder político.

No capítulo VIII, Rubião questiona Quincas Borba sobre seu estado físico-mental. O doente diz que “o médico era um charlatão, e que a moléstia precisava espairecer, tal qual a saúde”.¹⁹¹ Há uma luta pela liberdade, em oposição ao confinamento e repouso indicados a Quincas Borba, presente no trecho. O doente e a ordem médica lutam constantemente. Segundo o suposto filósofo, “dous estados de Humanitas”. A alusão ao conflito entre as duas tribos famintas reaparece no trecho e pode ser traduzida como a tensão entre a liberdade e o enclausuramento. Diante da ameaça de reclusão, o criador do Humanitismo se rebela e diz que precisará ir a corte.

¹⁹⁰ MURICY, Kátia. As desventuras da desrazão. In: *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 33

¹⁹¹ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 650

Assim, contrariando o pedido de repouso do médico, Quincas Borba reage decidindo cuidar de “negócios pessoais”, mandando “chamar o tabelião” e demonstrando interesse em registrar o “testamento com as formalidades do estilo”.

Cabe destacar que as moléstias, assim como a intimidade da lar, tornaram-se objetos de preocupação da política higienista do século XIX. O objeto dessa medicina, conforme expõe Jurandir Freire Costa, reside em uma espécie de controle direcionado à família, com o desígnio de suprimir os costumes da sociedade colonial pelo modo de vida burguês.¹⁹² Ela consistiu na admoestação dos antigos costumes patriarcais, transformando-os em uma conduta de classe que atendia aos interesses do capital. As normas de saúde para o casamento, a educação dos filhos, as concepções de amor e sexo foram pensadas conforme os interesses das relações regidas pelas classes que exerciam tanto poder econômico quanto político no século XIX. A narrativa passada em Itaguaí e a do romance *Quincas Borba* pertencem a tempos distintos. Determinados discursos, normas e ideias nos anos da filosofia humanista inexistem na época da colônia, não fazem parte do tempo de Simão Bacamarte. Dessa forma, higiene, saúde e sanidade, concepções ideologicamente formuladas para tratar de Quincas Borba, posteriormente para excluir Rubião do círculo social, constituíram-se como instrumentos auxiliares para a reclusão dos supostamente insanos assim apenas no século seguinte ao dos acontecimentos de *O alienista*. No capítulo X, a ruína do cérebro de Quincas Borba é identificada, entre esquisitices, alterações no humor e ímpetos sem motivos, e imediatamente filiada ao corpo.

Não havia dúvida; estava doudo. Pobre Quincas Borba! Assim, as esquisitices, a frequente alteração de humor, os ímpetos sem motivo, as ternuras sem

¹⁹² COSTA, Jurandir Freire. A medicina das cidades. In: *Ordem médica e norma familiar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004. p. 19-33

proporção, não eram mais que prenúncios da ruína total do cérebro. Morria antes de morrer.¹⁹³

Na condição de doente, segundo o diagnóstico médico, o criador do sistema humanista deveria ser impossibilitado do convívio social. A moléstia do físico, como consequência do desmoronamento da razão, pois Quincas Borba “morria antes de morrer” com a “ruína total do cérebro”, culminava na limitação do exercício da vida civil. Se identificada a alienação, prova da incapacidade mental, estaria nulo o testamento deixado. Ao ver chegar uma carta, enquanto conversava com Rubião sobre o doente, pergunta o médico se há algo reservado na mensagem. O amigo enfermeiro responde que “Justamente, traz uma comunicação reservada, reservadíssima; negócios pessoais”.

Dizendo isto, Rubião meteu a carta no bolso; o médico saiu; ele respirou. Escapara ao perigo de publicar tão grave documento, por onde se podia provar o estado mental de Quincas Borba. Minutos depois, arrependeu-se, devia ter entregado a carta, sentiu remorsos, pensou em mandá-la à casa do médico. Chamou por um escravo; quando este acudiu, já ele mudara outra vez de idéia; considerou que era imprudência; o doente viria em breve, – dali a dias, – perguntaria pela carta, argüi-lo-ia de indiscreto, de delator ... Remorsos fáceis, de pouca dura.¹⁹⁴

No século XIX, Jurandir Costa Freire ressalta que o termo “médico” geralmente se referia aos “profissionais da medicina que funcionaram como teóricos ou executores da política de higienização das cidades, da população e da família”.¹⁹⁵ É indispensável sublinhar que, muito

¹⁹³ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 652

¹⁹⁴ *Idem*

¹⁹⁵ COSTA, Jurandir Freire. A cidade familiar. In: *Ordem médica e norma familiar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004. p. 35-48

embora o estudo de *Ordem médica e norma familiar* não seja sobre os manicômios ou hospícios, há um dispositivo ideológico que o autor toma nota de “polícia médica [...] como conjunto de teorias, políticas e práticas que se aplicam à saúde ao bem-estar da população”.¹⁹⁶ Tal discurso profilático, encabeçado pelos higienistas oitocentistas, cuida da garantia de ingerência médica ao homem livre branco não pobre. Em *Quincas Borba*, Rubião luta pela confidencialidade da carta escrita pelo criador do Humanitismo, pois, além do sentimento de culpa por não revelar o conteúdo da carta do amigo ao médico, está o medo de que recaia sobre ele a acusação pública de falta de auxílio ao controle das doenças na família.

No capítulo CLVI, o lar de Rubião não guarda mais seu asseio e organização. A perda do juízo do herdeiro se manifesta também no desarranjo da casa “Toda a mais casa, gasta pelo tempo e pela incúria, tapetes desbotados, mobílias truncadas e decompostas, cortinas enxovalhadas”. Palha, ao perceber a demência do sócio, coloca-se ao lado dos aparentes “cuidados médicos” conforme seus interesses financeiros transformando o “esquecimento”, o “transtorno” e a “confusão”, tensões do âmbito privado, em questões de saúde pública. Afirma ter a intenção de levá-lo a uma pequena casa, mas que nada o impede de ser transferido para “um estabelecimento de saúde”.

— O nosso amigo precisa de repouso por algum tempo, disse-lhes o Palha, em Botafogo, na véspera da mudança. Hão de ter reparado que não anda bom; tem suas horas de esquecimento, de transtorno, de confusão; vai tratar-se, por enquanto é preciso que descanse. Arranjei-lhe uma casa pequena, mas pode ser que, ainda assim, passe para um estabelecimento de saúde.¹⁹⁷

¹⁹⁶ COSTA, Jurandir Freire. A cidade familiar. In: *Ordem médica e norma familiar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004. p. 32

¹⁹⁷ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p.781

Em conversa com o deputado Teófilo, no capítulo CLVIII, Cristiano Palha fala de Rubião como um homem de “acessos” e “ideias de grandeza”. O político sugere que talvez seja possível tratá-lo. Palha confessa a alguns amigos no capítulo CLXV que havia encontrado uma casa para o doente. O herdeiro, sob o pretexto de descanso e repouso, foi levado pelo capitalista para longe do círculo social que se encontrava. Ao comentarem sobre a demência de Rubião, a patologia é aludida por meio da metáfora de um organismo doente. Palha explica que, algumas vezes, tentou dizer ao amigo que algo não ia bem. Disse-lhe indiretamente que talvez ele tivesse com algum mal no estômago, uma forma de se referir aos delírios. A metáfora do sistema digestório elaborada por Palha, ao falar da consciência, estabelece uma analogia entre a mente e o corpo de Rubião. A doença do herdeiro é comparada a uma debilidade do corpo e, segundo a objetivação da demência feita pelo capitalista, exige cuidados. Palha afirma que seu amigo deveria "comer" menos, ou, figurativamente, não delirar. Segundo o oportunista, nutrir o corpo é uma forma de se referir ao fato de Rubião necessitar de bons "alimentos" para o cérebro. O amigo, segundo Palha, encontrava-se mais magro e amarelo. Assim, a suspeita de uma patologia mental estaria associada a aspectos físicos na visão do sócio. Por fim, a loucura é comparada ao mal funcionamento do estômago, à má digestão da comida e à fome.

– Muitas vezes lhe disse, por boas maneiras, que era indispensável consultar um médico, por me parecer que tinha alguma coisa no estômago ... Era um modo de desviar o sentido, compreende [dizia a Pio, amigo comum das duas personagens]? Mas ele respondia sempre que não tinha nada, digeriria bem ... – “Mas come menos, dizia-lhe eu; há dias em que não come quase nada; está mais magro, um pouco amarelo...” Compreende que não podia [continua Palha a Pio]

dizer-lhe a verdade. Cheguei a consultar um médico, meu amigo; mas o nosso bom Rubião não o quis receber.¹⁹⁸

Ao se observar a metáfora do estômago e da digestão, negativamente ligada à loucura, pode-se retomar o princípio do conflito entre duas tribos famintas. Palha luta por pecúnia e priva o sócio de liberdade, decidindo interná-lo e diagnosticando sua demência de forma indireta.

Em *A metáfora do corpo*, Sonia Brayner sublinha que as esferas da experiência humana se filiam, no romance naturalista, às dimensões animais, orgânicas e biológicas. Isso se dá por meio do uso de símiles que, ao aproximarem a figura humana a de um bicho, destituem-no de sua humanidade. Subtraem do homem algumas das qualidades que o diferenciam de bicho ou coisa. O ser, então, transfigura-se em algo bruto. A companhia dos animais, como os cães que “caminham” ao lado dos trabalhadores de *O cortiço*, iguais na fome, aproximam ser humano e animal a uma suposta igual natureza.¹⁹⁹ Rubião, aprendiz do Humanitismo não se dá conta de que seria o próprio objeto do sistema que lhe havia sido apresentado. A consciência-de-si, segundo a analogia do capitalista, seria a boa digestão; ao passo que a loucura, a má. Assim, Palha usa o herdeiro de Barbacena, enclausurando-o para deixá-lo às margens da sociedade e destituí-lo de seu cabedal. A consciência de Palha está pautada no princípio da expropriação, assim como Humanitas está determinado a devorar os seres.

No capítulo CXCVI, com o cachorro Quincas Borba, Rubião expropriado e louco retornou à Barbacena e “foi andando rua abaixo, seguido sempre pelo cão, faminto e fiel, ambos tontos, debaixo do aguaceiro, sem destino, sem esperança de pouco e de comida”. O estômago que, segundo Palha, digeriria mal, agora sofria de inanição e se encontrava cada vez mais próximo do

¹⁹⁸ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 781

¹⁹⁹ BRAYNER, Sonia. Uma estilística animal. In: *A metáfora do corpo no romance naturalista*. Rio de Janeiro: São José, 1973. p. 91-108

lado “mais fraco da tribo”, ou o Palácio de Tulherias, ex-morada de Napoleão III destruída por um incêndio. Os dois continuaram andando e “vagaram sem destino. O estômago de Rubião interrogava, exclamava, intimava; por fortuna, o delírio vinha enganar a necessidade com os seus banquetes das Tulherias”. O afastamento de Rubião do círculo social de Palha, aparentemente com o objetivo de fazê-lo descansar ou repousar, é depois visto como um meio de aprisionamento do indivíduo. Mais uma vez, a regra, para aqueles que não se adequam ao sistema, é de que sejam colocados à sua margem. A exclusão do doente se concretiza com o afastamento de seus “amigos”, justificado por um critério supostamente médico.

O regime da luta entre duas tribos, na visão da filosofia humanitista de Quincas Borba, determina de forma trágica a vitória do mais esperto sobre o mais ingênuo. Em outros termos, Rubião se torna “presa devorada” do arrivista que assumiu para si uma consciência selvagem e desumana presente no processo político-econômico e histórico.²⁰⁰ Todos evitam a loucura de Rubião, ocasionada pela mania de grandeza e seu amor frustrado. Eles tentam colocar a megalomania do rico das Minas como causa de sua ruína material e, conseqüentemente, da sua demência. Em outros momentos, o sentimento de grandeza e prestígio do herdeiro é um comportamento mais próximo ao estado da alienação mental do anti-herói.²⁰¹ Cabe destacar que tal razão dada aos sintomas da pobreza do herdeiro é ideológica e dissimulada. Ela esconde o real ditame da exploração além de permitir que Palha finja não ter usufruído do fato de o herdeiro não ter consciência do modo de circulação e produção do dinheiro. Rubião aprofunda e alarga sua ruína, ao mesmo tempo que se torna presa fácil dos oportunistas, desconhecendo a existência das formas legais de exploração na corte. A mania de superioridade dele é tida como patologia e

²⁰⁰ Os capítulos CLXXI, CLXXIV, CLXXIX, CLXXX e CLXXXI, no romance *Quincas Borba*, exemplificam progressivamente o processo de exclusão do herdeiro.

²⁰¹ LOPES, José Leme. *Quincas Borba*. In: *A psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1974. p. 121-147 Ver ainda FOUCAULT, Michel. O nascimento do asilo. In: *História da loucura*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 459-503

aproveitada pelos interesses de Palha, Camacho e outros. Ela está em conflito com os princípios da prodigalidade do acúmulo do capital e o espírito da reprodução monetária, uma vez que o êxito do capital está em não submeter os rendimentos à loucura desenfreada dos gastos. Há uma relação dialética, portanto, entre a ilusão de Rubião quanto à infinitude de seu cabedal e à lógica da exploração. Uma lógica contraditória, porém, vital ao funcionamento da sociedade em que estão as personagens. Quanto mais o herdeiro se afunda em suas manias de grandeza, tanto melhor para os aproveitadores. A “doença” de um é a “saúde” dos outros.

Assim, “Rubião foi recolhido a uma casa de saúde”. O enfermo, dias depois de sua internação, escreve ao "amigo" Palha para que o visite. Pede-lhe que o tire de lá. No encontro dos dois, Rubião acrescenta de maneira aparentemente lúcida que enfrentou um problema mental, mas já se encontrava restabelecido: “tive uma crise mental, disse-lhe Rubião; agora estou bom, perfeitamente bom. Peço-lhe que me ponha fora daqui. Creio que o diretor não se oporá”. Palha, na frente do amigo, promete livrá-lo da reclusão. No entanto, sua fala encontra divergência quanto a seu pensamento. Diante do médico, confessa a vontade de mantê-lo ali o quanto necessitasse.

Antes de sair, consultou [Palha] o diretor, que lhe deu boas notícias do enfermo. Uma semana é pouco, disse ele [o médico Falcão]; para pô-lo bom, bom, preciso ainda uns dois meses. Palha confessou que o achara são; em todo caso, mandava quem sabia, e se fossem necessários seis ou sete meses mais, não precipitasse a alta.²⁰²

A cena intensifica a luta pela liberdade vivida por Rubião, que resiste em ficar recluso na casa de saúde. Palha legitima a decisão do doutor Falcão e parece consentir em deixar o enfermo isolado por mais tempo. A reclusão contribui para os interesses materiais de Palha, sendo o

²⁰² ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 804

tratamento de Rubião a instrumentalização da luta de morte presente na alegoria das duas tribos famintas. Enquanto o herdeiro se encontra enfermo, Palha administra os bens do sócio. Rubião, esquecido e preso, não consegue evitar a liquidação de seus bens pelo ex-sócio. Ao final, “declarou Palha ter liquidado os bens do Sr. Rubião: apurou três contos e duzentos”. A herança, quase completamente dilapidada pelo capitalista, ilustra a teoria de Humanitas e conduz Rubião tragicamente à loucura.

Em *História da loucura*, Michel Foucault aponta que a relação entre médicos e doentes, à medida que a experiência humana se aprofunda por meio dos laços burgueses, é posta não segundo o paradigma da cura. A pessoa considerada insana deve ser retirada do círculo social e, reclusa, ela se torna objeto de uma medicina de aprisionamento do corpo. O controle sobre o outro, assim, submetido ao regime da internação, fica à mercê de instituições protegidas pelo Estado. O pensador francês acrescenta que, entre os séculos XVIII e XIX, a noção de loucura enquanto patologia de relações causais entre o físico, cérebro, e os humores, foi fortemente defendida pela medicina moderno-burguesa.²⁰³ No caso do romance *Quincas Borba*, era necessária, segundo a visão do arrivista, a exclusão do herdeiro do círculo social de sua família, uma vez que esta passava a ser a norma de higiene das famílias. A tensão no romance ocorre quando Rubião foge da clínica de onde estava “o diretor da casa de saúde; noticiava que Rubião, desde três dias, desaparecera, não tendo podido ser encontrado por mais esforços que houvessem empregado a polícia e ele”. Do ponto de vista legal e burocrático, de acordo com Michel Foucault, a ordem médica representa um discurso de autoridade incontestável. Assim, Rubião tido como “doente”, Palha tem o caminho livre para se apropriar da empresa dos dois e tomar de forma legal o restante do cabedal do herdeiro. Ao fazer a análise dos caprichos de Brás Cubas e da filosofia

²⁰³ FOUCAULT, Michel. Médicos e doentes. In: *História da loucura*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 336. O capítulo “A transcendência do delírio”, no mesmo volume, discute a relação causa e consequência, físico e demência, como discurso da medicina moderno-burguesa para a classificação e diagnóstico de doenças psíquicas.

de Quincas Borba, Katia Muricy descreve que, diante da realidade social exterior e das desigualdades naturalizadas na vida brasileira, os indivíduos buscam negativamente formas de autoconservação.²⁰⁴ Diante das possibilidades históricas do Brasil do século XIX, a norma das relações entre os seres é, evidentemente no processo de expropriação, regida pelo egoísmo explícito e selvagem de “Ao vencedor, as batatas”.

O discurso da medicina, imbricado com o poder de polícia e reclusão, encontra-se internalizado até mesmo nos limites da província. Como instrumento da ordem do Estado, os habitantes de Barbacena também perseguem Rubião a ponto de denunciá-lo. No capítulo CXCV, chegando à cidade mineira, o herdeiro exclama a fórmula do sistema humanista. Ele a retoma como a suprema “lei da vida e da verdade”, preenchendo seu “sentido vago da luta e da vitória” com a própria experiência.

– Ao vencedor, as batatas [diz Rubião]!

Tinha-as esquecido de todo, a fórmula e a alegoria. De repente, como se as sílabas houvessem ficado no ar, intactas, aguardando alguém que as pudesse entender, uniu-as, recompôs a fórmula, e proferiu-a com a mesma ênfase daquele dia em que a tomou por lei da vida e da verdade. Não se lembrava inteiramente da alegoria; mas, a palavra deu-lhe o sentido vago da luta e da vitória.²⁰⁵

Logo após vagar pela cidade natal, inspirado pela fórmula humanista da luta, o enfermo é reencontrado por sua comadre. Mulher muito simples e impressionada diante dos delírios de Rubião. Em seus acessos, repete “Ao vencedor, as batatas!” enquanto ela procura auxílio. Uma vizinha e um homem ajudam a identificar também os sintomas da loucura em Rubião. Após algum tempo, “vieram vindo outras pessoas, às duas, às quatro, e, antes de uma hora, muita gente

²⁰⁴ MURICY, Kátia. O cabo do chicote. In: *A razão cética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 104

²⁰⁵ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 804

espiava da rua”. O herdeiro arruinado continuava a repetir “Ao vencedor, as batatas!”. A frase desconhecida por todos era motivo de riso. Seus antigos inimigos, ao se darem conta de seu estado, zombam e dizem à comadre que não lhe convém ficar com um doido em casa. Eles a orientam a levá-lo à cadeia. Dali, uma autoridade talvez o mandasse a outra parte.

– Ao vencedor, as batatas! bradava Rubião aos curiosos. Aqui estou imperador!
Ao vencedor, as batatas!

Essa palavra obscura e incompleta era repetida na rua, examinada, sem que lhe dessem com o sentido. Alguns antigos desafetos de Rubião iam entrando, sem cerimônia, para gozá-lo melhor; e diziam à comadre que não lhe convinha ficar com um doido em casa, era perigoso; devia mandá-lo para a cadeia, até que a autoridade o remetesse para outra parte.²⁰⁶

Rubião deixa a casa da comadre e, finalmente, depois de ser diagnosticado pelo mesmo médico de seu amigo Quincas Borba, morre. Os olhares do público e das autoridades, que procuram pelo herdeiro tido como louco, evidenciam que do lado da “razão” estão os “doentes alienados”. Diferentemente do espaço da província de *O alienista*, o discurso da norma prisional para os dementes, a serviço dos interesses da ordem do Estado imperial brasileiro no século XIX, encontra-se em Barbacena. A dificuldade de Simão Bacamarte residia no fato de ele não encontrar respaldo na sociedade para as suas ideias, muito menos se via a metrópole em condições de impor uma organização das cidades que se sobrepusesse à articulação política das municipalidades nos tempos da colônia. A lei, representada pela Câmara de deputados de Itaguaí, estava em desacordo com as concepções de controle da liberdade e o direito de prisão. Em *O nascimento da clínica*, Michel Foucault aponta que uma fase da Revolução Francesa tomou as instituições de reclusão para supostos doentes mentais como meio de contenção social. Como as grandes revoltas geradas

²⁰⁶ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 806

no mês de Termidor, contra os mentores do ano de 1789, não pressupunham mais espaço para radicalismos, o meio encontrado pelos revolucionários para amenizar os motins foi a abertura de instituições médicas para os leigos. A ideia era restaurar a estabilidade política do Antigo Regime, com os interesses da burguesia moderada girondina, e instruir os novos instruídos a combaterem os radicais. Aos poucos, os hospícios e hospitais se transformaram em agentes da ordem civil, excluindo da vida social os excessos e patologias físico-mentais que perturbassem o equilíbrio social.²⁰⁷

Ao final do romance *Quincas Borba*, citando a fórmula humanista, já empobrecido e considerado louco, Rubião parece estar consciente do processo trágico que lhe sobreviera. Síntese lúcida da luta de todos contra todos que Machado de Assis evidencia como instrumento dos que excluem, perseguem e enclausuram por meio da sujeição do outro segundo também os preceitos da medicina higienista. No trecho supracitado, os conhecidos de Rubião debocham de sua condição e se referem a ele como demente. Afirmam que estar com um “doido em casa” é algo perigoso. Eles defendem o pressuposto de que as clínicas mentais e a polícia exercem uma atividade conjunta de controle, sujeição e privação da liberdade.

Em *A razão cética*, Katia Muricy aponta que no Brasil os métodos de profilaxia mental ou física exercem a função de polícia ao mesmo tempo que servem ao aparato da administração do Estado. A norma familiar, a partir da segunda metade do século XIX, age mais pelo seu caráter político e ideológico, do que médico. A causa das moléstias mentais e de doenças infecto-contagiosas era a grande preocupação dos médicos da época. Na passagem em que Rubião reencontra sua província, os compatriotas veem o ex-rico chegar da corte pobre e louco. Assim, ele se torna objeto de riso e deboche, muito embora a compreensão da cena seja mais trágica que

²⁰⁷ FOUCAULT, Michel. A lição dos hospitais. In: *O nascimento da clínica*. Tradução de Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 68-94

cômica para a comadre de Rubião. Talvez seja interessante ressaltar que ele não apenas foi excluído do círculo dos oportunistas da corte, mas, sobretudo, marginalizado por familiares. Tanto no Rio de Janeiro, quanto na província, o discípulo da filosofia do Humanitismo termina como o próprio objeto da teoria ensinada.

No romance *Quincas Borba*, a loucura encontra-se intrincada com a herança, sendo a fortuna proveniente do legado o objeto mais desejado entre os oportunistas. Rubião, por meio de seu sentimento de posse, alimenta seus jogos de representação e busca por prestígio. Em *A psiquiatria de Machado de Assis*, José Leme Lopes aponta que existe em Rubião uma obsessão em ser tratado como nobre e com títulos honoríficos. A megalomania do herdeiro, acentuada em seus delírios de se ver enquanto Napoleão III, conflita com a mentalidade burguesa de acumulação de capital. O costume de engrandecer a si próprio, ideia fixa que ao se expandir é objetivada por meio do diagnóstico da loucura, segundo a ideologia higienista burguesa, configura um tipo de patologia próxima àquelas de Pinel.

Certo dia, o capitalista, questionado sobre o estado de Rubião por D. Fernanda, desvia o rumo de sua conversa. Quando ela lhe pergunta “Por que não o tratam?”, Palha responde: “Parece que não é cousa grave, acudiu Palha; tem desses acessos, mas assim mansos, como viu, idéias de grandeza, que passam logo; e repare que, fora daquilo, conversa perfeitamente”. O marido de Dona Fernanda, o deputado Teófilo, pergunta a Palha “Que fazia ele, ou que faz agora?”, ao capitalista responde: “Nada, nem agora nem antes. Era rico, - mas gastador. Conhecemo-lo quando veio de Minas, e fomos, por assim dizer, o seu guia, no Rio de Janeiro”. Ao final da conversa, Palha afirma “Bom homem. Sempre com luxo, lembra-se? Mas não há riqueza inesgotável, quando se entra pelo capital”. Teófilo, depois de ouvir o capitalista, comenta: “Não

sou médico, mas pode ser que esse seu amigo fique bom”.²⁰⁸ Na conversa entre Palha, Dona Fernanda e Teófilo, a loucura, embora instrumento da exploração do capitalista, torna-se objeto da discussão das personagens segundo o ponto de vista da norma familiar.

Rubião tem uma percepção histórica e econômica bem diferente de seus amigos ao tomar posse de seu legado. Ele empresta e doa parte de seu pecúnio aos que se dizem amigos, ou aos que se colocam próximo a ele, sem se preocupar com a multiplicação de seu capital. Os efeitos dessa suposta falta de consciência capitalista, de não desconfiar das aparências amigáveis ou serviçais de seu novo círculo social, resultam em experiências negativas e trágicas. A ação arrivista de Palha se revela de forma mais agressiva e, disfarçadamente por meio do “tratamento” do enfermo, o sócio capitalista liquida o cabedal do herdeiro. Assim, a saída do doente de sua reclusão clínica coincide com a ruína da fortuna adquirida no testamento. A metáfora do estômago e do “não digerir bem” se reproduz e é desvelada na demência de Rubião. Na alegoria da luta selvagem, envolvendo as duas tribos famintas, as batatas são insuficientes e indivisíveis entre os que guerreiam na disputa pelos nutrientes. Assim, mediante a analogia do apólogo do conflito entre dois grupos famintos, a luta pelo capital do herdeiro pode ser compreendida como o embate trágico entre o herdeiro e os oportunistas. O objeto de Humanitas, o homem a ser “devorado”, exige ser explicado pela paródia de filosofias, sistemas teóricos e concepções científicas anteriores ou contemporâneas ao regime humanista de Quincas Borba.

A pretensa sublimidade do sistema borbista, ou a superação que ele supunha ter sua filosofia em relação a todo o pensamento histórico-filosófico contemporâneo e anterior, é negativa, pois sua reflexão não somente vista como fruto de uma mente insana, mas, sobretudo, da lógica operante de que “Humanitas precisa comer”. Ele incorpora e digere as concepções

²⁰⁸ ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. I. p. 775-76

científicas do século XIX e percepções filosóficas do *jansenismo*, apropria-se de interpretações históricas acerca do escravismo e reflexões schopenhauerianas, submetendo-as a seu sistema. Contudo, além da miscelânea paródica das ideias alheias, há o dado ideológico da medicina e da norma familiar burguesas instrumentalizado pela posição ocupada por Palha. Em *Ideologias e ciência social*, Michel Löwy afirma que o nascimento do positivismo e do historicismo, ocorridos ao longo dos oitocentos, legitimam uma cultura burguesa de conduta social cada vez mais objetivada pelo sistema capitalista. Tal forma de racionalização da existência humana, brutal e virulenta, dá-se por meio da multiplicação e organização da experiência cotidiana cada vez mais determinada pelo ritmo ascendente da produção e do acúmulo financeiro selvagem.²⁰⁹ A luta por capital entre estratos distintos na sociedade carioca converteu-se em um paradigma de conduta do homem, culminando na ideia de que à comunidade resta apenas um modelo de vida associado ao *darwinismo*.²¹⁰ Na luta pela herança. Rubião é pouco a pouco coisificado. Da metáfora presente na teoria humanista, a de que o "Humanitas precisa comer", pode se entender a ironia de que o "Homem precisa comer". Rubião é "devorado" pela lógica econômica da competição violenta entre os indivíduos, um dos aspectos normativos regentes da vida social brasileira.

²⁰⁹ LÖWY, Michel. Ideologias. In: *Ideologias e ciências sociais: elementos para uma análise marxista*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2008. pp. 10-36

²¹⁰ Há um estudo sobre luta de classes e darwinismo social, aproximações e influências que se perderam com a fragmentação do conceito de totalidade do conhecimento ao longo do século XIX e da lógica burguesa de conceber a ciência, em MOCEK, Reinhard. *Socialismo revolucionário y darwinismo social*. Madrid: Akal, 1999.

Breves considerações finais

Por meio de uma escritura paródica das principais ideias e concepções filosóficas, contemporâneas ou anteriores ao século XIX, postas ironicamente enquanto normas, o sistema humanista tem como fundamento as reflexões de Blaise Pascal, o positivismo comteano e o determinismo de Charles R. Darwin. Ao dar os inúmeros nós que compõem sua narrativa, o suposto lunático Quincas Borba, “com muitas ideias colhidas aqui e ali”, conforme diria Brás Cubas, apóia-se em uma visão aparentemente tragicômica de mundo. Assim, a mistura feita por Quincas Borba de “idéias próprias e alheias, imagens de toda sorte, idílicas, épicas, a tal ponto que Rubião perguntava a si mesmo como é que um homem, que ia morrer dali a dias, podia tratar tão galantemente aqueles negócios”, apoiada em citações e distorções de conteúdos humanistas variados, parece causar ao leitor um efeito tanto cômico quanto trágico. Contudo, Quincas Borba retoma o pensamento *jansenista* de Blaise Pascal e, em particular em sua época, a visão de tragédia que os escritos nietzschianos já começavam a sinalizar como elemento substancial do mundo moderno.

Em meio ao entusiasmo cientificista e às euforias de progresso, Friedrich Nietzsche, este, pensador e não personagem filósofo, em um ensaio datado de 1871, retorna às tragédias antigas para ler seu tempo presente. Para ele, entre o mundo da harmonia, apolíneo, e o do desarmônico, dionisíaco, os gregos concebiam a possibilidade de o funesto se mesclar com o derrisório. Assim, o humor, na presença do coro do ditirambo dos sátiros, era “o ato de salvação da arte grega; no mundo intermediário desses companheiros de Dioniso esgotavam-se as crises”, tensões estas notáveis na relação homem e conceito burguês de civilização. Contudo, os homens antigos sabiam

que o trágico não se distanciava do universo real, mesmo que o humor amenizasse o sentido aterrorizante tal qual a vida se apresenta.²¹¹

Ao analisarmos o romance *Quinca Borba* mais atentamente, por conta de o funesto se revelar de modo paródico, o cômico parece dividir terreno com a tessitura social trágica da sociedade carioca oitocentista. No entanto, o processo de coisificação, embora em chave risível, não se equilibra com o riso, mas sim culmina em ações aterrorizantes. Conseqüentemente, o tragicômico se mostra insuficiente para explicar o realismo da narrativa borbista. Para que a análise estivesse sustentada por uma noção de arte minimamente verossimilhante, tão cara à literatura machadiana, tentamos sublinhar que, na elaboração das normas da família e da ordem médica, estão latentes questões de pecúnia, herança e casamento. Por isso, o lapso temporal pós-Independência, pela necessidade de o Estado unir-se ao núcleo familiar burguês e à esfera privada a fim de desestruturar o mundo antigo da colônia, homens brancos seriam doutrinados a uma espécie de lógica de vida que estaria por concluída com a implantação de uma sociedade estamental. Nela, o casamento, a monogamia e a secularização dos costumes moldariam os novos parâmetros da conduta burguesa nascente no Brasil. Além disso, a racionalidade administrativa e financeira na burocracia estatal, com um conceito específico de formação cultural europeizado e o estatuto jurídico regulador do escravo enquanto mercadoria contrastavam com o universo sócio-político e econômico dos tempos da colônia. Surgiu, assim, um Estado que permitiu em seu sistema a luta humanista pela autoconservação em que nem mesmo o dinheiro foi a única condição para se ter os louros de “Ao vencedor, as batatas”.

²¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia no espírito da música. In: *Os pensadores*. Tradução Rubens Rodrigo Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 31-32 Friedrich Nietzsche critica o conceito de *pathos* presente em *Teoria da tragédia* de Friedrich Schiller. Diferentemente do teatrólogo, as inúmeras formas de sofrimento, angústia e pesar humanos não levam o homem a um conhecimento útil na experiência humana. Para F. Nietzsche, o trágico traz a dor, incomensurável e intransponível. Ver: SCHILLER, Friedrich. Acerca do patético. In: *Teoria da tragédia*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1992. p. 114

Depois de tomar a disputa social como matriz, para a promoção de uma série de normas sociais, dispositivos discursivos e ideologias que corroborassem com o liberalismo econômico oitocentista, não era tarefa simples convencer os membros das famílias tradicionais na esfera privada a se transformarem em agentes de um Estado burocratizado, estabelecido e centralizado no Rio de Janeiro. A medicina higienista, assim, em meio a esse processo transformador operante sobre o mundo antigo da Colônia, configurou-se como uma alternativa ao recém-independente Império. Com a propagação de um conceito de núcleo familiar puro, sem a liberdade sexual da casa-grande, nem a estrutura familiar quase autônoma e patriarcal do senhor, a chegada da Corte implicou imediatamente a mudança forçada da vida dos homens país. Como consequência da transferência do Império português para o Brasil, fundação de um Estado na ex-colônia, inúmeros homens brancos pobres e escravos foram postos à margem do que se entendia por sociedade. Como as normas surgidas não incluíam todos, uma crescente disputa entre os excluídos e os inseridos no sistema burguês oitocentista brasileiro se generalizou. A luta como regra social, singularmente mais trágica do que cômica, impôs-se enquanto normalidade. Com isso, os dispositivos discursivos ideológicos, filosofias, concepções econômicas do liberalismo trazidas para o sistema escravista do século XIX brasileiro, além de padrões culturais, literários e científicos, preencheram as lacunas de uma suposta desordem, permitindo que os homens vissem uns aos outros como “coisa”.

Em *Quincas Borba*, a paródia das ideias, que abre o romance, indica a lógica humanista do pensamento ocidental levada ao absurdo na sociedade brasileira. Descompasso dionisíaco "natural" do mundo brasileiro. No sistema humanista, portanto, há um mal-estar ironicamente colocado enquanto norma ao leitor, própria do fim trágico, que não se pode superar facilmente

mesmo diante do cômico.²¹² Assim, a filosofia e a tragédia, no processo de reificação do romance *Quincas Borba*, portanto, configura-se e é alimentada por meio de normas sociais e paradigmas higienistas geradores do conflito e da desarmonia humana.

²¹² De forma sintética, as perdas ou aspectos negativos de nossa cultura, como forma ideológica de um tipo de dominação conservadora e selvagemmente opressora, o mal-estar do estrato dominante em conciliar escravismo e liberalismo, são partilhados pela elite política filiada aos estratos mais abastados da sociedade brasileira. Já as vantagens desse tipo de modernidade são divididos entre poucos. Ver: SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: *Que horas são?* 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 29-48

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 2003
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. *O discurso e a cidade*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- COSTA, Emília Viotti. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 7.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Sobre el arte*. Buenos Aires: Claridad, 2009.
- FACIOLI, Valentim. *Um defunto estrambótico*. 2.ed. São Paulo: Nankin/Edusp, 2008.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. *O nascimento da clínica*. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4.ed. São Paulo: UNESP, 1997
- GARBUGLIO, José. A composição e a decomposição. In: *Quincas Borba*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1969. p. 05-09

- GLEDSON, John. A política. In: *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 102-120
- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- HENAUX, Victor. *Queda que as mulheres têm para os tolos*. Tradução Machado de Assis. Belo Horizonte: Crisálida, 2003.
- LA BRUYÈRE, Jean de. *Os caracteres*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1941.
- LODGE, David. *A arte da ficção*. Tradução Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- LIMA, Luiz Costa. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- LOPES, José Leme. *A psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- LÖWY, Michel. *Ideologias e ciências sociais: elementos para uma análise marxista*. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LUKÁCS, György. *Estética*. Traduzione di Fausto Codino. Torino: Einaudi, 1973.
- _____. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Vol. I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- MOCEK, Reinhard. *Socialismo revolucionário y darwinismo social*. Madrid: Akal, 1999.
- MOISÉS, Massaud. *Machado de Assis: ficção e utopia*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- NETO, José Raimundo Maia. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2007.
- PACHO, Julián. *Positivismo y darwinismo*. Madrid: Akal, 2005.
- PASTA JR, José Antônio. Singularité du double au Brésil. In: Journée Du Cartel Franco Brésilien de Psychanalyse, 2002, Paris. La Clinique du spéculaire chez Machado de Assis. Paris: Association Lananienne Internationale, 2002.
- KONDER, Leandro. *Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito de alienação*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

- PASCAL, Blaise. *Pensées*. Édition de Michel Le Guern. Paris: Gallimard, 2004.
- PASSOS, José Luiz dos. *Machado de Assis, o romance com pessoas*. São Paulo: Nankin, 2007.
- REGO, Enylton de Sá. *O calundu e a panacéia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- ROUANET, Paulo Sérgio. *Riso e melancolia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica da morte*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SCHWARCS, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCHWARZ, Roberto. *¿Quién me dice que este personaje no sea el Brasil?* In: *Quincas Borba*. Traducción: Juan Garcia Gayo. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979. p. 09-31
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 2.ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BRAYNER, Sonia. *A metáfora do corpo no romance naturalista*. Rio de Janeiro: São José, 1973.
- SOUSA, Ronaldo de Melo. *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2006.
- VARA, Teresa Pires. *A Mascarada Sublime: Estudo de Quincas Borba*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1995.